

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A FAMÍLIA DA FÉ EM TEMPOS MODERNOS

*UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE CONSTITUIÇÃO FAMILIAR, RELAÇÕES DE
GÊNERO E SEXUALIDADE ENTRE PRESBITERIANOS.*

Ana Keila Pinezi Barbosa

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Romanelli

*Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia*

RIBEIRÃO PRETO - SP

1999

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central Campus USP - Ribeirão Preto

Pinezi-Barbosa, Ana Keila

A família da fé em tempos modernos: uma interpretação sobre constituição familiar, relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos.

Ribeirão Preto, 1999.

207p., il.; 30cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto / USP,
Departamento de Psicologia e Educação.

Orientador: Romanelli, Geraldo

1. Religião. 2. Gênero. 3. Família. 4. Sexualidade.

Dedico este trabalho àqueles homens e mulheres que reconhecem a importância um do outro e que vêm no respeito a melhor forma de se desvencilharem de preconceitos. A esses, minha homenagem, e a Deus o meu pedido de que faça nascer no coração de todos nós o respeito à diferença e o reconhecimento de que não nos criou segundo nossas construções sociais de superioridade ou inferioridade.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a meu Deus. Chamo-o de “meu” como se chama a um amigo de “meu amigo”. Ele foi minha maior companhia durante esta pesquisa.

Minha gratidão ao professor Geraldo Romanelli, meu orientador e amigo, que com dedicação, respeito e consideração ajudou-me a realizar este trabalho. Agradeço-o pelo acolhimento e pela palavra certa quando eu me sentia no meio de uma “neblina”.

Meu agradecimento sincero a meu marido, Flávio, que com compreensão, respeito e amor apoiou-me durante todo esse tempo. A ele meu carinho por colocar-se ao meu lado, por valorizar-me e por poder com ele compartilhar minhas dúvidas, incertezas e vitórias.

A meus pais, João e Geisa, pelo amor, carinho e apoio nessa fase da minha vida. A eles minha gratidão por me ensinarem os caminhos de Deus.

Meu agradecimento a minhas amigas Rute e Magali, pelo apoio, por me demonstrarem o valor da verdadeira amizade nos momentos de solidão.

À minha irmã, Kedman, mais que irmã de sangue, minha grande amiga, com quem posso partilhar minha vida, chorar e rir sem nenhum embaraço.

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação, aqueles com quem eu sinto prazer de estar junto. Em especial, agradeço a amizade de Luciana, pela solidariedade que temos dentro de um relacionamento transparente.

Meus agradecimentos aos casais presbiterianos por terem confiado em mim e aberto, gentilmente, a porta de suas casas para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

A CAPES, pela concessão de bolsa por seis meses que muito me ajudou na elaboração da pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão de bolsa que possibilitou este trabalho e a conclusão da pesquisa.

A todos que de alguma forma ajudaram-me a concretizar este trabalho, tão importante pra mim.

Resumo

As mudanças ocorridas no mundo moderno desafiam, por meio do surgimento de formas alternativas de organização social, os valores tradicionais de instituições como a religiosa, no espaço público, e a familiar, no espaço privado. A partir disso, o objetivo deste trabalho foi realizar uma análise interpretativa do *ethos* e da visão-de-mundo de uma comunidade evangélica presbiteriana no que se refere às relações de gênero e à vivência da sexualidade de seus membros procurando apreender como introjetam padrões e códigos do universo religioso e como lidam com as mudanças da sociedade em que vivem. Realizada entre um grupo de presbiterianos, a pesquisa evidenciou a forte vinculação entre religião e família e a maneira pela qual esses presbiterianos reinterpretam os princípios religiosos, na tentativa de articulá-los aos novos valores e modelos de relações de gênero, divisão sexual do trabalho e moralidade sexual que emergem na sociedade inclusiva. A reinterpretação desses novos valores provoca ambigüidades que se mostram no espaço de tensão vivenciado por esses presbiterianos. Estes apresentam um discurso que enfatiza a igualdade entre os sexos e, ao mesmo tempo, demonstram práticas ainda atreladas aos padrões tradicionais de relações e constituição familiares.

Abstract

The changes occurring in the present world are, through the arising alternatives of social organization, challenging the traditional values of institutions such as: the religious, in the public space and the familial ones, in the private space. The aim of this research was to do an interpretative analysis of the "ethos" and the world view of a presbyterian evangelical community concerning the relations of gender and the representations of sexuality of its members, and also try to apprehend how this group absorbs patterns and codes of the religious universe, and how the presbyterians in this particular group deals with the new changes occurring in the society they live in. This research was done with a presbyterian group. It evinced a strong linkage between religion and family, and also the way how they reinterpret the religious principles in an attempt to link them with the new values and new models of relationship of gender, sexual division of the work and sexual morality that emerges from the inclusive society. The reinterpretation of these new values causes ambiguities that are displayed in the space of tension that this religious group has experienced. They still present a discourse that emphasizes equalization between men and women, and at the same time display practices that are held in linkage with the traditional patterns of familial relationship and familial constitution.

*Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;
porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos
revestistes.*

*Destarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem
liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em
Cristo Jesus.*

(Carta de Paulo aos Gálatas – capítulo 3, versos 26-28)

INDICE

INTRODUÇÃO.....	2
I- A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E FAMÍLIA.....	6
1 - A EFICÁCIA DA DIMENSÃO RELIGIOSA	6
2 – A RELIGIÃO: MUDANÇAS E REDEFINIÇÕES.....	17
3 - A RELIGIÃO E A FAMÍLIA NAS ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA.....	21
4 - FAMÍLIAS DE CAMADAS MÉDIAS: CARACTERIZAÇÃO E DINÂMICA	25
5 - RELAÇÕES DE GÊNERO: PERSPECTIVAS PARA A ANÁLISE.....	31
II - (RE) PENSANDO A METODOLOGIA.....	37
1 - O UNIVERSO DE PESQUISA	48
III - O TRABALHO DE CAMPO	53
1 - A INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO.....	53
2 - DIANTE DOS SUJEITOS DE “CARNE E OSSO”.....	62
3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTATO COM OS SUJEITOS NA ESFERA PRIVADA.....	84
4- UMA INCURSÃO À DIMENSÃO DO “EU” ATRAVÉS DO “OUTRO”.....	86
IV – POR UMA INTERPRETAÇÃO DOS PRESBITERIANOS	89
1 - A MISTURA DOS SONS.....	89
2 - A AVENTURA DE INTERPRETAR	91
1- A estrutura religiosa dos presbiterianos.....	91
2- A Importância da família para a igreja.....	95
3- A Importância da igreja para a família.....	100
4- A constituição familiar segundo um “modelo divino”.....	111
5- Local e hora para o exercício da sexualidade.....	120
6- Quem (ainda) canta de galo?.....	129
7- A hierarquia no corpo de Cristo.....	155
8- O espaço da não-regra.....	174
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
BIBLIOGRAFIA	186
ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	199
ANEXO II – QUADROS DE CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES.....	201

Introdução

Enquanto os noivos entreolhavam-se, os convidados dividiam sua atenção entre o que o pastor, naquele sábado, dizia e a beleza das flores, o brilho das roupas das mulheres, a elegância dos homens, os penteados das madrinhas, as reações dos pais dos noivos, o som delicado do piano, o nervosismo do noivo e os detalhes do vestido branquíssimo da noiva.

O pastor falava sobre o casamento, como sendo uma instituição divina, um “projeto de Deus para o homem”. Ele não se dirigia somente aos noivos. Falava a todos que já se casaram e aos que aspiram pelo casamento. Em sua exposição, o pastor, com a Bíblia aberta, argumentava que no casamento ocorrem problemas, mas que estes, com o auxílio de Deus, podem ser superados. Ilustrando essa idéia, falou sobre um certo homem, no final do século passado, que comprara um automóvel da marca Ford e saíra, satisfeito, com seu carro para passear. No meio da estrada, o automóvel apresentou problemas no motor. Desolado, o senhor, parado na estrada, tentava descobrir o que acontecera. Nesse momento, saltou de um outro carro um homem com o intuito de ajudar aquele senhor. Chegando-se ao senhor, o homem, então, ofereceu-se para ajudá-lo. O senhor agradeceu e disse que não havia como ajudar e que ele já havia tentado detectar de todas as formas o problema, mas sem êxito. O desconhecido que saltara do carro continuou a insistir dizendo que poderia ser útil. O senhor, então, perguntou-lhe se ele era um mecânico. O desconhecido identificou-se e disse-lhe que ele era Henry Ford, o “inventor” daquele carro, e que por isso saberia solucionar o problema. Fazendo uma analogia, o pastor dizia às pessoas ali presentes que somente Deus pode resolver os problemas que surgem no casamento porque foi ele quem o “inventou”, foi ele quem o planejou, quem o projetou.

Ao final da cerimônia, o pastor faz a seguinte pergunta aos noivos: “Se Deus lhes conceder filhos, prometem criá-los nos caminhos do Senhor?”.

Esta é apenas uma das inúmeras situações, no meio evangélico, em que ouvi a idéia de que o casamento e, por conseqüência, a família são instituições divinas e que, por isso, ocupam um lugar de destaque no espaço do sagrado. A última pergunta feita aos noivos no final da cerimônia remete à questão da sexualidade no que se refere à reprodução biológica da família aprovada por Deus dentro do casamento. O ritual do casamento envolve também orientações quanto às questões de gênero porque marcam o lugar do feminino e do masculino.

Foi pensando sobre essa forte relação que os evangélicos vêem entre o casamento e a família e os preceitos divinos que conclui ser interessante compreender, de forma mais sistematizada, como essa relação se dá numa sociedade que atravessa tantas mudanças e que exige novos posicionamentos dos indivíduos.

Minhas indagações sobre a forma como os evangélicos organizam seu sistema de valores nas esferas pública e privada foram intensificadas ao pensar como podem ser situados os preceitos imutáveis de Deus diante de mudanças tão rápidas e incessantes no meio secular. Se Deus instituiu a família, dentro de um padrão que não deve ser substituído, nem questionado, como os evangélicos pensam as formas alternativas de organização familiar que surgem através dos tempos?. Essa pergunta parecia me perseguir toda vez que eu ia a um casamento ou ouvia um sermão sobre o modelo divino para a família.

Se os evangélicos de origem calvinista – como é o caso dos presbiterianos – vivessem isolados do mundo, talvez a resposta estivesse no fato de que eles teriam como proteger seus valores de forma a conservá-los imunes a qualquer inovação, a qualquer ameaça de mudança. Mas, esses evangélicos realizam-se no mundo. Eles são “indivíduos-no-mundo”. O contato com o “novo” é inevitável e talvez inevitável também seja o conflito que advém do questionamento do “velho”. O lugar da certeza continua a ser a Bíblia. Mas como interpretá-la nos dias de hoje?.

Estes foram os questionamentos que me levaram a realizar esta pesquisa. As respostas, em forma de compreensão, que ela venha a proporcionar interessam-me não só como pesquisadora, mas como evangélica também. Essa clareza tem me acompanhado ao longo desse estudo. Acredito que as palavras de Evans-

Pritchard (1978, p.166), que se utiliza também das de W. Schmidt, expressam da melhor maneira o meu posicionamento quanto a essa questão:

Enquanto consideramos o estudo da religião como fator na vida social, pode importar pouco a diferença entre um antropólogo crente ou ateu, desde que em ambos os casos ele deve se restringir apenas àquilo que pode observar. Mas se desejarmos ir além disso, é preciso que cada um siga caminho diferente do outro. O ateu procura alguma teoria – biológica, psicológica ou sociológica – que explique a ilusão; o crente procurará compreender a maneira pela qual um povo concebe uma realidade e suas relações com ela. Para ambos, a religião é uma parte da vida social, mas para o crente, tem também outra dimensão. Aqui eu me encontro de acordo com Schmidt, na sua refutação de Renan: “Se a religião é essencialmente da vida interior segue-se que só pode ser realmente alcançada ‘de dentro’. Mas sem dúvida isto pode ser conseguido por alguém em cuja consciência interior uma experiência da religião desempenha algum papel. Há muito perigo de que o outro (o incrêdo) venha a falar de religião como um cego falando de cores ou um surdo de uma bela composição musical”.

A partir dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é interpretar e compreender como os presbiterianos concebem o domínio do feminino e do masculino, como pensam a constituição familiar diante do surgimento de novos modelos de família na sociedade inclusiva e como repensam seus valores e reelaboram a noção da imutabilidade dos absolutos divinos.

Nas estrelas vejo a sua mão,
E no vento ouço a sua voz;
Deus domina sobre terra e mar;
O que ele é pra mim?

Eu sei o sentido do natal;
Pois na história tem o seu lugar;
Cristo veio para nos salvar;
O que ele é pra mim?

Até que um dia seu amor senti,
Sua imensa graça recebi,
Descobri, então, que Deus não vive
Longe lá no céu, sem se importar comigo;

Mas agora ao meu lado está,
Cada dia sinto o seu cuidar,
Ajudando-me a caminhar,
Tudo ele é pra mim,
Tudo é Jesus pra mim,
Tudo ele é pra mim.

(letra de um cântico entoado pelos presbiterianos)

I- A Complexa Relação entre Religião e Família.

1 - A Eficácia da Dimensão Religiosa

Para Durkheim, a religião é a base sobre a qual o homem construiu suas primeiras representações acerca de sua própria existência bem como sobre o cosmos em que vive. A religião, a partir dessa perspectiva, foi a primeira forma que o homem dispôs para explicar e entender o mundo e os acontecimentos da vida, sejam de ordem natural, sejam de ordem social. Se adotarmos a argumentação durkheimiana, podemos pensar a religião como o fundamento dos sistemas de representações construídos socialmente pelos homens e que norteiam, ainda hoje, de maneira direta ou não, as regras de conduta dos indivíduos. Essas regras, por sua vez, atribuem significado às atitudes e à forma de ver o mundo e o “outro”. De fato, essa conclusão implica dizer que a religião está de tal maneira integrada na vida dos indivíduos que seria impossível pensá-la de forma isolada em relação a todos os aspectos da vida social. Aplicando essa idéia, não seria talvez um atrevimento supor que mesmo o indivíduo que afirma não ter uma religião mantém inevitável relação com representações sociais que, em última instância, estão fundadas num sistema religioso não específico¹. A própria negação da existência de Deus só é possível se houver a sua face afirmativa. Uma coisa *não é* em relação a uma outra que *é*. E aqui, esse pressuposto não diz respeito à noção de realidade em que uma suposta verdade das coisas mostra-se somente pela sua existência sensível. Ao contrário. Pensar o ser e o não ser só faz sentido na medida em que se olha a realidade como uma construção da coletividade que se fundamenta num mundo pensado sob a ótica das representações sociais.

Se temos em Durkheim essa visão de que a religião, cuja “invenção” se dá no seio da coletividade, é, em termos gerais e universais, a base das

¹ Lembramos aqui a marca durkheimiana de que o indivíduo está totalmente submetido aos valores que a coletividade constrói. A autonomia do indivíduo é mera quimera. Para Durkheim, na verdade, o indivíduo desaparece diante da coletividade.

representações sociais, Geertz (1978) aponta-nos uma outra questão que nos parece relevante. Geertz advoga a necessidade de uma abordagem antropológica voltada para a compreensão das particularidades das culturas e não para a busca de universais. O que Geertz (1978, p.51) critica é a conceituação de universais “substanciais”, isto é, que esses universais possuam o mesmo conteúdo em toda e qualquer cultura. Trazendo essa crítica para a questão da religião, de fato vemos que ela é pertinente pois só se pode compreender o *ethos* e a visão-de-mundo do ponto-de-vista êmico se se considerar, *a priori*, a religião como um universal sem conteúdo empírico específico ou constituído por *categorias vazias* (Geertz, 1978, p.51). É nesse sentido que vemos a idéia fundamental de religião de Durkheim que não contradiz as proposições de Geertz. A religião pode ser entendida como um universal em termos de estrutura, mas o sentido dela só pode ser apreendido nas particularidades de cada cultura ou de cada grupo social. Geertz (1978, p.52) expressa de maneira bastante interessante essa idéia:

Se alguém define a religião de maneira geral e indeterminada como a orientação mais fundamental do homem quanto à realidade, por exemplo - , então esse alguém não pode atribuir a essa orientação um conteúdo altamente circunstancial.

Nesse sentido, entendemos que Geertz defende o trabalho de campo e uma etnografia “densa” do que se observa. As idéias de Durkheim e Geertz mostram-se fundamentais para que se compreenda a intensa relação entre religião e sistemas simbólicos peculiares socialmente fabricados. Sem o trabalho etnográfico, argumenta Evans-Pritchard (1978), qualquer enfoque dado à religião tornar-se-ia uma mera especulação baseada em conjecturas. É também essa a crítica que ele faz a Durkheim no que se refere à análise que este fizera sobre a causa e origem do totemismo e, portanto, da religião dos povos primitivos. Evans-Pritchard (1978, p.141) chega a perguntar: *que utilidade teriam para a pesquisa de campo as teorias de Tylor, Müller e Durkheim acerca da origem da religião?*

Sem o trabalho de campo torna-se inviável perceber que dentro de um grupo social que compartilha de um mesmo universo simbólico religioso há

coisas que possuem significações diferentes e que mudam conforme o contexto ou o momento em que são empregadas no fluxo da vida social. Segundo Evans-Pritchard (1978, p. 126) *as coisas podem ser diferentemente pensadas em diferentes contextos. Em alguns, é apenas a coisa, em outros, é algo mais do que apenas a coisa.* Vemos aqui uma crítica a Durkheim, pois este faz uma clara e rígida dicotomia entre o sagrado e o profano sem levar em conta o contexto.

Além disso, se por um lado Durkheim refere-se, inicialmente em suas argumentações, à religião como sendo o fundamento das representações coletivas e a gênese do pensamento científico, por outro, ao dicotomizar coisas sagradas e profanas, sem que haja entre elas um vínculo ou uma inter-relação que se desenrole na vivência dos indivíduos, ele acaba por restringir a religião a momentos rituais e a situações específicas que não guardam relação com o cotidiano “profano” dos atores sociais. Essa formulação teórica é, de certa forma, compartilhada por Lévy-Bruhl que, ao categorizar o pensamento religioso do homem primitivo como pré-lógico, afirma a existência de uma contradição e mesmo um afastamento entre a *explicação mística da realidade e a explicação objetiva causal da mesma* (Evans-Pritchard, 1978, p. 126).

Acreditamos ser interessante a proposta de Evans-Pritchard que considera o sagrado e o profano como representações que se encontram numa intensa relação. Apesar de tal proposta ser dirigida especificamente a uma sociologia da religião primitiva, pode ser pensada de maneira geral nos estudos sobre religião em sociedades complexas. Sucintamente, Evans-Pritchard (1978, p. 153) descreve esse enfoque relacional da seguinte forma:

Sempre que expliquemos os fatos da religião primitiva sociologicamente, deveremos fazê-lo em relação com fatos outros, aqueles que com ela formam um sistema de idéias e práticas e outros fenômenos sociais que se lhe associam.

Parece-nos claro que uma análise da religião em sociedades complexas deve ser levada a efeito de acordo com um recorte da realidade. Não é possível pensar em realizar uma pesquisa que relacione a religião a uma totalidade social das sociedades complexas. Dentro dessa perspectiva, o pressuposto de que a

religião não pode ser entendida como uma idéia em si e que por isso precisa ser compreendida em relação a outros fatos da vida social que não sejam religiosos mostra-se suficientemente convincente para que se proceda a uma análise da religião, enquanto sistema, em sociedades complexas. Essa questão será retomada no decorrer desta discussão.

O que nos interessa voltar a refletir agora é sobre como pensar a religião num sentido mais geral. Já começamos a fazê-lo com a visão universalizante de Durkheim, embora demonstrando as críticas que lhe são endereçadas por construir, em seu gabinete, uma teoria fundada em fragmentos de particularismos culturais com os quais não tivera contato. Se o trabalho de campo é necessário e fundamental, como tentamos enfatizar até aqui, é preciso que tenhamos uma noção de religião no seu âmbito estruturante. Evans-Pritchard (1978, p.156) defende essa idéia:

Se não tivermos alguma orientação geral a respeito do que seja a religião, não iremos além de inúmeros estudos particulares das religiões de povos particulares.

Portanto, considerar a religião como um sistema cultural, como propõe Geertz, parece-nos um caminho interessante na medida em que pode nos proporcionar orientações gerais que nos auxiliem a tratar de questões específicas. Geertz (1978, p.104) parte da idéia de que *a religião é um sistema de símbolos*. Essa definição implica numa outra que a explica: a de que os padrões culturais são *sistemas ou complexos de símbolos* (Geertz, 1978, p. 106). Daí a idéia de religião como um sistema cultural. Essa definição, no entanto, depende de um aprofundamento sobre o que se quer expressar com a palavra *símbolo*. Os símbolos são formulações plenas de significado porque remetem a experiências abstratas materializadas ou a idéias, conceitos, sensações e atitudes que foram condensadas e concretizadas. A cruz vazia para os protestantes, por exemplo, simboliza duas lembranças de experiências distintas do Cristo: a morte e a vitória sobre ela.

Geertz traça outras características essenciais dos símbolos. Eles são uma espécie de *programa* com códigos estabelecidos que funcionam como modeladores ou ordenadores de processos e comportamentos no âmbito público. Em

razão de nortear comportamentos e processos externos ou públicos, os símbolos são observáveis como qualquer outro fato social. Sobre isso Geertz (1978, p.105/6) argumenta:

Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura.

Os símbolos modelam a realidade e ao mesmo tempo modelam-se a ela. São as duas faces da mesma “moeda” chamadas por Geertz (1978, p.109) de *modelo “de”* e *modelo “para” a realidade*. Dentro dessa perspectiva, os símbolos religiosos modelam o mundo,

(...) induzindo o crente a um certo conjunto distinto de disposições (tendências, capacidades, propensões, habilidades, hábitos, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter crônico ao fluxo de sua atividade e à qualidade da sua experiência.(Geertz, 1978, p.109).

O símbolo religioso deve ser um inquestionável estatuto de verdade e, para que assim ele seja visto, essa verdade deve transcender as verdades da lógica humana. Ela deve guardar um mistério que a vincule com o sobrenatural impedindo que seja de alguma forma ameaçada. Os símbolos, como ordenadores e orientadores da conduta dos indivíduos, precisam sempre ser alimentados e lembrados por essa verdade inquestionável porque se eles vierem a ruir instalar-se-á o caos. Este, argumenta Geertz (1978), significa a perda de sentido, a impossibilidade de interpretar e compreender os acontecimentos da vida. O caos é a face terrível do sagrado (Berger, 1985). Por isso, os símbolos, e em especial os símbolos sagrados, precisam ser legitimados pela própria obediência dos indivíduos à sua significância. A idéia de Berger (1985, p.40) sobre isso é relevante:

O cosmos sagrado, que transcende e inclui o homem na sua ordenação da realidade, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia. Achar-se numa relação “correta” com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos. Sair dessa relação “correta” é ser abandonado à beira do abismo da incongruência. Não é fora de propósito observar aqui que o vocábulo “caos” deriva de uma palavra grega que quer dizer “voragem” e que “religião” vem de uma palavra latina que significa “ter cuidado”.

Antes de discutirmos essa idéia de Berger, é preciso que enfatizemos que toda a argumentação sobre a necessária manutenção e constante legitimação dos símbolos não contraria o pressuposto de que os símbolos não são estáticos, fixos. Se eles são unidades significativas das quais os homens se valem para construir e modelar a realidade, e esta mostra-se dinâmica, então os símbolos também guardam um caráter dinâmico. Douglas (1976, p.89), ao referir-se à eficácia da magia, argumenta que se o poder dela não for ilusório, então os símbolos têm o poder de operar mudanças.

Retomemos aqui a citação de Berger que nos leva a reafirmar a relação entre o profano e o sagrado e não uma dicotomização entre ambos. O profano é afetado pelo sagrado na medida em que este último, sendo legitimado e reverenciado como verdade suprema, evita o caos que se evidenciaria no caráter profano das rotinas da vida cotidiana (Berger, 1985, p. 39). Além disso, a dessacralização do mundo provocaria uma descaracterização do profano que perderia seu contraponto. O cotidiano sem os símbolos religiosos seria um espaço sem sentido para a existência humana. Na verdade, não nos é possível pensar o sagrado sem o profano. O contrário também é verdadeiro. Essa questão é discutida por Evans-Pritchard (1978) que, ao criticar a dicotomia entre esses dois conceitos, afirma que mesmo para fins de observação na pesquisa de campo ou para a análise e classificação dos dados coletados essa separação não apresenta qualquer validade.

O profano e o sagrado dialogam cotidianamente e, mais que isso, mostram-se como opostos e complementares a ponto de produzirem uma teia de

significados (Geertz, 1978) em contextos determinados. Evans-Pritchard (1978, p. 93) oferece-nos uma argumentação bastante clara sobre isso com base numa etnografia de sociedades primitivas:

Por certo, o que ele (Durkheim) chama de sagrado e de profano pertencem ao mesmo nível de experiência e, longe de serem nitidamente demarcados em seus limites de vigência, são tão intimamente ligados que se mostram quase inseparáveis. Tais conceitos, portanto, não podem, quer para o indivíduo, quer para a atividade social, ser dispostos em departamentos fechados que negam um ao outro, deixando um de existir quando o outro entra em cena. Por exemplo, quando alguma desgraça como a doença é atribuída a algum erro prévio, os sintomas físicos, o estado moral do indivíduo envolvido e a intervenção espiritual formam uma experiência objetiva unitária, que dificilmente pode ser atomizada na mente.

Neste ponto, faz-se necessária uma diferenciação entre sociedades primitivas e sociedades complexas no que se refere a contextos e à experiência religiosa. Quase todas as sociedades primitivas possuem uma cultura unificada que propicia a realização das experiências dos indivíduos em contextos que têm entre si uma forte vinculação porque são permeados pela religião. Já nas sociedades complexas, notadamente as modernas, as experiências dos indivíduos *ocorrem em compartimentos separados* (Douglas, 1976, p.87). Segundo Douglas, na maioria das culturas primitivas há somente um campo da ação simbólica, enquanto que vemos nas sociedades modernas vários e distintos campos de ação simbólica. Essa distinção fundamental é resumida por Douglas (1976, p.88) da seguinte forma:

A diferença real está em que não levamos de um contexto para o próximo o mesmo conjunto de poderosos símbolos: nossa experiência é fragmentada. Nossos rituais criam muitos submundos pequenos, não-relacionados. Os rituais deles (dos povos primitivos) cria um universo único, simbolicamente congruente.

Posto isto, propomos que a argumentação de Evans-Pritchard seja considerada na sua essência que é a de desconstruir a inflexível separação durkheimiana entre sagrado e profano e, dessa forma, a de possibilitar pensarmos esses conceitos numa perspectiva relacional.

Quanto à argumentação de Douglas, a nossa proposição é a de que os contextos, nas sociedades complexas, onde se processam as experiências podem não estar relacionados de forma específica e/ou direta. No entanto, os *submundos* produzidos pela modernidade estão conectados, em última instância, à estrutura fundamental da sociedade, estrutura esta que se encontra assentada em universais vazios de conteúdo como a religião. Além disso, a cultura possibilita que esses *submundos* construam valores e os expressem por meio dos símbolos que podem abrigar significados que remetam às noções de sagrado e profano.

Pensando sob esse ponto-de-vista, interessa-nos discutir sobre a estreita relação entre essas duas noções. Ao mesmo tempo em que o profano ataca o sagrado e dele se alimenta, o sagrado ataca o profano com o intuito de “convertê-lo”, transformando-o, assim, em um “igual” e, por isso, afastando o perigo ameaçador.

Cabe aqui lembrar que a própria concepção do que sejam o profano e o sagrado está eivada de representações não unívocas e que, muitas vezes, estão em constante contradição sem que se excluam mutuamente. H. Saffioti (1992, p.198), ao discutir sobre símbolos culturais que “evocam múltiplas representações”, apresenta-nos uma reflexão interessante:

Com muita frequência, tais representações não são apenas diferentes, mas contraditórias. (...) Isto, todavia, é raramente percebido, porquanto as representações se apresentam sob a forma de dicotomias.

Voltamos, então, à questão do contexto, apontada por Evans-Pritchard, que aciona um mecanismo de seleção entre as representações que constituem o domínio do sagrado e do profano, de acordo com os símbolos que evocam os significados esperados naquele momento.

Se o sagrado e o profano complementam-se em meio a uma luta pelo poder, cabe lembrar, por um lado, a aversão de alguns grupos religiosos ao que chamam de coisas “mundanas” e, por outro, as críticas e ataques que os “mundanos” fazem a esses religiosos. M. Douglas (1976, p.171) define de maneira bastante clara essa “luta” e amplia a questão da seguinte forma:

Quando a comunidade é atacada do exterior, ao menos o perigo externo fomenta internamente a solidariedade. Quando é atacada do interior por indivíduos descontrolados, estes podem ser punidos e a estrutura, publicamente reafirmada.

Portanto, Douglas aponta uma “guerra” cujos inimigos não procedem somente de “fora” da instituição atacada, mas podem estar no meio dela. Por analogia, podemos pensar que os elementos sagrados e profanos relacionam-se de tal forma que há uma situação de interpenetrabilidade.

Se o espaço religioso, o qual os símbolos considerados sagrados preenchem de sentido, não está desconectado das rotinas da vida concebidas como profanas, então podemos pensar em como é possibilitado ao indivíduo o acesso a uma organização dos valores que muitas vezes são contraditórios e que são movimentados constantemente no interior de um mundo social impregnado por elementos sacros e profanos que se misturam e se opõem. Ou, ainda, podemos refletir sobre como o indivíduo constrói sua identidade e a experiência nesse turbilhão de símbolos e significados que se cruzam, mas que também se paralelizam.

Diante dessas considerações, não se trata aqui de perguntar-nos sobre o que é sagrado ou profano, mas sim de admitirmos que o caráter dinâmico que os envolve possibilita-nos perguntarmos sobre *quando* é sagrado ou *quando* é profano. (...) o que é “sagrado” pode sê-lo apenas em certos contextos e em certas ocasiões, e não em outras. (Evans-Pritchard, 1978, p. 93). Soma-se a esta idéia de negação de fixidez dos conceitos e/ou representações, a de que o profano e o sagrado são mediados pelos agentes ou instituições sociais que os incorporam e os representam. Sem dúvida, nesse sentido, a contextualização é ainda mais necessária para compreendermos quais são os agentes e os espaços institucionais em que há a

predominância do sagrado ou do profano e de que forma os enfrentamentos e as alianças entre essas duas esferas são travados.

Portanto, a discussão que se segue tem como objetivo situar a religião de uma forma menos generalizante e pensá-la numa forte relação com outros aspectos da vida que evidenciam mudanças e transformações na maneira como a sociedade constrói concepções e significados e os vivencia.

Castelo Forte

Letra: Martinho Lutero

Música: J.E. von Hafe

Castelo forte é nosso Deus,
Espada e bom escudo!
Com seu poder defende os seus
Em todo transe agudo.
Com fúria pertinaz
Persegue Satanás
Com ânimo cruel!
Mui forte é o Deus fiel,
Igual não há na terra.

A força do homem nada faz,
Sozinho está perdido,
Mas nosso Deus socorro traz
Em seu filho escolhido.
Sabeis quem é?
Jesus,
O que venceu na cruz,
Senhor dos altos céus
E sendo o próprio Deus
Triunfa na batalha.

Se nos quisessem devorar
Demônios não contados,
Não nos iriam derrotar
Nem ver-nos assustados.
O príncipe do mal
Com seu plano infernal
Já condenado está,
Vencido cairá por uma só palavra.

De Deus o verbo ficará
Sabemos com certeza
E nada nos assustará
Com Cristo por defesa!
Se temos que perder família, bens, prazer (mulher – na versão antiga)
Se tudo se acabar
E a morte, enfim, chegar
Com ele reinaremos!

(Hino da "Reforma" cantado pela congregação nos cultos).

2 – A Religião: mudanças e redefinições

Se na Idade Média a religião era um sistema constituído por uma forte instituição clerical que dirigia e regulava não só a crença dos fiéis na relação destes com o divino como também todos os aspectos da vida social (Woortmann, 1997), a história nos mostra uma profunda mudança dessa visão de religião a partir da Reforma Protestante ocorrida em 1517. Lutero questiona o poderio do clero e, ao reavivar as Escrituras através da doutrina da justificação do cristão pela fé e não pelas obras, ele abala os alicerces religiosos da época e, conseqüentemente, acaba por causar uma divisão no panorama religioso com a introdução de uma nova forma de ver o mundo e ressignificá-lo. Mas o golpe mais decisivo contra a religião enquanto algo restrito somente ao espaço da instituição clerical surge com Calvino, que a postula como algo pessoal. A relação com Deus passa a ser de responsabilidade exclusiva do indivíduo, intransferível e sem intermediação humana. O espaço privado do relacionamento do homem com Deus é demarcado: ele passa a ser restrito à interioridade do indivíduo. Sem dúvida, esse *renascimento* da religião, traz consigo a forte contribuição para a concepção moderna do individualismo acompanhada pela laicização da sociedade, fruto da *negação do universalismo da igreja medieval* (Woortmann, 1997).

Há de se fazer duas diferenciações entre a reforma iniciada por Lutero e a que Calvino dera continuidade. Para Lutero, o fiel deveria evitar a “contaminação” com o mundo enquanto que para Calvino, o fiel deveria expressar seus valores enquanto “filho de Deus” nas relações travadas no cotidiano da vida social. A evitação do mundo expressava-se no conservadorismo da reforma luterana quanto à liberdade individual. Esta, Lutero a reivindicava no plano espiritual, na relação com o divino. E nesse sentido, o indivíduo ainda era o indivíduo *extramundano*, o *indivíduo-fora-do-mundo* (Dumont, 1985). Mesmo questionando o clero e rompendo com a hierarquia da igreja de então, paradoxalmente Lutero, ao separar de modo dicotômico o poder religioso do poder temporal, acaba por

desvincular a relação do indivíduo com Deus da relação do indivíduo com o mundo “mundano” em que vive. São mundos que parecem não se interpenetrar.

O indivíduo extramundano, produzido pela reforma luterana, confronta-se com o indivíduo-no-mundo ou intramundano que vem à tona com Calvino, que a reveste de um caráter inovador e valoriza o trabalho do homem “predestinado” por Deus. Não é sem razão que Weber aponta a *ética protestante* como sendo o *espírito do capitalismo*. O indivíduo converso, “salvo” do inferno e justificado pela fé, é um indivíduo que se realiza no mundo, e está submerso na teia das relações sociais reafirmando sua predestinação através do êxito no trabalho. Ao contrário da reforma luterana, a calvinista funde o indivíduo extramundano e o intramundano (Woortmann, 1997).

Se, no entanto, no protestantismo, e particularmente no de raiz calvinista, a religião tornou-se algo restrito ao indivíduo no que se refere a sua relação para com o sagrado, é inegável que essa relação ocorre no mundo e por conseguinte é inevitavelmente partilhada com aqueles que professam a mesma fé. Durkheim (1979, p.530) apresenta-nos uma idéia interessante sobre isso ao analisar a religião de um modo geral:

(...) mesmo quando a religião parece pertencer inteiramente ao foro interno do indivíduo, é ainda na sociedade que se encontra a fonte viva da qual ela se alimenta. Podemos agora apreciar quanto vale este individualismo radical que queria fazer da religião uma coisa puramente individual: ele desconhece as condições fundamentais da vida religiosa. (...) uma filosofia pode elaborar-se no silêncio da meditação interior, mas não uma fé. Pois uma fé é, antes de tudo, calor, vida, entusiasmo, exaltação de toda atividade mental, transporte do indivíduo acima de si mesmo. Ora, como poderia ele, sem sair de si, crescer algo às energias que possui? (...) o único foco de calor junto ao qual podemos nos reaquecer moralmente é o formado pela sociedade de nossos semelhantes; as únicas forças morais pelas quais

podemos sustentar e aumentar as nossas são aquelas que outro nos fornece. (...) Ora, as crenças são ativas somente quanto partilhadas.

A religião, vista por esse ângulo, extrapola os limites da interioridade da relação do homem com Deus. Ela passa a propiciar, tanto para o indivíduo quanto para o grupo, um “modelo *da* atitude” e um “modelo *para* a atitude” (Geertz, 1978) no mundo das relações sociais.

Portanto, se a salvação da alma bem como a manutenção da relação com Deus é um assunto que diz respeito somente ao plano individual no âmbito do protestantismo, a religião, enquanto sistema, nunca deixou de ser uma fonte de ordenamento para a conduta dos fiéis. É exatamente no meio profano, na sociedade secular, que o fiel reafirma sua identidade construída a partir de sua relação com o sagrado, relação esta compartilhada com outros que abraçaram a mesma fé e por eles legitimada. Ela, a religião, no seu sentido mais geral e livre de qualquer denominação complementar, *parece mediar um conhecimento genuíno, o conhecimento das condições essenciais nos termos das quais a vida tem que ser necessariamente vivida.* (Geertz, 1978, p.146). Dessa forma, o indivíduo muda sua conduta ao converter-se e constrói sua nova identidade. Isto traz implicações tanto na esfera privada quanto na esfera pública.

Antes de pensarmos essa questão, seria interessante notar que todo o histórico sobre as transformações pelas quais o pensamento religioso passou aponta também para mudanças fundamentais na concepção e organização da sociedade ocidental. As sociedades modernas mostram os efeitos dessas contínuas mudanças ao dissociar a religiosidade das concepções sociais e morais e estabelecer, assim, o que alguns sociólogos, como Weber (1968), chamaram de “secularização da cultura”².

² Machado (1996, p.18) argumenta que (...) o processo de modernização da sociedade ocidental indica uma diferenciação entre cultura e sociedade que deslocaria as tradicionais imagens religiosas do mundo. Esta diferenciação estrutural se manifestaria na autonomia da ciência, arte e moral, como esferas de valores com lógica própria e muitas vezes conflitante com as demais. Mas tem também um

O individualismo e a secularização de um mundo pluralista são marcas bastante expressivas da modernidade. Contudo, a pretensa liberdade do indivíduo em escolher o que quer ser ou fazer, tão esperada com o advento da modernidade, esbarra em questões como uma sensação de vazio moral (Durkheim, 1989), de perda de identidade, *sem um significado para a existência* (Machado, 1996, p.18) e a não resolução do problema do sofrimento humano. A modernidade não respondeu, por meio do racionalismo e da lógica científica, satisfatoriamente ao homem como livrar-se da dor e do sofrimento sem o consolo dado pela religião e nem mesmo lhe deu seguranças ou garantias quanto a suas opções. Cabe aqui lembrar a afirmação de Geertz (1978) quanto à questão do sofrimento. Segundo ele, dentro de uma perspectiva religiosa, o sofrimento não é visto como algo que possa ser evitado. A religião mostra ao homem

(...)como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável – sofrível, se assim podemos dizer.(Geertz, 1978, p.119)

Essa idéia confirma uma outra: a de que a religião é um *sistema cultural* (Geertz, 1978) e, assim sendo, ela não se esgota já que sofre mudanças, inovações e continua a estar presente tanto no *ethos* quanto na visão de mundo das sociedades. *A religião sobrevive: suas funções é que se redefinem no curso da história* (Machado, 1996, p.17).

caráter paradoxal, expressando ao mesmo tempo a secularização da sociedade e o surgimento de uma forma singular de politeísmo.

3 - A Religião e a Família nas Esferas Pública e Privada

Ao considerarmos a religião como um sistema que não se esgota, como acabamos de discutir acima, essa idéia nos remete ao fato de que ela precisa criar mecanismos para reagir às mudanças que a modernidade tem rapidamente provocado no interior das sociedades.

Muitos trabalhos têm surgido no campo da sociologia e da antropologia apontando para o crescimento de movimentos religiosos revivalistas como a Renovação Carismática Católica e o Pentecostalismo. A crescente expansão desses movimentos, em linhas gerais, tem sido apontada como o resultado de um intenso desejo dos adeptos em ter uma experiência religiosa mais sensível e da necessidade dos indivíduos em receber por parte dessas instituições religiosas orientação quanto à forma de viver e resolver os problemas e conflitos que a vida se lhes oferece, uma vez que a religião tradicional de origem, especificamente o catolicismo no Brasil, não tem se preocupado com esse tipo de orientação (Prandi, 1997).

Propomos colocar em discussão os protestantes históricos que, apesar de não apresentarem um crescimento significativo como o apresentam os pentecostais, continuam a se reproduzir enquanto grupo religioso de uma maneira 'endogâmica', de geração em geração. Os evangélicos históricos, no Brasil, são hoje apenas 3% da população (Prandi, 1997) e caracterizam-se por um grande número de adeptos advindos das camadas médias (Freston, 1994)³. Pensando nesse percentual, os

³ Cabe aqui um esclarecimento sobre os termos evangélico e protestante. Evangélico é um termo que abrange todas as denominações cristãs originárias, de forma direta ou não, da Reforma Protestante ocorrida no século XVI. Portanto, os protestantes históricos, *representados pelas igrejas reformadas de origem européia e norte-americana, instaladas no Brasil desde o século passado* (Prandi, 1997, p.16), bem como os pentecostais, originários do movimento de reavivamento protestante norte-americano, são considerados evangélicos. Fazem parte do protestantismo histórico as seguintes denominações: Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Batista, Metodista, Anglicana, Episcopal. As principais denominações pentecostais são a Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular. As neopentecostais também são consideradas evangélicas e são elas: Brasil para Cristo, Deus é Amor, Igreja da Graça, Casa da Bênção, Nova Vida, Renascer em Cristo, Internacional da Graça Divina e Universal do Reino de Deus.

evangélicos são o “outro” numa sociedade em que a religião oficial, o catolicismo, é majoritária, com um total de 61% de adultos que se dizem católicos tradicionais (Prandi, 1997). Se a identidade é contrastiva, como afirma Roberto Cardoso de Oliveira (1976), pode-se supor que os protestantes constroem a sua identidade religiosa em contraste com o catolicismo. Nesse sentido, os evangélicos tornam públicos sua fé e seus valores, reafirmando a identidade de *outro* no plano das relações sociais seculares. Exemplos disso são vistos no debate político-social sobre a legalização do aborto e sobre o reconhecimento dos direitos civis de casais homossexuais, temáticas em efervescência atualmente no Brasil. Em ambas as questões, os evangélicos colocam-se enfaticamente contra essas propostas (Freston, 1994), publicizando suas posições e seus valores inerentes à sua identidade evangélica. Se por um lado pode-se ver claramente a rejeição dos evangélicos a determinados valores do mundo secular, por outro a história dos protestantes no Brasil demonstra uma forte influência do protestantismo no sentido de colaborar para a secularização da sociedade brasileira. Sobre isso Ramalho (1976, p.67) argumenta que os protestantes contribuíram *para a secularização da sociedade através da apresentação de um universo simbólico alternativo, com o aparecimento de mais uma religião no cenário nacional*. De fato, essas questões nos remetem à idéia de ambigüidades existentes na contínua construção da identidade dos evangélicos.

Retomando a questão do espaço da religião na esfera pública, vê-se que na modernidade, como já foi dito, a religião foi confinada à esfera privada e isto se deve, entre outros fatores, à instauração do individualismo moderno como valor (Dumont, 1985) e à secularização do espaço público. É importante registrar que a religião além de atuar como fonte de orientação para que o indivíduo se reconcilie com Deus por meio da conversão, é também um espaço em que socialmente são construídas regras de conduta e padrões de vida compatíveis com os preceitos divinos interpretados. No protestantismo isso é ainda mais intenso pelo fato de se caracterizar como uma *forma internalizada de religião* no sentido de *estimular comportamentos orientados por valores distintos do sistema axiológico predominante na organização social...* (Machado, 1996, p.22).

Ao pensarmos na dicotomização, provocada pelas proposições da modernidade, entre a esfera pública e a privada é inevitável que se pense na família como um espaço privado socializador por excelência em que os valores morais e os padrões de conduta são transmitidos, reproduzidos e redefinidos por seus integrantes. A instituição familiar tem sido considerada também como um espaço privilegiado em que as religiões e seus valores são transmitidos (Machado, 1996). Tem-se, então, uma correlação entre família e religião. É na família que a religião encontra seu maior eco e sua maior aliada na transmissão e reprodução de seus valores. Ambas, religião e família, são consideradas

*(...) estruturas mediadoras entre o domínio público e o privado
(...) elas fornecem uma base social que se pretende segura para a
atuação do indivíduo no 'turbulento mundo criado pela modernidade
capitalista' (Machado, 1996, p.33).*

Se a modernidade capitalista ameaça de alguma maneira a ordem e a constituição da família, então a religião torna-se defensora da moral familiar associada a valores convencionais. Há uma certa complementaridade entre a estrutura familiar e a religiosa. Família e religião relacionam-se com diferentes dimensões da sociedade de tal forma que influenciam contínua e intensamente a sociedade inclusiva. Essa relação, no entanto, entre a esfera pública e a privada é marcada pela tensão entre os valores considerados profanos e os religiosos que elas respectivamente representam.

Além dessa idéia, é importante frisar que é no interior da família que o indivíduo converso professa sua fé e expressa, pelas suas atitudes e palavras, seus novos valores. Segundo Romanelli (1995, p. 76), como no espaço familiar *a expressão de aspirações, sentimentos e emoções é mais livre do que no domínio público, a cena doméstica é carregada de tensões*. Esta questão é bastante discutida no trabalho de Machado (1996) mostrando que a conversão do indivíduo e a expressão dos valores e padrões, estabelecidos pela comunidade religiosa que passa a fazer parte, podem trazer conflitos entre os membros da família ou, ao contrário, atenuá-los. Sem dúvida, os familiares que não se converteram serão afetados pelo converso de alguma

forma, convertendo-se também ou não, e as relações familiares apresentarão mudanças. Essas mudanças serão discutidas nos outros tópicos, privilegiando as relações de gênero no espaço doméstico e as representações sobre sexualidade. Há também a necessidade de se pensar em famílias que, por tradição e por *herança* religiosa, fazem parte de comunidades protestantes e este parece ser o caso mais comum entre os protestantes históricos. As relações que são travadas no interior dessas famílias certamente também são diferentes das que travam familiares que não se situam nessa tradição evangélica. Por isso, essa idéia é tema a ser discutido com base nos dados etnográficos.

4 - Famílias de Camadas Médias: caracterização e dinâmica

Vimos que o pensamento e as instituições religiosas passaram por mudanças. Na esfera privada, a família também confrontou-se com novos padrões e com formas alternativas de constituição e organização. O modelo hegemônico de família, na modernidade, é contestado e a emergência de modelos alternativos leva os indivíduos a vivenciarem uma crise no que se refere às representações tradicionais de organização familiar. Romanelli (1995, p.75) sintetiza os atributos básicos da família hegemônica:

(...) uma estrutura hierarquizada, no interior da qual o marido/pai exerce autoridade e poder sobre a esposa e os filhos; a divisão sexual do trabalho bastante rígida, que separa tarefas e atribuições masculinas e femininas; o tipo de vínculo afetivo existente entre os cônjuges e entre esses e a prole, sendo que neste último caso há maior proximidade entre mãe e filhos; o controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual.

Novas orientações quanto à moralidade sexual dentro e fora do casamento, a introdução maciça da mulher no mercado de trabalho, a idéia de uma vivência livre da sexualidade, entre outros aspectos, trouxeram consigo um desmoronamento da ordem tradicional da vida doméstica e das relações de gênero. A dificuldade dos indivíduos em decodificar esses novos valores emergentes, orientadores da organização e funcionamento da vida familiar, acaba por gerar uma *indeterminação das identidades de gênero* (Romanelli, 1986). É importante notar que os padrões hegemônicos da instituição familiar não são abandonados rapidamente e substituídos pelos padrões emergentes. Ao contrário, as novas formas de organização da sexualidade e da família são adotadas gradativa e lentamente por diferentes segmentos da sociedade e este processo ocorre num cenário em que os padrões hegemônicos continuam a existir, ora sendo contestados ora sendo reafirmados. Sendo assim, essa situação é geradora de conflitos, enfrentamentos e questionamentos que

outrora o modelo hegemônico familiar, reinando soberano, conseguia abafar. As relações entre os sexos, no que se refere a direitos e deveres, ao espaço reservado ao masculino e ao feminino e à busca de “realização pessoal” (traço marcante do individualismo moderno), e a maneira de exercer a sexualidade são temáticas que emergem com força nesse contexto e o questionamento delas, bastante tenso e intenso, demonstra a necessidade dos indivíduos em elaborar e redefinir uma nova ordem familiar que atenda a seus anseios e atenuem os conflitos no interior da família. Sobre essa questão, Mead (1988, p.291) discute as mudanças nas culturas modernas, sobretudo ao que se refere à posição econômica da mulher, e como elas abalam a estrutura tradicional das relações de gênero:

Os homens acham que um dos esteios de seu domínio, esteio que muitas vezes chegam a considerar sinônimo do próprio domínio – a capacidade de ser o único amparo da família – foi-lhe retirado. As mulheres educadas na crença de que a posse de uma receita ganhava o direito de governar, uma doutrina que funcionou suficientemente bem enquanto as mulheres tinham receita, encontram-se cada vez mais confusas entre sua verdadeira posição no lar e aquela para a qual foram treinadas. Os homens que foram educados na crença de que o seu sexo está sempre ligeiramente em foco e que acreditam ser seu poder de ganhar a subsistência uma prova de virilidade, mergulham numa dupla incerteza pelo desemprego; e isso se complica ainda mais pelo fato de suas esposas terem sido capazes de obter colocações.

Cabe aqui enfatizar que essas mudanças, advindas da modernidade, provocam reações dos segmentos mais conservadores da sociedade e, em especial, por parte da instituição religiosa que ao levantar a bandeira em defesa *da moral e dos bons costumes* acaba por fortalecer seu vínculo com a família tradicional e proclamá-la como sendo o modelo familiar divino para os homens. A relação entre as famílias conservadoras da sociedade brasileira e a religião protestante é apontada por Ramalho (1976, p.77) ao escrever que nos colégios protestantes no Brasil os

relatórios sobre a fundação dos mesmos destacavam frases como *Os fundadores se felicitaram pelo fato de seus 120 alunos pertencerem às melhores famílias*. Nesse sentido, a religião se afirma, aliada à família tradicional, como uma entidade contramodernizante (Machado, 1996).

Sem dúvida, apesar da luta travada entre forças modernizantes, representadas por setores mais inovadores da sociedade secular, e contramodernizantes, representadas pelas instituições religiosas mais tradicionais, paradoxalmente a religião e a família se mostram como instituições dinâmicas, expostas continuamente ao desafio de repensarem e redefinirem sua organização e seus significados. O que se deve levar em consideração quanto a essa dinâmica é que famílias de diferentes camadas sociais tendem a procurar uma religião cujo repertório simbólico corresponda a seus anseios e necessidades. A idéia, então, é a de focalizar a atenção em como se processam essas mudanças nas camadas médias, já que, como já foi observado, os adeptos do protestantismo histórico são, predominantemente, originários dessas camadas.

De uma maneira mais geral, os segmentos das camadas médias, possuidores de um grau de escolarização mais elevado, têm demonstrado uma maior facilidade e rapidez no que se refere à assimilação de modalidades alternativas quanto à conduta e, especificamente, tem-se verificado esse fato quanto à dinâmica das relações intradomésticas (Romanelli, 1995). Podem-se destacar algumas características das famílias de camadas médias que explicariam, de alguma forma, esse dinamismo, embora pareça paradoxal que alguns estudos considerem o conservadorismo a marca mais forte das camadas médias (Romanelli, 1986). Antes disso, é importante destacar que as camadas médias possuem uma constituição bastante heterogênea tanto quanto aos rendimentos financeiros e ao grau de escolaridade como ao *repertório cultural* (Romanelli, 1991) que apresentam. Sem dúvida, isso deve ser levado em conta em pesquisas que focalizem segmentos dessas camadas. Dada a heterogeneidade das camadas médias, alguns pontos podem ser considerados a fim de se empreender uma investigação que ajude a identificar os

“estratos⁴” que delas fazem parte. Num sentido mais genérico, autores distintos compartilham, segundo Romanelli (1986, p. 20), a idéia de que estariam incluídos *na categoria das camadas médias os trabalhadores não-manuais, assalariados ou não*. Alguns aspectos relevantes mostram-se importantes a fim de se pensar a constituição das camadas médias, aspectos esses que confirmam a sua heterogeneidade e que implicam a necessidade de pensá-las num contexto específico. Critérios como a ideologia, a inserção no sistema de produção capitalista, as relações de distribuição-consumo, a participação política, as relações familiares em relação ao mercado de trabalho, a produção simbólica, os projetos de ascensão social (Velho, 1987a), o estilo de vida (Bourdieu apud Romanelli, 1986), as representações sobre a própria identidade enquanto classe social em relação a outras, os valores morais, a concepção de direitos e deveres, são importantes na caracterização dos estratos diferenciados presentes no interior das camadas médias. Mas, acima de tudo, é preciso que se tenha em mente duas questões cruciais. A primeira é que cada estrato contido nas camadas médias possui um repertório cultural que o torna cada um peculiar e que lhe informa a prática social através de valores, regras e padrões mergulhados no dinamismo. Sobre isso, Romanelli (1986, p. 26) afirma necessidade de

(...) introduzir a análise antropológica dos fenômenos culturais, para examinar o comportamento dos integrantes dos diferentes estratos no processo de reprodução da cultura, bem como sua percepção da heterogeneidade cultural existente no interior da sociedade.

⁴ Rose Marie Muraro (1932, p.34) faz a distinção de cinco estratos que fariam parte da classe média: *A- a pequena burguesia tradicional, à qual pertencem os pequenos empregadores e grande parte dos que trabalham por conta própria, ajudados por membros não remunerados de suas famílias e os empregados desses pequenos empregadores nos setores de serviço e de circulação de mercadoria; B- consideramos também os empregados de rendas médias das grandes firmas capitalistas não industriais. Provavelmente seus interesses se chocam com os dos patrões e nisso se aproximam ideologicamente da classe operária; C- os autônomos de baixa renda, como pequena burguesia pobre, ou classe média baixa; D- um quarto extrato, o das classes médias modernas, é o dos autônomos de alta renda, em geral compostos de profissionais liberais de rendas mais altas; e E- os empregados na área de serviços e funcionários públicos de rendas médias.*

A segunda questão diz respeito ao fato de que os diversos segmentos das camadas médias *não constituem uma realidade estática e estanque, reproduzindo-se sempre da mesma forma e na mesma direção* (Romanelli, 1986, p. 32). Ao contrário, para as camadas médias, segundo Velho (1987a, p. 108, grifos do autor),

(...) instáveis e sujeitas a pressões de todos os tipos, o problema de sua identidade enquanto categoria está sempre presente, quer na ascensão social de alguns de seus segmentos, quer na ameaça de descenso e proletarização para muitos outros.

Assim pensadas, as camadas médias serão discutidas, a seguir, com base no contexto brasileiro mais amplo, dentro de um enfoque que aponte como são afetadas e reagem diante da dinâmica do mercado capitalista no Brasil, respeitando os distintos rearranjos, num plano mais microsocial, que realizam os diversos estratos que as constituem.

As famílias de camadas médias, consideradas público-alvo de propagandas que incitam o consumo de bens e serviços, acabam por conformar sua constituição a padrões de consumo que atendam principalmente às suas preocupações quanto à formação escolar e profissional de seus filhos e a de deixar-lhes por herança algum patrimônio. O apelo ao consumo desencadeia intenso estímulo à inserção da mulher no trabalho extradoméstico. Este fato não implica, no entanto, uma simetria nas relações de gênero no interior da família, embora aponte para transformações das mesmas. A mulher continua a ter que desempenhar o papel predominantemente tradicional de esposa e mãe, a despeito de sua dupla jornada de trabalho. Quanto a essa questão, Bilac (1995) chama a atenção para o fato de que as esposas/mães de camadas médias, que trabalham fora de casa, geralmente contam com o trabalho de empregadas domésticas e, segundo a autora, isso atenuaria os efeitos dessa *dupla jornada* no que se refere a mudanças no plano das relações de gênero no espaço doméstico. Essa é uma questão que precisa ser revista dadas as mudanças ocorridas no padrão financeiro das camadas médias que provocaram a dispensa do trabalho de empregadas domésticas em muitas famílias desse segmento social.

O mercado de trabalho brasileiro propicia à mulher, mesmo à de camadas médias, remuneração e planos de carreira profissional que possuem “*sexo*” (Bilac, 1995), ou seja, há uma desigualdade quanto às oportunidades de trabalho para homens e mulheres. As melhores chances de emprego continuam a fazer parte do universo masculino. A própria constituição das famílias de camadas médias, que em alguns casos tende a promover o isolamento tanto física como socialmente da família extensa (Bilac, 1995), propicia a locomoção espacial necessária de seus membros, em especial do marido, com a finalidade de buscar novas oportunidades profissionais que possam ocasionar mobilidade social. Sem dúvida, o papel de provedor, claramente reservado ao marido nas camadas médias (Bilac, 1995), é reforçado. O trabalho feminino é visto, nesse sentido, como uma fonte de rendimento complementar ao orçamento doméstico. Por outro lado, a inclusão da mulher no mercado de trabalho provoca uma redefinição da divisão sexual do trabalho ao forçar a redistribuição dos serviços domésticos entre esposa e marido, entre eles serviços que cabiam, outrora, somente à esposa efetua-los (Romanelli, 1995).

Ainda em relação à *cultura de consumo* apresentada pelas camadas médias, é interessante notarmos que há por parte de seus integrantes uma forte tendência a aderir e consumir as novidades, sejam em bens de consumo ou serviços, que se encontram disponíveis no mercado. Nesse sentido, pode-se relacionar essa tendência das camadas médias com a de “consumir” também novos padrões no que tange a regras alternativas de conduta.

Embora não se possa absolutizar ou generalizar, as relações familiares das camadas médias podem ser vistas como ordenadas pelo que Bilac (1995) chamou de a *lógica do individualismo* (em contraposição à *lógica da solidariedade* encontrada nas relações familiares nas camadas populares) e, no plano das relações de gênero, pela *complementaridade assimétrica ou hierárquica dos papéis sexuais* (Bilac, 1995; Sarti, 1989) que, atenuada nos segmentos mais inovadores ou não nos mais conservadores dessa camada social, continua a existir e a legitimar a dominância masculina.

5 - Relações de Gênero: perspectivas para a análise

Faz-se necessária, nesse cenário em que os referenciais sobre religião e família encontram-se no centro das discussões propostas pela modernidade, uma breve abordagem sobre como pensar as relações entre homens e mulheres já que essas relações tinham na socialização realizada no meio familiar e nos preceitos religiosos uma ordem de tal forma estabelecida que eram naturalizadas e, por isso, inquestionáveis.

Portanto, compreender o conceito de gênero é antes de tudo desconstruir a idéia de que é um conceito resultante do sexo anatômico dos indivíduos, dado pela natureza, e que a partir dele as relações sociais entre os sexos já estariam estabelecidas. O argumento que propomos é o que faz o caminho inverso a essa idéia. O conceito de gênero está fundado na *trama das relações sociais* de tal modo que o sexo anatômico é *remodelado* (Saffioti, 1992) pelos padrões relacionais que se dão a partir dessas tramas. A afirmação de Saffioti é bastante clara nessa direção:

(...) o social engloba tudo, na medida em que o anatômico só existe enquanto percepção socialmente modelada.

Nesse sentido, se o determinismo biológico não é capaz de explicar o conceito de gênero, o conceito de sistema sexo/gênero, proposto por Rubin (1975) e adotado por outras teóricas de linha feminista, também é insatisfatório para que se proceda uma abordagem relacional dessa temática. Mesmo apresentando gênero e sexualidade como uma construção social, ao postular a idéia de que homem e mulher teriam *semelhanças naturais* (Rubin, 1975, p.23) quanto à sexualidade e à personalidade, o sistema sexo/gênero mostra-se fruto de uma dicotomização entre natureza e cultura que as torna esferas estanques, inviabilizando, dessa forma, a concepção de gênero como produto de relações sociais (...) *entre sujeitos historicamente situados...* (Saffioti, 1994, p.275) que em relação também intensa com

a natureza acabam por transformá-la. A inter-relação entre cultura e natureza aqui apontada, porém, não diz respeito à noção malinowskiana de que os impulsos naturais seriam a base do funcionamento de mecanismos culturais criados com o intuito de supri-los e substituí-los (Durham, 1978, p.107). Não vemos nessa relação o condicionamento cultural a serviço dos impulsos naturais. Apontamos, ao contrário, uma certa oposição entre natureza e cultura na construção social de regras que condicionem e regulamentem tanto as relações de gênero como a vida sexual dos indivíduos. No entanto, é importante esclarecer, essa oposição se dá num campo relacional.

Dentro dessa perspectiva, Butler (1988, p.130-1, *apud* Saffioti, 1992) oferece-nos uma reflexão interessante sobre o conceito de gênero:

(...) o gênero não é subitamente originado num certo momento no tempo, depois do qual ele adquire uma forma fixa. Em um importante sentido, não se pode traçar o gênero até uma origem definível, porque ele próprio é uma atividade criadora ocorrendo incessantemente. (...) o gênero é uma maneira contemporânea de organizar normas culturais passadas e futuras, um modo de a pessoa situar-se em e através destas normas, um estilo ativo de viver o corpo no mundo. (...) Tornar-se um gênero é um impulsivo e ainda assim atento processo de interpretação da realidade cultural carregada de sanções, tabus e prescrições.(...) Escolher um gênero consiste em interpretar recebidas normas de gênero de forma a reproduzi-las e organizá-las de novo. (grifo meu)

Se podemos pensar as relações de gênero fundadas num universo relacional, então pode-se ter em mente também que essas relações sofrem mudanças e são diferenciadas de acordo com o contexto em que se dão. Assim, a fixidez muitas vezes pensada quanto à concepção de gênero é rompida e substituída pela idéia de dinâmica.

Há outra questão que envolve a concepção de gênero que é a que diz respeito às *estruturas de poder* (Saffioti, 1992) que permeiam as relações de

gênero. Scott (1990, p.14) ao definir o conceito de gênero escreve que o *núcleo essencial* dessa concepção

(...) repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

Segundo Saffioti (1992) as relações de gênero implicam uma relação política em que se estabelece um poder desigual distribuído entre os sexos. Na esfera do poder os dois extremos, quais sejam, o da dominação e o da exploração, são ocupados respectivamente pelo homem e pela mulher. Dentro de uma perspectiva marxista, Saffioti (1992) faz uma análise dessa relação desigual de poder entre os gêneros postulando que ela é dialética, contraditória, não hierárquica.

Propomos uma análise que leve em conta os pressupostos de que há uma forte luta pelo poder entre homens e mulheres, mas que, soma-se a esse fato a noção de hierarquia em que a contradição é expressa, curiosamente, por uma relação de *complementaridade hierárquica* (Sarti, 1989) entre os papéis assumidos pelos sexos. Nesse sentido, a afirmação de Scott (1990, p.14) de que

(...) as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido...

oferece-nos subsídio para pensarmos a hierarquia entre os gêneros não como algo estático e/ou unívoco. Outrossim, pode-se pensar a hierarquia como fruto de representações do poder que estão em constante transformação e que, por isso, reinventam e reelaboram as relações de gênero. Dessa maneira, fica completamente abandonada a idéia de uma análise das relações de gênero vinculada a uma relação hierárquica absolutizada ou naturalizada.

A partir dessas proposições, é importante definir o que significa pensarmos como são produzidas as diferenças de gênero não só em termos de

representações como também de comportamentos que possuem determinados códigos estabelecidos para homens e para mulheres. Os atributos considerados femininos e os considerados masculinos são construções sociais que compõem o que Mead (1988, p. 273) chamou de *personalidades sociais dos dois sexos*. Mead argumenta que podemos compreender essa idéia pensando em uma sociedade qualquer, onde há diferentes grupos compostos por indivíduos com temperamentos distintos. Segundo ela, ocorrem escolhas arbitrárias em relação a esses temperamentos e os selecionados serão tomados como um conjunto-padrão de comportamentos que deverão, por isso, ser socialmente aceitos. Da mesma forma isso acontece em relação à adoção de padrões quanto ao comportamento diferenciado dos sexos. Mead (1988, p.273) explica:

Os traços que ocorrem em alguns membros de cada sexo são especialmente consignados a um sexo e denegados a outro. A história da definição social das diferenças de sexo está cheia de tais arranjos arbitrários no campo intelectual e artístico, mas, em virtude da suposta congruência entre sexo fisiológico e dotação emocional, temos sido menos capazes de reconhecer que uma similar seleção arbitrária é feita também entre os traços emocionais.

Nesse sentido, as argumentações de Mead estão fundadas na idéia de que as diferenças entre os sexos são culturalmente estabelecidas e transmitidas por meio da socialização. Aqueles que não demonstram um temperamento aliado a um comportamento que se enquadre nesse esquema cultural de diferenças entre os sexos é considerado um indivíduo inadaptado, desviante, desajustado e mesmo doente, fisicamente falando.

Naturalizadas pelo senso comum, as diferenças de gênero condicionam não só o comportamento distinto de homens e mulheres como também o conteúdo e a forma de expressão de sentimentos. Na nossa sociedade, ainda predomina a idéia de que “homem não chora” e de que a mulher é um ser intrinsecamente mais emocional. Assim, vemos claramente que o temperamento mais racional e o temperamento mais emocional foram definidos, respectivamente, como

um atributo típico do comportamento masculino e como um atributo típico do comportamento feminino.

Lembramos aqui a discussão de R. Benedict (1965) sobre o processo de socialização a que chamou de condicionamento cultural, em que ela aborda a questão das continuidades e descontinuidades que podem ocorrer nesse processo. Essa idéia nos é interessante porque analisa como são construídos, ao longo da socialização, os contrastes e as polarizações dos papéis sociais na nossa sociedade, inclusive os papéis de gênero, demonstrando descontinuidades brutais na aquisição de valores e comportamentos nas diversas fases da vida do indivíduo, descontinuidades estas não encontradas ou atenuadas nas sociedades primitivas analisadas. Podemos disto abstrair a idéia de que os papéis de gênero e a forma como a sexualidade deve ser encarada, além de sofrerem transformações ao longo da vida dos indivíduos, deixando claro o caráter dinâmico dessas construções sociais, são discutidos por Benedict no sentido de demonstrar que o fator fisiológico, mesmo sendo universal, não determina a socialização do indivíduo e é tratado de diferentes maneiras nas diversas culturas. Evocamos, aqui, as afirmações de Van Gennep (1978, p.72), como forma de reafirmar essa idéia, de que a *puberdade social* é distinta da *puberdade física*, assim como são distintos o *parentesco físico (consangüinidade)* e o *parentesco social, a maturidade física e a maturidade social (maioridade)*, etc.

Portanto, assim como a análise das relações de gênero, neste trabalho, parte da idéia de que são um construto social que se dá no dinamismo das relações sociais, as representações sobre a vivência da sexualidade também serão abordadas dentro dessa perspectiva. Cabe aqui citar a afirmação de Giddens (1993, p.33) sobre essa questão:

A sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta.

Há de se acrescentar que as representações sobre sexualidade não são um construto social isolado. Ao contrário, elas estão diretamente vinculadas às relações de gênero. Há uma relação simbiótica entre essas duas temáticas. Soma-se a

isto, a noção de que os valores que orientam a vivência das relações de gênero e da sexualidade dos indivíduos podem descender, em contextos religiosos específicos, de estatutos considerados divinos que acabam por dogmatizar socialmente esses comportamentos. Sem dúvida, essa discussão permeará toda a análise.

Ampliando essa idéia, Saffioti (1992) postula que todas as relações sociais são permeadas pelas relações de gênero. Levando-se em consideração esse pressuposto pode-se supor que as relações travadas no interior da família bem como as travadas na instituição religiosa estão eivadas das representações que envolvem as relações de gênero. É exatamente essa conexão que nos interessa neste trabalho. Scott (1990, p. 15) ao definir o *desafio da pesquisa histórica* como sendo o de *descobrir a natureza do debate ou da repressão que produzem a aparência de uma permanência eterna na representação binária do gênero*, afirma que essa análise *deve incluir uma noção de política bem como uma referência às instituições e à organização social*. A partir dessa idéia, propomos uma pesquisa que vise compreender a relação entre a instituição religiosa reformada e as representações e organizações de gênero e sexualidade num contexto em que o dinamismo quanto aos valores familiares acarreta rearranjos que questionam a ordem tradicional. Supõem-se que ambigüidades, conflitos e paradoxos são elementos constitutivos desse processo intenso de mudanças.

II - (Re) Pensando a Metodologia

As transformações ocorridas no interior da família e, especificamente, nos papéis que identificam os gêneros têm provocado fortes conflitos entre homens e mulheres que buscam reconstruir o espaço do masculino e do feminino.

O objetivo desta pesquisa é, então, realizar uma análise interpretativa do *ethos* e da visão-de-mundo⁵ de uma comunidade evangélica no que se refere às relações de gênero e à vivência da sexualidade de seus membros procurando apreender como eles introjetam padrões e códigos do universo religioso e como lidam com as mudanças da sociedade em que vivem.

A definição do objetivo da pesquisa, que advém de uma reflexão sobre a temática, é, sem dúvida, a condição primeira para uma nova reflexão, qual seja: o “caminho” a ser seguido para a obtenção dos dados e como trilhá-lo. Isto significa pensar no método e nas técnicas que serão utilizados a serviço do objetivo proposto (Thiollent, 1980).

Pensar em métodos e técnicas é não só refletir sobre sua eficácia e adequação e referi-los aos objetivos da pesquisa. É também pensar nos resultados no sentido de que estes venham a ser, através dos procedimentos adotados, *apresentados de maneira clara e absolutamente honesta* (Malinowski, 1984).

A pesquisa está embasada nos pressupostos teórico-metodológicos fornecidos pela Antropologia. Esta identificou-se, como outras ciências sociais, com métodos de pesquisa chamados qualitativos. O método etnográfico é uma marca registrada da Antropologia e mostra-se como uma forma adequada para

⁵ Utilizo *ethos* e *visão-de-mundo* de acordo com a definição proposta por Geertz (1978;p.143/4): *O “ethos” de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade,*

proceder a coleta de dados, uma vez que ele está intimamente vinculado à pesquisa de campo. A etnografia, um estudo descritivo das relações sociais de um povo ou uma comunidade específica, pressupõe um contato direto com o “outro”. Isto nos pareceu bastante interessante na medida em que a realidade social de um determinado grupo, construída a partir de uma trama entre “atores” sociais, ocorre em um tempo e um espaço em que o pesquisador pode adentrar. É importante frisar que a etnografia, enquanto estudo descritivo, exige do pesquisador uma postura bastante definida diante do “outro”. Além disso, a opção que se fez foi por uma *descrição densa* (Ryle apud Geertz, 1978, p.17) do que se observa. Ou seja, não uma mera descrição do que se vê ou se ouve, mas uma descrição que considere as *teias de significados* (Geertz, 1978) existentes em toda e qualquer forma de expressão do homem pensado como ser social.

O objeto de estudo desta pesquisa são as relações sociais e suas estruturas significativas travadas pelos fiéis no interior de uma comunidade religiosa reformada, de origem calvinista, mais especificamente presbiteriana.

É de fundamental importância especificar o *locus* onde foi realizada a pesquisa. Esta foi realizada junto a uma comunidade evangélica, situada em Ribeirão Preto, criada em 1929, e composta por membros das camadas médias. Nessa igreja, não só transitam e comungam pessoas de posições sociais e de rendimento diferenciados (há desempregados que se sentam no mesmo banco ao lado de um consultor internacional, por exemplo) como também pessoas de origens geográfica e racial distintas. Pode-se ver, na igreja, um número reduzido de negros. Três famílias de negros participam intensamente das atividades da comunidade. No entanto, há a predominância de brancos, nascidos em Ribeirão Preto ou em cidades circunvizinhas. Há, ainda, algumas famílias de migrantes nordestinos, mineiros e capixabas que, inclusive, têm uma posição de destaque na liderança da igreja.

Esta comunidade religiosa evangélica é uma comunidade presbiteriana que tem sua organização pautada pelo estatuto da Igreja Presbiteriana do

Brasil. Por isso é considerada uma igreja evangélica “tradicional”, denominação que, nesse sentido, parece se contrapor aos evangélicos pentecostais.

A comunidade de fiéis reúne-se regularmente às quintas-feiras, sábados (alguns grupos como os de jovens, adolescentes e jovens casais) e domingos (pela manhã e pela noite). São feitos estudos bíblicos, cultos de adoração a Deus e reuniões de oração. Aos domingos pela manhã, além do culto solene de adoração a Deus, a comunidade realiza o que chama de “Escola Dominical”. Após o culto matutino, há uma dispersão dos membros da comunidade que se reúnem em salas organizadas de acordo com a faixa etária. A cada faixa etária é dirigido um(a) professor (a) que abordará um tema, previamente preparado pela liderança da igreja, cujo conteúdo possui forte base bíblica.

Uma das características da igreja é que ela é constituída por um grande número de casais com, em média, dois filhos. Há a convivência de gerações diferentes no interior da comunidade, inclusive de uma mesma família.

Nota-se uma forte liderança das mulheres nas áreas de educação e socialização religiosa da igreja, transmitindo os preceitos confessionais. Por outro lado, na área administrativa predomina a liderança masculina. Há um conselho de igreja constituído pelo pastor titular, que é o presidente do mesmo, pelo pastor auxiliar e por seis “presbíteros” eleitos pela comunidade. Na parte administrativa existe, ainda, uma organização masculina denominada “junta diaconal”. Dela fazem parte treze “diáconos”, homens também eleitos pela comunidade. A administração da igreja é estendida também a um “ponto de pregação”, localizado num bairro da cidade, e a três “congregações”, duas que se situam em bairros distintos da periferia e uma localizada em Sertãozinho, cidade próxima a Ribeirão Preto. A igreja possui, ainda, um programa radiofônico chamado “Voz Presbiteriana”.

A equipe pastoral é formada por quatro pastores: um pastor emérito, já aposentado e que não reside mais na cidade; um que trabalha em uma congregação na periferia da cidade e outro que trabalha em uma congregação em Sertãozinho. O outro pastor é o que ocupa a cadeira titular na igreja presbiteriana central. Dois “evangelistas” também trabalham em tempo integral na igreja: uma

missionária responsável pelos trabalhos com as crianças da igreja e um evangelista que trabalha em uma congregação da periferia da cidade.

Há, ainda, outras subdivisões no interior da organização da igreja: U.M.P. (União da Mocidade Presbiteriana); S.A.F. (Sociedade Auxiliadora Feminina); Departamento Infantil; U.P.H. (União Presbiteriana de Homens); U.C.P. (União de Crianças Presbiterianas); U.P.A. (União Presbiteriana de Adolescentes); coral da igreja; casais e casais jovens.

A Bíblia é o referencial usado nos cultos e nos ensinamentos dos fiéis. Ela é interpretada ao mesmo tempo em que oferece elementos para interpretação de diferentes dimensões da existência.

A comunidade acredita em entidades espirituais, tanto legiões de anjos de Deus quanto legiões de demônios de Satanás que interferem na vida cotidiana das pessoas.

O núcleo familiar é intensamente valorizado como expressão de unidade da igreja e namoro, noivado e casamento são rituais vivamente praticados e mesmo compartilhados com toda a comunidade, principalmente o casamento dos fiéis que ocorre no templo sob a direção do pastor da igreja.

A comunidade promove obras assistenciais como a distribuição de cestas básicas a necessitados, organizada pela “junta diaconal”, e mantém uma escola-creche (regime de semi-internato) num bairro de periferia de Ribeirão Preto e um “Lar de Velhos”.

Como se pode perceber, *a priori*, a igreja presbiteriana é um amplo espaço de socialização dos indivíduos de diversos segmentos sociais e de gerações distintas. Esse panorama do contexto da comunidade nos proporciona a possibilidade de pensar na forte influência que a igreja exerce na construção das representações sociais que norteiam a vida da coletividade e dos indivíduos que dela fazem parte. Partindo dessa perspectiva, a observação participante se fez necessária. Ela é fundamental na medida em que a presença do observador numa dada situação social é demonstrada claramente aos observados no sentido de lhes explicitar que essa observação tem como finalidade a investigação científica de suas relações sociais.

Existe, então, no processo da observação participante uma relação próxima entre o observador e o observado. O observador passa a *participar da vida* dos observados *no seu cenário natural* (Schwartz & Schwartz, 1955). É nessa relação direta entre ambos que o observador irá colher seus dados. Este passa a ser parte do contexto que se encontra em observação. A consciência dessa interação é extremamente importante. É a partir dela que a observação participante tem sido feita e registrada em diário de campo.

Dentro dessa perspectiva, a observação participante foi realizada nos cultos, nos estudos bíblicos, nos rituais de Santa Ceia e Batismo, nas comemorações de datas especiais, nos rituais de “profissão de fé” (momento em que o neófito, diante da igreja, proclama sua fé e conversão a Jesus Cristo), nos momentos de informalidade, nos de comensalidade, nas vigílias de oração. As impressões, os acontecimentos, os pequenos incidentes e o corriqueiro, chamado por Malinowski (1984) de *os imponderáveis da vida real*, foram registrados em diário de campo. Não se tratou de uma anotação superficial. O “tom do comportamento” que acompanha as ações e as falas foi registrado no diário de campo com a finalidade de que poderiam, como realmente aconteceu, apontar um significado que estaria ausente em um registro puro e simples de detalhes de um acontecimento.

Além da observação participante dos cultos, rituais e momentos informais da comunidade, a pesquisa de campo prosseguiu por meio de entrevistas.

As entrevistas foram feitas com dez casais na faixa etária entre 30 e 48 anos, que fazem parte do rol de membros da igreja e são assíduos às reuniões da comunidade. Foram levados em conta, ainda, o grau de escolaridade dos cônjuges (2º grau completo e/ou 3º grau completo), a participação no mercado de trabalho (preferencialmente que ambos trabalhassem) e a existência de filhos (preferencialmente que possuíssem). Esse universo de pesquisa foi escolhido porque pareceu-me que esses casais poderiam estar vivendo uma crise latente ou ativa em relação às regras, valores e modelos, estabelecidos pela instituição religiosa evangélica em que se acham integrados, e às crescentes e contínuas mudanças que ocorrem nos padrões e valores familiares da sociedade “secular”. Além disso, a escolha desses dez casais não foi aleatória. O conhecimento prévio da comunidade religiosa em questão deu-me

condições de pensar em focalizar os casais que se mostravam extremamente arraigados à doutrina presbiteriana e que eram reconhecidos pelos membros da igreja como casais modelares. Pensei, então, que esse segmento da igreja poderia revelar-me, de forma mais intensa, o conflito desencadeado pelo confronto entre novos e velhos valores já que esses casais têm uma postura bastante firme sobre o que são os valores divinos e os “mundanos”.

Foi nesse meio religioso, descrito acima em linhas gerais, que tive contato com os casais por mim escolhidos para realizar as entrevistas. Os casais entrevistados encaixaram-se ao perfil descrito originalmente no projeto de pesquisa. Somente o item que diz respeito à faixa etária foi parcialmente alterado. A idade máxima, que fora estipulada em 40 anos, foi alterada e fixada em 48 anos, pois me pareceu importante realizar entrevista com cônjuges significativos para a comunidade que tinham mais de 40 anos de idade.

Com base nos critérios de seleção de informantes acima citados, o contato com os cônjuges foi feito de forma direta. Depois de explicitar o objetivo em entrevistá-los, perguntava-lhes se haveria disponibilidade por parte deles para proceder a entrevista. O contato foi feito no espaço da igreja, após os cultos e reuniões. Em geral, os cônjuges se mostravam receptivos e interessados em colaborar com a pesquisa. Marcávamos um horário que fosse o mais adequado ao entrevistado e eu ia à casa desses sujeitos. Alguns cônjuges, abordados por mim quando estavam juntos, trocavam idéia entre eles sobre o melhor horário que teriam para a realização das entrevistas. Estas foram feitas com os cônjuges separadamente, em horário e dias diferentes. Foram realizadas, então, vinte entrevistas. Logo no início da entrevista, explicava-lhes novamente com que objetivo eu as estava realizando e colocava-me claramente como uma pesquisadora, sem nenhum vínculo com a liderança da igreja. Além disso, dizia-lhes também que as informações dadas por eles não seriam divulgadas ou comentadas, nem mesmo com o outro cônjuge, e que eu as utilizaria para uma análise posterior sem, contudo, identificá-los em minha dissertação de mestrado, utilizando nomes fictícios. Alguns cônjuges sequer esperavam o término das minhas explicações e colocações sobre a ética do pesquisador e diziam que não havia problema nenhum e que confiavam na minha pessoa. Isto provocava em mim

um sentimento ainda maior de responsabilidade em relação aos meus sujeitos e aos cuidados para proceder uma utilização fidedigna das informações por eles a mim transmitidas e confiadas. Mesmo depois da interrupção dos informantes, quando me diziam que eu “não precisava falar mais nada”, eu insistia em fazer as colocações sobre a posição de pesquisadora que eu assumira naquele momento e lhes perguntava se me permitiam fazer uso do gravador durante a entrevista. Todos os informantes, prontamente, autorizaram-me. Alguns, inclusive, acharam bastante interessante a gravação em K-7 do que iriam dizer.

Foi utilizado um roteiro (Anexo I), previamente estruturado com base na observação participante, para a realização das entrevistas. As questões foram elaboradas a partir de um encadeamento de assuntos que seguiram uma ordem pré-estabelecida. A seqüência tinha início com questões ligadas a trabalho (tanto para homens como para mulheres) e tempo de vida conjugal. A partir daí questões ligadas ao casamento e ao relacionamento sexual eram introduzidas, seguidas por questões relacionadas à idéia de família, criação de filhos, orientação religiosa, vinculação com a igreja, idéia de papéis masculino e feminino e, por fim, qual a perspectiva que se tem em relação ao futuro. Antes de começarmos a entrevista, eu lhes dizia que tinha em mãos um roteiro, mas que não se preocupassem com ele e que poderiam falar como e quanto quisessem. A idéia era de que eu interviesse o mínimo possível, o que realmente aconteceu. Além disso, eu preenchia, com o consentimento e diante do informante, uma *ficha de identificação* (Pereira de Queiroz, 1953a) constando data da realização da entrevista, nome do entrevistado, idade, escolaridade, número e idade dos filhos, tempo de casamento e tempo que freqüenta a igreja. Essa ficha foi feita com todos os informantes, antes do início dos *depoimentos pessoais* (Brioschi & Trigo, 1987) relatados em entrevista. Interessante é que muitas datas, especialmente o tempo de casamento e de freqüência à igreja e idade dos filhos, diferem em algumas fichas de cônjuges. Dezenove entrevistas foram realizadas nas casas dos informantes em horário por eles estabelecido. Somente a entrevista com o pastor da igreja foi realizada no gabinete pastoral, a pedido do mesmo.

Iniciada a entrevista semi-orientada, pois o informante tem a possibilidade de falar livremente, com uma *certa dose de iniciativa* (Pereira de

Queiroz, 1953b), o que vinha a minha mente era exatamente a relação entrevistador/entrevistado. São dois tipos de intencionalidade que se deparam nesse momento: o desejo de conhecer e compreender por parte do investigador e a reação do informante a esse desejo concretizado expressa em seu depoimento que advém de sua visão-de-mundo e de suas experiências de vida. Brioschi & Trigo (1987, p.27) desenvolvem bem essa questão e a expressam da seguinte forma:

(...) nesses termos, o processo de coleta de dados é percebido como um processo de comunicação e de interação social na qual a neutralidade da observação é substituída por um questionamento, envolvendo as condições da situação da entrevista, em todos os seus aspectos.

Terminada a entrevista, a observação participante continuava até que eu me despedisse do informante. Tudo o que aconteceu, desde o momento em que eu tocava a campainha e adentrava a casa do informante até o momento em que eu o agradecia e ia embora foi anotado no diário de campo. “Onde, como, quando, quem, o que” são explicitados no diário de campo. Por quem fui atendida, quem estava na casa, por onde entrei na casa, em que local da casa foi realizada a entrevista, como os cônjuges (o que ia ser entrevistado e o que não) reagiram a minha chegada, a presença ou não dos filhos, os comportamentos e expressões do entrevistado, as diferenças no contato com homens e no contato com as mulheres, entre outros aspectos, constam no diário de campo.

Eu escrevia meu diário de campo, já em minha casa, logo depois de ter chegado da casa do informante, com todas as observações que fizera antes, durante e depois do processo de entrevista. Muitas vezes, logo depois da entrevista, quando estava no carro para voltar para casa, eu escrevia algumas frases ditas ou idéias expressas pelo informante quando o gravador já estava desligado. Elas ainda estavam “frescas” na minha memória.

Além das entrevistas e da observação participante feita no processo das mesmas, nos cultos e reuniões da comunidade religiosa em questão, alguns cultos especiais (como comemoração do “Dia das Mães”, “Culto da Família”)

foram gravados em vídeo e foi realizada uma coleta dos informativos da igreja distribuídos dominicalmente nos cultos.

Em todo esse processo de coleta de dados, é preciso que o pesquisador não tenha idéias pré-concebidas e cristalizadas em relação à realidade que vai encontrar pois esta pode, inclusive, contrariar completamente seus pressupostos preliminares. É bom que se tenha em mente que as relações sociais não podem ser controladas como experimentos laboratoriais. Pude experimentar um pouco da “frustração” que esse “descontrole” em relação às idéias e comportamentos dos sujeitos pode causar ao pesquisador. Algumas das questões por mim formuladas, pensei-as como sendo questões cruciais que iriam esclarecer alguns dos meus pressupostos. Ao realizar as entrevistas pude ver que outras questões colocadas pelos sujeitos diziam-me muito mais sobre a visão-de-mundo dos evangélicos. Portanto, no recorte feito para a análise dos dados, algumas questões respondidas não se mostraram relevantes para se pensar a temática proposta. Por outro lado, alguns informantes respondem questões extremamente importantes de forma pulverizada ou falam sobre fatos pertinentes à temática desta pesquisa que não são compatíveis com as perguntas feitas. Por isso, todas as respostas a todas as perguntas foram levadas em consideração no momento do recorte ou da seleção de informações pertinentes ao objetivo da investigação realizada.

Além de surpreendente, o trabalho de campo é fascinante porque nos leva a pensar sobre nossas próprias convicções e rever nossos conceitos e pré-conceitos. O contato entre o pesquisador e o pesquisado é um jogo de espelhos, em que olhar o outro é ver-se também. Nesse sentido, essa “frustração” precisa ser entendida como benéfica e aproveitada no trabalho de análise dos dados.

Ainda em relação às entrevistas, estas foram transcritas na íntegra com o compromisso de fazê-lo da forma mais fiel possível. Isto significa pensar não numa mera transcrição do conteúdo de uma fita cassete, mas sim numa transcrição que leve em conta os momentos de silêncio, de suspiro, de choro, de riso, do tremor da voz dentro de um contexto que traz à luz o significado dessas e de outras tantas expressões.

Em todas essas etapas da pesquisa é de fundamental importância que a reflexão seja uma constante por parte do pesquisador. Por exemplo, no momento da entrevista, ao pesquisador deve ser claro que o entrevistado já faz um recorte de sua realidade social. Como coloca Geertz (1978, p.30), temos um acesso marginal *apenas àquela pequena parte do discurso que os nossos informantes nos podem levar a compreender*. Contudo, isso não significa um golpe fatal à pesquisa pois, lembrando novamente Geertz (1978, p.30), (...) *não é necessário conhecer tudo para poder entender uma coisa*. A reflexão deve começar já nessa etapa e estender-se à análise dos dados, momento em que o pesquisador fará um outro recorte.

Essa reflexão, que deve permear todas as etapas do trabalho de pesquisa, deve ter como base o fato de que o pesquisador depara-se com

(...) uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (Geertz, 1978, p.20).

Pensando especificamente na etnografia como uma forma de *construir uma leitura de* (Geertz, 1978, p.20), é preciso ter em mente que para que se cumpra o seu objetivo o pesquisador terá que ler uma realidade que se mostra muitas vezes contraditória, obscura. É como ler, segundo as palavras de Geertz (1978, p.20),

(...) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, de emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Esta é, sem dúvida, uma tarefa complexa e que exige do pesquisador percepção suficiente no trato com os sujeitos e na análise dos dados. A clareza metodológica é um dos princípios para que o pesquisador possa desenvolver sua pesquisa de forma transparente e honesta para consigo mesmo, para com os

informantes abordados e para com aqueles que terão acesso à leitura que construiu da realidade a que se propôs conhecer e investigar.

1 - O Universo de Pesquisa

Foram abordados, por meio de entrevista, dez casais cujos cônjuges encontram-se na faixa etária entre 30 e 48 anos, fazem parte do rol de membros de uma igreja presbiteriana de Ribeirão Preto e são assíduos às reuniões da comunidade religiosa. O grau de escolaridade dos cônjuges varia entre 2º grau completo e 3º grau completo, com exceção de uma mulher que não completou o 2º grau. Participam do mercado de trabalho (formal ou informal) todos os cônjuges. Todos os casais têm filhos.

Segue, agora, uma caracterização mais geral dos dez casais entrevistados. O quadro abaixo apresenta um valor médio dos dados, extraído a partir dos indicadores que se encontram entre parêntesis referentes à idade mínima e máxima, ao número mínimo e máximo de filhos e ao tempo mínimo e máximo de vida conjugal e frequência à igreja presbiteriana. Somente ao que se refere à escolaridade, foi feita uma contagem do número de informantes que se enquadram entre 2º grau incompleto e 3º grau completo.

	Maridos	Esposas
Idade	39,7 (32 a 48 anos)	40,1 (33 a 45 anos)
Escolaridade	3º grau completo – 6 3º grau incompleto – 1 2º grau completo – 3	3º grau completo – 5 3º grau incompleto – 1 2º grau completo – 3 2º grau incompleto – 1
Nº. filhos	2,1 (1 a 3 filhos)	
Tempo casamento	15,24 (10 a 24 anos)	
Tempo frequência à IPRP*	9,75 (1 a 20 anos)	12,18 (1 a 34 anos)

*Igreja Presbiteriana de Ribeirão Preto

Apresento, a seguir, um desdobramento do quadro acima, com algumas características dos casais entrevistados. É importante lembrar, aqui, que os nomes desses informantes são fictícios.

Casal 1:

Luís, 45 anos, representante comercial.

Maria, 43 anos, dona-de-casa e auxiliar na firma do marido.

Casal 2:

Sérgio, 34 anos, químico industrial.

Ana, 33 anos, cabeleireira.

Casal 3:

José, 32 anos, funcionário municipal.

Janete, 36 anos, bancária.

Casal 4:

Francisco, 41 anos, juiz classista.

Márcia, 43 anos, professora.

Casal 5:

Alberto, 41 anos, dono de escola e professor.

Rita, 45 anos, sócia do marido na escola e professora.

Casal 6:

João, 32 anos, estudante (seminarista).

Marilene, 36 anos, secretária.

Casal 7:

Carlos, 48 anos, contador.

Inês, 44 anos, secretária e contadora.

Casal 8:

Antônio, 39 anos, pastor da igreja.

Joana, 38 anos, dona-de-casa e artesã.

Casal 9:

Paulo, 42 anos, engenheiro.

Fátima, 39 anos, bancária.

Casal 10:

Silvio, 43 anos, professor.

Teresa, 44 anos, bibliotecária.

Dados mais específicos sobre cada informante constam dos quadros do Anexo II.

Há algumas outras considerações sobre a caracterização dos informantes que me parecem ser relevantes e serão demonstradas nos quadros abaixo.

a) Em relação à origem dos informantes:

Número de indivíduos de origem evangélica	9
Número de indivíduos de origem católica	11
Total	20

Obs.: É importante notar que nenhum dos entrevistados é oriundo de outra religião que não seja evangélica ou católica.

b) Em relação ao tipo de uniões matrimoniais no que se refere à opção religiosa de cada cônjuge:

Casamentos em que ambos tinham origem católica mas já haviam se tornado adeptos do protestantismo.	3
Casamentos em que um era evangélico de origem e o outro católico de origem (“uniões mistas”)*	2
Casamentos em que ambos já tinham origem evangélica	3
Casamentos em que ambos ainda eram católicos	2
Total	10

* Interessante que nesses dois casos (em um a esposa era de origem evangélica e o marido de origem católica; noutro, o marido era de origem evangélica e a esposa de origem católica) a cerimônia de casamento ocorreu na igreja de origem do homem e não da mulher.

c) Em relação à proporção de homens e mulheres evangélicos que se casaram com indivíduos católicos ou não evangélicos:

Homens evangélicos que se casaram com mulheres não evangélicas	1
Mulheres evangélicas que se casaram com homens não evangélicos	1

Este quadro demonstra, *a priori*, a preferência por uma “endogamia” religiosa ou pela adesão do cônjuge ao protestantismo antes do casamento. Essa questão será melhor analisada posteriormente.

III - O Trabalho de Campo

1 - A instituição religiosa: organização e funcionamento

Naquele domingo, 21 de setembro de 1997, entrei na igreja com uma postura diferente da que eu até então tinha ao adentrar o templo da igreja presbiteriana de Ribeirão Preto. A mim, os evangélicos e os rituais por eles praticados são muito familiares. Fui criada no meio evangélico. Estudar as relações sociais nesse meio religioso é um desafio na medida em que me sinto um pouco “em casa”. Há um esforço constante de minha parte para que eu venha a “estranhar” (Velho, 1978) o que me é familiar no sentido de colocar-me diante dos sujeitos em foco como uma pesquisadora. O que me possibilita o “estranhar” o familiar é o fato de que a realidade dos evangélicos não é unívoca, nem mesmo para eles próprios, e nem estática. Um certo distanciamento nos permite ver além do que nos parece natural. A clareza de que o ponto-de-vista ou a subjetividade do observador sempre estará presente na descrição e interpretação da “realidade”, seja ela exótica ou familiar, ajuda-nos a romper com os velhos paradigmas da neutralidade, imparcialidade e objetividade no trabalho do pesquisador reafirmados pela ciência positivista. Essa consciência não significa, contudo, um abandono do rigor teórico-metodológico.

Foi pensando nesses termos que comecei meu trabalho de campo. Trazia meu diário de campo à mão. Comecei a descrever o culto que acontecia naquela manhã de domingo e percebi que algumas pessoas, a quem eu também sou muito familiar, olhavam curiosas ao me virem escrever sem parar naquele caderninho.

Interessante eu ter pensado, pela primeira vez, sobre o fato de que, apesar de ter uma torre bastante alta, a igreja não tem um relógio que dê suas badaladas no horário dos cultos, como acontece na maioria das igrejas católicas. Contam os anciãos da igreja que o relógio italiano da catedral de Ribeirão Preto foi comprado pela igreja presbiteriana, mas que, por engano, foi lá instalado.

A igreja estudada, chamada de “igreja central” pelos fiéis, está situada no centro da cidade de Ribeirão Preto e funciona no mesmo local desde sua fundação em 1929. A cidade conta com seis igrejas presbiterianas espalhadas por diversos bairros. Todas elas foram, outrora, “congregações” organizadas, mantidas financeiramente e, por isso, vinculadas à “igreja central” ou “igreja-mãe”, como é chamada pelos fiéis. Hoje essas igrejas não têm mais vinculação, nesses termos, com a igreja central.

Antes mesmo das nove da manhã, horário em que o culto é iniciado, os quarteirões, próximos à igreja, ficam cheios de carros estacionados pelos fiéis. A grande maioria das famílias que freqüentam a igreja possui carro. A igreja é formada por membros das camadas médias. Isso não significa uma homogeneização quanto ao *status* sócio-econômico das famílias. Ao contrário, há interessantes e surpreendentes diferenças internas entre as famílias desse grupo religioso.

Pessoas de todas as idades, umas muito bem vestidas, outras nem tanto, vão chegando aos cultos e entram pela porta principal do templo. Logo na entrada, colocam-se dois diáconos, homens eleitos pela comunidade que têm como responsabilidades principais cuidar das instalações físicas da igreja, orientar os visitantes quanto às programações e o local onde elas acontecem, providenciar os elementos (pequenos pedaços de pão e suco de uva em pequenos cálices) para os cultos em que é celebrado o ritual da “Santa Ceia” e organizar a arrecadação e a distribuição de alimentos a necessitados que comparecem durante toda a semana na igreja. Os diáconos, que cumprem uma escala dominical, postam-se à porta da igreja, antes do início dos cultos, para distribuírem o informativo dominical da comunidade chamado “boletim da igreja”. Esse informativo contém um texto principal, geralmente escrito pelo pastor da igreja, e comunicados sobre as programações, falecimentos, aniversários, “pedidos de oração”, oferta de objetos e de prestação de serviços por parte de membros da igreja, além da liturgia do culto matinal e vespertino. Juntamente com os diáconos, recentemente também colocam-se à porta três mulheres encarregadas de recepcionar os “visitantes”, pessoas que não pertencem ao rol de membros da igreja e que adentram o templo pela primeira ou segunda vez, e anotá-lhes o nome e endereço em fichas próprias para isso. Pouco antes do término do culto,

elas levam essas fichas até o pastor que, por sua vez, lê os nomes dos visitantes e pede para que estes se coloquem em pé para serem cumprimentados pelos membros da igreja que estiverem por perto.

Logo na entrada do templo, ouve-se o som do piano, por vezes o do órgão. O templo tem um porte médio. Há uma pequena galeria e quatro fileiras de bancos na nave do templo que convergem para um pequeno espaço, separado do restante por alguns degraus mais altos, em que cadeiras vermelhas, bastante imponentes, ladeiam o “púlpito”. Este é um pequeno local cercado por uma espécie de bancada de madeira em que o pastor, ou um outro pregador, coloca-se no momento da pregação. O templo foi reformado recentemente. É confortável. Há ventiladores em abundância, uma cabine de som onde se controla a qualidade dos microfones e dos instrumentos musicais e um pequeno berçário com um sistema de som para as mães que lá se encontram com o bebê. As instalações físicas da igreja constam também de um pequeno prédio com dois andares em que se encontram a secretaria e a casa da zeladoria; um salão de médio porte com uma cozinha semi-industrial onde são realizados eventuais almoços, jantares e festejos da congregação; um prédio de educação cristã com três andares em que se localizam as salas de aula da “Escola Dominical”, um salão para palestras e encontros sociais, sala da diaconia, onde ficam os mantimentos distribuídos aos necessitados, banheiros e bebedouro.

Ocupam essas instalações pessoas que fazem parte ou não do rol de membros da igreja. São considerados membros “comungantes” aqueles que professaram sua fé diante da igreja através do ritual de “profissão de fé”. Em geral, a “profissão de fé” é feita por pessoas com idade superior a 12 anos de idade. Aqueles que ainda não professaram publicamente sua fé são considerados membros “não-comungantes” e não podem participar das eleições (na escolha de presbíteros, diáconos e pastor) realizadas na igreja nem mesmo do ritual da Santa Ceia. Cabe aqui dizer que os membros comungantes com idade inferior a 18 anos também não têm o direito de exercer o voto nas assembléias da igreja. A estes é permitido somente participar do ritual da Santa Ceia. O rol de membros, atualizado em 31/12/97, consta de 432 membros comungantes. Desse total, 149 são homens e 283 são mulheres. Os membros não comungantes perfazem o número de 191: 95 do sexo masculino e 96 do

feminino. Aqueles que após completarem 18 anos não fizerem sua “profissão de fé” têm seus nomes retirados do rol de membros da igreja. Quanto à participação na “Escola Dominical”, há 535 alunos matriculados. Em média, 10 visitantes comparecem à igreja aos domingos, o que indica uma procura significativa de pessoas advindas de outras igrejas evangélicas ou outras religiões e credos e que merece ser melhor investigada e discutida posteriormente.

Os cultos são freqüentados por uma média de 400 pessoas. Há uma “clientela” diferente nos cultos matutino e vespertino. Pela manhã há um número bastante elevado de crianças. Há para elas, nesse período, um programa bastante estruturado na “Escola Dominical”. Elas vão para as salas de aula de acordo com a idade que possuem. Há dois professores por classe e além de assistirem a uma história bíblica, contada de acordo com os padrões de ensino para crianças, os alunos são orientados na realização de trabalhos manuais. Existe um departamento infantil da igreja, liderado por uma missionária contratada. O trabalho com as crianças não se resume às aulas da “Escola Dominical”. Há uma programação para elas, todas as tardes de sábado, que inclui estudos bíblicos, oração, brincadeiras, fantoches, música e ensaio do coral infantil. A responsável por essas atividades é a missionária e uma equipe, por ela estabelecida, de adolescentes da igreja. Como se pode ver, a igreja tem investido na socialização das crianças. E essa socialização continua a ser uma tarefa atribuída, predominantemente, às mulheres.

Além das classes de crianças, funcionam na “Escola Dominical” as seguintes classes, segundo classificação e nomeação feita pelos fiéis: classe de pré-adolescentes, classe de adolescentes, classe de jovens, classe de casais, classe “mista” (para solteiros (as), viúvos (as), descasados (as)), classe de catecúmenos (para pessoas recém-convertidas que almejam fazer a “profissão de fé”), classe de senhoras, classe de homens. Somente mulheres são responsáveis pelo ensino nas classes das crianças. Há somente um professor-assistente do sexo masculino. As aulas nas classes de pré-adolescentes, adolescentes e jovens são ministradas por dois professores (um do sexo masculino e outro do feminino) por classe, que se revezam. As classes de casais, catecúmenos, de homens e de senhoras são dirigidas por professores do sexo masculino. A classe “mista” é de responsabilidade de uma professora. Aos jovens e

adolescentes, além das classes da “Escola Dominical”, também é oferecido um programa todas as noites de sábado. O grupo de jovens se reúne separadamente do de adolescentes. Os jovens tem a programação feita sob a responsabilidade de um seminarista (um estudante de teologia que aspira ser pastor) e sua esposa. O grupo de adolescentes é orientado por um presbítero e sua esposa. Os programas incluem estudos bíblicos, oração, cânticos, teatro, brincadeiras e, eventualmente, evangelização. Há um grupo de casais, originalmente formado por casais jovens mas que agora conta com casais de todas as faixas etárias, que se reúne uma vez por mês. As reuniões são feitas aos sábados, à noite, às vezes no salão da igreja, às vezes nas casas dos integrantes. São discutidos assuntos relativos ao casamento e ao relacionamento conjugal de acordo com os padrões bíblicos. Geralmente os estudos são feitos pelo pastor, por um presbítero, o mesmo que ministra aulas aos domingos para a classe de casais, ou por pessoas convidadas consideradas preparadas para falar sobre o assunto. Após essas reuniões, há um momento de confraternização e comensalidade.

A igreja é freqüentada também durante a semana. Às segundas e sextas-feiras o coral ensaia músicas e cantatas especiais. Em outro local, às segundas-feiras, acontece uma reunião dos professores das crianças da “Escola Dominical” em que são orientados pela missionária já citada. Às terças-feiras, quinzenalmente, uma “equipe de louvor” ensaia cânticos. Às quartas-feiras as mulheres que fazem parte da Sociedade Auxiliadora Feminina (S.A.F.) reúnem-se para ensaio de músicas, pois fazem parte de um madrigal feminino, e para realizarem reuniões de planejamento de atividades. Às quintas-feiras o pastor ministra estudos bíblicos a um número reduzido de pessoas. Uma vez por mês, às sextas-feiras, é feita uma “vigília de oração”. Às terças-feiras os vários “grupos de oração”, que são organizados de acordo com bairros da cidade, reúnem-se nas casas das famílias para uma breve “meditação bíblica” e oração.

Na área musical, a igreja conta com quatro corais (um de jovens e adolescentes, um de adultos e dois infantis), um conjunto masculino e um madrigal feminino. Há, ainda, quatro grupos de jovens, “equipes de louvor”, responsáveis pelo período de “cânticos espirituais” em que toda a igreja, orientada por eles, canta

músicas com letras de adoração a Deus. Há uma escala de atuação para esses grupos. As “equipes de louvor”, ao contrário dos corais, em especial o coral de adultos que geralmente usa uma toga que denota formalidade, parecem apontar para um desejo de romper com o tradicionalismo enraizado nas igrejas protestantes de cunho histórico. Há algumas expressões (palmas, mãos levantados ao céu, olhos fechados), durante o “período de louvor”, que esboçam uma semelhança com os rituais pentecostalistas. Isto parece ameaçar um pouco a identidade evangélica de origem tradicionalista. O que nos possibilita pensar nisso é o fato de que há somente quinze minutos reservados a esses grupos na liturgia do culto (são colocados de vez em quando no “boletim” da igreja lembretes aos grupos sobre esse tempo) e porque não há “período de louvor” nos cultos em que há celebração da “Santa Ceia”. Somente o coral canta e muitos hinos tradicionais são entoados pela comunidade nesse culto, realizado duas vezes por mês.

Pode-se ver claramente que há, dentro dessa estrutura eclesiástica, espaços de convivência religiosa e sociabilidade fortemente valorizados e que propiciam uma estreita vinculação entre os indivíduos.

Quanto à organização eclesiástica, há uma hierarquia bem definida. Somente homens têm acesso a cargos reconhecidos e elegíveis na igreja. Esses cargos são, em ordem decrescente em termos de hierarquia, os seguintes: pastor, presbíteros e diáconos. O pastor é o presidente do “conselho da igreja” formado pelos presbíteros eleitos. A função fundamental dos presbíteros é a de cuidar da orientação doutrinária dos membros da igreja e garantir a ordem estabelecida, com o poder de exercer disciplina nos casos em que algum membro se mostre rebelde às orientações religiosas. Na comunidade em questão, todos os membros do “conselho da igreja” são casados. Somente dois diáconos são solteiros.

A comunidade presbiteriana deve submeter-se às resoluções do “conselho da igreja”. No entanto, a hierarquia vai mais longe. O “conselho da igreja” deve acatar as deliberações do “Presbitério de Ribeirão Preto”, formado por um conselho de pastores e líderes das igrejas presbiterianas da cidade. O “Presbitério de Ribeirão Preto” presta contas ao “Sínodo Oeste Paulista”, formado por pastores das igrejas presbiterianas dessa região, que por sua vez deve obedecer as ordens e decisões

do “Supremo Concílio”, formado por uma diretoria de pastores de diversas igrejas, eleita pelos pastores presbiterianos do Brasil. Estes espaços são, inquestionavelmente, masculinos. Apesar dessa estrutura hierárquica que se mostra rígida, há uma certa independência entre essas entidades no que se refere a adequações e a resoluções de problemas específicos e peculiares que possam surgir no interior das comunidades. No entanto, há ordenanças gerais a todas as comunidades. Exemplos disso são a determinação de que somente homens podem ocupar os cargos oficiais da igreja e que somente com a presença do pastor pode ser celebrado o ritual da “Santa Ceia”.

Durante toda a semana funciona a secretaria da igreja. A secretária é responsável, entre outras coisas, pela agenda do pastor. Este atende, semanalmente em seu gabinete, pessoas que freqüentam ou não a igreja e que o procuram para orientação para problemas de ordem espiritual e/ou secular. Os salários do pastor, da missionária, da secretária, da zeladora e das mulheres que promovem a limpeza das instalações da igreja são retirados dos dízimos (no mínimo 10% do rendimento do fiel) e das ofertas mensalmente dadas espontaneamente pelos membros da igreja. Outros gastos, como a manutenção do “Lar das Crianças”, que funciona na periferia da cidade, e ajuda ao “Lar dos Velhos”, também são pagos com o montante do rendimento dos dízimos e ofertas. Eventualmente é impresso no boletim a contabilidade da igreja com um demonstrativo de despesas e receita.

Em relação aos cultos, há uma liturgia pré-estabelecida, impressa no “boletim” da igreja. O culto matutino, aos domingos, que ocorre antes da “Escola Dominical”, tem uma liturgia mais sucinta que a liturgia do culto vespertino. Com exceção de cultos especiais, a liturgia matutina é constituída por um prelúdio instrumental (momento em que o pastor, ao som do piano, coloca-se no “púlpito”), apresentação do Coral de adultos (nos cultos em se celebra a “Santa Ceia”) ou dos outros corais, leituras bíblicas feitas pelo pastor e pelo conjunto da congregação em voz alta, momentos de oração, canto congregacional dos tradicionais hinos dos hinários levados pelos fiéis, momento da “mensagem” ou da pregação do pastor, distribuição dos elementos da “Santa Ceia” (nos cultos em que é celebrada), momento em que, uma vez por mês, os membros da igreja entregam seus dízimos e ofertas (estas podem ser de diferentes naturezas e dada por vários motivos) à igreja,

“Pastorais” (momento em que o pastor faz alguns comunicados, avisos, etc.), oração final, bênção dada pelo pastor e canto congregacional do “Amém Tríplice”. Logo depois, as pessoas vão para a sala de “Escola Dominical”.

A liturgia do culto vespertino, além de ser mais extensa, é também mais formal. O culto é iniciado por um prelúdio instrumental. O pastor dá as boas-vindas a todos, inclusive aos visitantes. É o início do período litúrgico chamado “Louvor e Adoração”. É lido um texto bíblico, feita uma oração de adoração e cantado um cântico congregacional do hinário. Passa-se ao período de “cânticos espirituais”, em que uma das equipes de louvor fica de costas para o “púlpito” e de frente para a nave da igreja, já com uma grande aparelhagem musical montada (microfones, guitarra ou violão, baixo elétrico, bateria, teclado). Um telão é colocado e as letras dos cânticos são projetadas nele para toda a comunidade. Geralmente, em cânticos mais animados grande parte das pessoas da comunidade bate palmas, balança discretamente o corpo ou levanta as mãos, com os olhos fechados, nos mais serenos. É um momento bastante expressivo da comunidade e que envolve pessoas distintas, seja quanto à idade e sexo, seja quanto ao grau de escolarização ou *status* social. Algumas pessoas mais conservadoras demonstram claramente que não concordam com esse momento litúrgico. Elas não cantam, algumas não se levantam e mostram uma expressão facial que indica descontentamento. Após esse momento, passa-se para o período chamado de “arrependimento e confissão”. É lido um trecho bíblico que diz respeito ao subtema e, logo após, há um momento de “oração silenciosa”. O silêncio, que dura poucos minutos, é quebrado, geralmente, por um hino ou pelo canto de um dos corais. Alguém da congregação, em geral um homem, é convidado para fazer uma oração de gratidão a Deus pelo perdão concedido. No período chamado “Edificação”, o pastor vai ao púlpito e, depois de fazer as “pastorais”, ele começa a sua “mensagem” com uma oração e leitura bíblica sobre o que pretende falar. Segue-se à mensagem uma oração, encerrando esse período. Outro, o de “Consagração”, é iniciado com a “marcha dos dízimos e ofertas” feita pelos membros da igreja em direção ao “gazofilácio” (pequena urna de madeira onde são depositados os envelopes de dízimo e ofertas), acompanhada de um cântico congregacional, e finalizado com uma oração final do pastor ou do presbítero que o auxiliou na direção da liturgia. O culto é

encerrado com a bênção dada pelo pastor, que o faz com as mãos estendidas diante da congregação, e pelo canto da comunidade do “Amém Tríplice”. Como se pode notar, há uma forte organização quanto à constituição do culto. Essa ordem traz uma previsibilidade quanto ao que vai acontecer no decorrer do culto, embora isso não garanta que interessantes imprevistos ocorram e que, como pude acompanhar e observar alguns, apontam para reações da comunidade que denotam o grau de conservadorismo que apresenta.

A figura do pastor é sempre destacada nos cultos não só pela sua posição espacial diante dos fiéis e pelo significado que tem para estes, mas também pela forma como ele se veste. Em todos os cultos dominicais o pastor apresenta-se de terno e gravata, mesmo nos dias sufocantemente quentes de Ribeirão Preto. Nos cultos de “Santa Ceia” os presbíteros, que se colocam ao redor da mesa em que se encontram as bandejas com pequenos pedaços de pão e minúsculos cálices de suco de uva a serem por eles oportunamente distribuídos, também usam a mesma indumentária do pastor. As mulheres mais idosas e as de meia idade vestem-se de maneira bastante discreta, sem decotes ou roupas curtas. As mulheres mais jovens, mesmo as casadas, já são um pouco ousadas e mostram-se bastante afinadas com a moda. Adolescentes e jovens são os que demonstram maior ousadia. As moças exibem roupas decotadas e saias e vestidos com comprimento bem acima do joelho. Isso já provocou uma comunicação do pastor aos fiéis em que ele pedia aos pais para que prestassem mais atenção às roupas de suas filhas. De uma maneira geral, não há notáveis diferenças quanto à vestimenta desses evangélicos e a dos indivíduos do mundo “secular”.

2 - Diante dos sujeitos de “carne e osso”.

No dia 22 de abril de 1998, às 20:30h., realizei a primeira entrevista com Luís, 45 anos de idade, casado há 17 anos, pai de três adolescentes, com 2º grau completo, representante de vendas, que frequenta há 6 anos a igreja onde ocupa o cargo de diácono. A casa fica num dos bairros mais antigos da cidade. Nesse bairro, as casas ficam de “cara” para a calçada, sem nenhum muro para separá-las da rua, como se vê freqüentemente em outros bairros, e “coladas” umas às outras, sem nenhuma divisão mais incisiva a não ser a cor diferente da pintura delas. Há muitos “botecos” nas esquinas das ruas desse bairro.

Depois de tocar a campainha, uma das três filhas do casal me atendeu. Entrei e fui levada até o quarto onde as outras duas estavam. Elas me disseram que o pai estava tomando banho. A casa não tem sofisticação. Comentei que o cheiro que vinha da cozinha era muito bom e elas o justificaram dizendo que o pai havia fritado uns bifes. Sentei-me na cama das meninas e elas conversavam comigo sobre a morte do deputado Luís Eduardo Magalhães, enquanto olhávamos a reportagem na televisão sobre o acontecido, quando o pai saiu do banheiro, que ficava em frente ao quarto em que estávamos, e me disse que assim que eu quisesse poderíamos começar a entrevista. Ele demonstrou, discretamente, que não gostava de televisão e reprovou, com um olhar, nossa conduta. Fomos até à sala, local por ele escolhido. Antes de começarmos a entrevista, Luís me perguntou sobre meu marido. Disse-lhe que estava bem. A entrevista começou um pouco “fria”, havia um certo constrangimento por parte dele. Na verdade, eu também estava um pouco desconfortável, já que era minha primeira entrevista. Minutos depois, no entanto, senti que ele foi se colocando bem à vontade. Sentou-se no chão e “danou” a falar. Pude entender, no decorrer da entrevista, o porquê do olhar reprovador de Luís em relação a nós, a mim e às filhas dele, que assistíamos televisão. Ele me disse claramente que atribui grande parte dos “desajustes” familiares e na sociedade de uma maneira geral aos programas exibidos pela televisão. Após a entrevista, conversamos um pouco mais sobre algumas questões da igreja. Ele me disse que “a igreja tá ruim porque a

sociedade tá ruim. A igreja é oriunda da sociedade. Se a sociedade fosse boa, a igreja seria boa”. A nossa conversa, depois de desligado o gravador, foi interrompida pela chegada da esposa com duas amigas. Elas vinham de uma reunião da Sociedade Auxiliadora Feminina (S.A.F.) na igreja. Cumprimentaram-me. A esposa perguntou se a entrevista havia acabado. Imediatamente depois de eu ter respondido afirmativamente, a esposa disse ao marido: “Você pegou a bermuda mais suja!”. Ele refutou dizendo que não havia problema e pareceu não gostar nada da observação da mulher. Ela ofereceu-me um café. Enquanto isso todos estavam a caminho da cozinha. Lá entre goles de café e biscoitinhos conversava-se sobre muitos assuntos. O marido ofereceu-me um biscoito nordestino. Ele ficou satisfeito quando eu provei do biscoito. Pedi licença e disse que precisava ir embora. Ela pediu-me desculpas pela “bagunça”.

Já na garagem, ela me perguntou se eu lhe faria as mesmas perguntas que fizera ao marido. Respondi-lhe que sim. Olhou para o marido e disse: “Então eu vou saber o que ele falou”. Perguntei-lhe por que ela já saberia. Ela me disse que já o conhecia muito bem. Agradei-lhes a colaboração e, interessante, eles me responderam com outro agradecimento. Mais ou menos um mês depois da entrevista, Luís, após uma crise conjugal que passou a ser do conhecimento de um número significativo da comunidade religiosa, deixou de freqüentar a igreja.

Na tarde do dia 29 de abril, minha segunda entrevista foi feita com a esposa de Luís. Eu a chamarei de Maria. Ela tem 43 anos de idade, tem 2° grau completo, diz não trabalhar “oficialmente” fora, pois ajuda o marido no escritório de representação, e diz ter “nascido na igreja”, ao falar de sua origem evangélica, mas que desviou-se depois de começar a namorar o então marido, aos 22 anos de idade. Disse-me que voltou para a igreja quando “converteu-se” aos 31 anos de idade. Desde essa época freqüenta assiduamente a igreja. Faz parte da liderança da S.A.F.. Ao entrar na sala, vi um senhor deitado no sofá, dormindo. Ela me disse que era o cunhado dela e que ele acabara de fazer uma sessão de radioterapia. Pediu-me desculpas pelos “transtornos” e disse que faríamos a entrevista no quarto dela. Logo que entramos no quarto, ela me pediu desculpas pela “bagunça”.

Ao iniciarmos a entrevista, percebi que ela estava bastante preocupada em responder exatamente o que eu lhe perguntava. Ela é, na igreja,

bastante expansiva, no entanto, no momento da entrevista eu notei que ela expressava um “ar” bastante sério e apreensivo. Ao final da entrevista, senti que ela começara a ficar um pouco mais descontraída. Depois que desliguei o gravador, Maria disse que achava lindo o casamento, a união entre o homem e a mulher. Falando sobre Adão e Eva, disse-me, na verdade, perguntando-se: “Será que se Deus não tivesse feito Adão e Eva daquele jeito, a relação entre homem e mulher seria o que é? E se Deus tivesse criado o homem separado da mulher, cada um na sua?”. Sorrimos um pouco e, depois, já bem descontraída, Maria parecia pensar alto: “Há respostas que não encontramos para algumas perguntas que fazemos... Se Deus já sabia que Adão e Eva iriam pecar, por que ele deixou?”. Depois de dizer isso, ela me disse que tinha muita fé em Deus. Contou-me, então, sobre uma amiga dela que ficara grávida em meio a um tratamento de quimioterapia. Disse-me que os médicos alertaram a moça para o fato de que a criança poderia nascer defeituosa. Sugeriram, então, a essa moça o aborto e que ela estaria amparada pela lei. Segundo Maria, o marido dessa moça achou a idéia adequada. Ao ser perguntada pela moça como deveria agir, Maria me disse: “Eu disse: ai, meu Deus, me dá sabedoria. Fui lá e disse... perguntei a ela se ela queria. Ela disse que não. Então eu disse pra ela que Deus ia resolver o problema.” Perguntei a ela o que havia acontecido com a moça. Ela me disse que a moça perdeu a criança. Maria atribui o acontecido à ação de Deus.

Terminada a entrevista fomos para a sala. A casa estava cheia: as filhas, a irmã de Maria, a sogra e o cunhado estavam lá. O cheiro do pão de queijo era forte. Maria perguntou-me se eu esperaria o pão de queijo ficar pronto. Agradei e disse que precisava ir. Antes disso, uma das meninas ofereceu-me brigadeiro. Depois de comê-lo, despedi-me e agradei a colaboração. Ela agradeceu-me por ter ido lá. Maria estava muito ansiosa e o clima, na casa, estava muito tenso.

A terceira entrevista foi realizada no dia 06 de maio, às 14:00 h.. A informante, Ana, atendeu a minha chamada pelo interfone do prédio onde mora. Ela tem 33 anos de idade, dois filhos (um menino de 11 anos e uma menina de 10 anos), 13 anos de casamento e frequenta a igreja há 15 anos. Mudou-se para cá há poucos anos e frequenta a igreja presbiteriana estudada há um ano e dois meses. Ela possui 2º grau incompleto. É a única informante nessas condições em termos de escolarização.

Ana estava no seu apartamento com o filho. O apartamento, que fica num bairro de periferia, é muito pequeno, no entanto, é bastante confortável. Computador, microondas, videocassete, máquina de lavar roupa são alguns dos objetos que se pode ver no espaço da sala que é coligado ao da cozinha. Antes de começarmos a entrevista, ela pediu para que o filho fosse para o quarto. Ao perguntar-lhe se eu poderia gravar a entrevista, Ana me disse que ia depender do que eu iria perguntar. Percebi que ela estava muito preocupada com o que iria dizer e um pouco desconfiada. Disse a ela, então, que tudo o que ela me dissesse não seria divulgado a ninguém, que iria usar um nome fictício na minha análise, que a entrevista não tinha nenhuma relação com a liderança da igreja e que, antes de tudo, há uma ética por parte da pesquisadora e que eu não deixaria de exercê-la. Dito isto, a informante concordou em dar uma entrevista gravada.

Ela estava um pouco tensa quando começamos a entrevista. Durante a mesma, a campainha soou por duas vezes. Na primeira vez, era o vizinho que vinha dar o recado, já que ela não tem telefone, da missionária da igreja sobre o ensaio do coral das crianças em que os filhos participam. Na segunda vez foi a vizinha, que trouxe a Ana um ramalhete de rosas. Ela sorriu e abriu, na minha frente, o cartãozinho que estava entre as flores. Ana leu o cartãozinho e disse-me: “Essas flores são de ‘ontem’”. Ela se referia à desavença, contada na entrevista, que tivera com o marido no noite anterior. As flores eram um pedido de desculpas do marido. Ana mostrou as flores para o filho e voltou para o sofá para que continuássemos a entrevista. Ao perguntar-lhe sobre relações sexuais ilícitas, Ana mostrou-se muito envergonhada. Sorriu, ficou vermelha e disse que não tinha muita coragem de falar sobre o assunto porque tinha algumas dúvidas. Pude perceber que ela estava preocupada com o horário, pois iria levar o filho para o basquete. Ana não trabalha fora atualmente. Ela tem uma proposta de emprego e disse que possivelmente começaria a trabalhar na próxima semana. Depois da entrevista, ela me ofereceu um pedaço de pudim que disse ter feito especialmente para mim. Agradei-lhe o pudim e a colaboração. Ela me disse: “‘Magina’! Obrigada você”. Antes de sair ela disse para que eu visse com o marido, Sérgio, um horário para a entrevista que desse certo com a folga semanal dele no trabalho.

A quarta entrevista foi realizada com José, no dia 06 de maio, às 19:30 horas. José, funcionário da prefeitura, tem 32 anos de idade, é pai de dois meninos (um de 9 anos e outro de 6 anos). Ele é casado há 11 anos, possui 3^o grau completo e é de origem evangélica. Freqüenta a igreja presbiteriana em Ribeirão Preto há 13 anos. Subi o elevador do prédio, situado na região central da cidade, e cheguei ao apartamento do casal. O apartamento é amplo e bastante confortável. Fui recebida por José. Entrei pela porta da cozinha. Ele me pediu desculpas pela “bagunça”. Cumprimentei a mulher e os filhos que também estavam na cozinha analisando a máquina de lavar roupas nova que acabara de chegar para substituir a velha. Ele me levou até à sala. As crianças me disseram que haviam acabado de ter aula de música e me chamaram até o quarto delas para tocarem violão e teclado. Após a singela apresentação, na qual os pais observavam orgulhosos, eu os parabeneizei e voltei à sala.

A esposa me pediu licença para se arrumar porque iria numa reunião da S.A.F.. Ela se despediu de mim, do marido, beijando-o, e das crianças. Após a saída da esposa, começamos a entrevista. Antes disso, José perguntou sobre como estava meu marido. Respondi-lhe que estava bem. José estava pouco entusiasmado. As crianças estavam na sala fazendo o dever escolar. Eu lhe disse que talvez fosse conveniente que elas fossem para outro lugar da casa. Ele, então, pediu para que elas fossem para o quarto. Somente o filho mais velho o obedeceu. As crianças estavam curiosíssimas para saber o que iríamos conversar. Quando fiz a pergunta sobre relações sexuais, ele levantou a sombrancelha, pediu para que eu desse um “pause” no gravador e imediatamente mandou o filho sair da sala. As respostas às minhas perguntas foram bastante diretas. Muitas vezes não passavam de sim ou não. Terminada a entrevista, desligado o gravador, ele me parecia outra pessoa. Na verdade, minha vontade era a de começar nessa hora a entrevista. Agora ele queria conversar. Perguntou-me sobre o que eu achava do casamento e do “mundo” hoje. Fui sucinta, como ele, e tentei deixá-lo falar mais. Ele me disse: “Não é fácil a vida a dois, é?”. Ao falar sobre os filhos, José afirmou: “A gente muitas vezes perde a autoridade. Não se sabe se está sendo rígido demais ou não”.

As crianças me mostraram o dever escolar que haviam feito. Despedi-me delas e agradei a José pela colaboração. Ele me respondeu: “Que é isso...”

espero ter ajudado você”. Antes de sair, José ainda me disse que não me ofereceria nada porque ele estava “perdido” sem o auxílio da mulher.

Janete foi a quinta informante entrevistada. Ela é esposa de José. Eu a entrevistei no dia 07 de maio, no dia seguinte à entrevista com o marido. Janete tem 36 anos de idade, possui 3^o grau completo, é bancária, freqüenta há 12 anos e meio a igreja e diz, diferentemente do marido, ter 12 anos de vida conjugal. Eram 19:30h. quando cheguei no apartamento de Janete e José. O marido estava se arrumando para ir ao estudo bíblico na igreja que acontece todas as quintas-feiras. Despediram-se e começamos a entrevista. As crianças, que estavam no quarto, interromperam-nos algumas vezes durante a entrevista. Janete estava calmíssima. Mesmo quando as crianças a interrompiam, ela não perdia a calma. Senti-me muito à vontade para fazer essa entrevista. Ela respondia às perguntas de maneira clara e as elaborava dentro de um encadeamento lógico de idéias. Após terminarmos a entrevista, conversamos um pouco sobre o relacionamento homem/mulher. Ela me disse que nunca havia visto o marido chorar. Contou-me que estava fazendo terapia com uma psicóloga evangélica porque estava tendo dificuldades em lidar com algumas mudanças na relação com o marido e com o comportamento dos filhos. Enquanto conversávamos, o marido chegou da igreja. Janete levantou-se do sofá e deu-lhe um beijo. Convidou-me insistentemente para tomar um chocolate quente com eles. Eu aceitei. As crianças ajudaram o pai a arrumar a mesa. Sentamo-nos à mesa e lanchamos enquanto o marido, sentado na cabeceira, olhava atentamente para o jogo de futebol exibido na televisão. José perguntou-me sobre para qual time de futebol eu torcia. Ele me disse que torcia para o Vasco, que estava jogando contra o Botafogo. Os meninos disseram que iriam torcer para o Botafogo. Um pouquinho irritado, ele respondeu aos meninos: “Vai perder”. Depois de muita insistência dos filhos e do marido, Janete terminou de preparar mais algumas coisinhas para o lanche e sentou-se enfim conosco. Conversamos um pouco sobre política e sobre as próximas eleições. Eles se mostraram contrários ao governo atual e simpáticos a um partido de esquerda.

Despedi-me de todos, agradei-os pelo lanche e pela colaboração com minha pesquisa. Eles me agradeceram por ter ido lá e disseram para que eu “aparecesse” mais vezes.

Sérgio, marido de Ana, foi o meu sexto entrevistado. Possui 34 anos de idade, 3^o grau completo, há 14 anos frequenta o meio evangélico e há um ano e “pouquinho” frequenta a igreja por mim estudada. Sérgio, diferentemente da conta que faz a esposa, diz ter 12 anos e 5 meses de vida conjugal. A entrevista foi realizada às 14:00h do dia 11 de maio. Era o dia de folga no trabalho de Sérgio. Ele trabalha em uma usina próxima a Ribeirão Preto. Quando cheguei na casa de Sérgio, ele estava bem à vontade. Vestia uma bermuda e um camiseta. Ao cumprimentá-lo, Sérgio perguntou-me como estava meu marido. Disse-lhe que estava bem. A esposa e a filha não estavam. Sérgio me disse que a esposa tinha ido “trampar”, ou seja, trabalhar. Era o primeiro dia de trabalho da esposa numa loja do shopping center. Ele se mostrou muito favorável e entusiasmado com o trabalho de Ana. Sérgio não estava só. Na sala, o filho jogava um “game” no computador. Eu lhe disse que seria interessante fazermos a entrevista sem a presença do menino. Ele concordou. Ofereceu-me um copo de água e, enquanto eu bebia, foi a um dos quartos e me disse: “Aqui tá legal pra gente fazer (a entrevista)”. Fomos até lá, ao quarto do casal, e, com a porta por ele fechada, iniciamos a entrevista. Sentei-me na cama e ele num banquinho a minha frente. Antes de começarmos, no momento em que eu lhe explicitava os objetivos da pesquisa e a ética do pesquisador, ele me falou que a esposa dele havia ficado preocupada com o fato de ter sido gravada a entrevista que dera a mim. Sérgio disse-me que Ana ficou um pouco insegura, mas que depois que ele explicou que “não tinha nada a ver” ela ficar preocupada, mesmo porque ele já havia participado desse tipo de coisa na faculdade, essa preocupação foi embora. Ele me disse que Ana se preocupou porque ela não entende bem “essas coisas de escola” pois não tem nível superior em termos de escolaridade. Ele se comportou com muita naturalidade diante do gravador. Não houve silêncio em um só minuto por parte dele. Às vezes ele me dizia: “Eu falo demais, né?”. Fiquei impressionada com a capacidade de Sérgio de encadear um assunto com outro com tanta rapidez. A entrevista durou por volta de uma hora e trinta minutos. Terminada a entrevista, ele me acompanhou até à entrada do prédio. Agradei-o e ele me disse: “Eu é que agradeço”.

No dia 12 de maio, às 20:30h., entrevistei Francisco, de 41 anos de idade, pai de uma filha de 11 anos, casado há “mais ou menos” 14 anos, com 3^o

grau completo, profissional na área de direito sindical e freqüentador da igreja há “mais ou menos” 5 anos. Fui recebida pela esposa de Francisco. Ela me disse para entrar. Cheia de quadros pintados pela esposa, a casa é ampla e confortável. Depois de cumprimentá-la, cumprimentei Francisco e a filha. A primeira coisa que Francisco e a esposa me perguntaram, em momentos diferentes, foi se eu havia me lembrado de levar o gravador. Depois perguntaram-me sobre como estava meu marido. Já adentrando a casa, a esposa pediu para que eu não reparasse na “bagunça”. A esposa me chamou para a cozinha e disse que ia dar doce de figo ao marido e perguntou-me se eu gostaria de provar o doce. Aceitei. Ela me parecia bastante agitada. Enquanto pegava o doce na geladeira, ela me sugeriu que eu fosse ver o quarto da filha. A menina me mostrou o quarto todo decorado. A esposa chamou-me novamente para a cozinha. Comemos o doce e recomendou ao marido que ele me desse coca-cola “a hora que eu quisesse”. Disse à filha para que fossem assistir a um programa na televisão enquanto eu fazia a entrevista. Fechou a porta da cozinha. Começamos a entrevista. Ele estava calmo, muito tranqüilo. Disse-me que estava achando muito interessante o fato de que eu gravaria o que ele iria falar.

Ao terminar o primeiro lado da fita, Francisco espantou-se e disse: “Nossa, já foi quanto?”.

Terminada a entrevista, chamamos a esposa e dissemos que já acabáramos. A esposa entrou na cozinha e Francisco lhe disse que havia “descido a lenha” nela e que se fosse pensar “hoje”, não se casaria outra vez. Francisco disse tudo em tom de brincadeira. Ambos riram e ela lhe deu um beijo. Ela, então, disse-me que queria me mostrar a casa. Mostrou-me todos os cômodos, comentando sobre tudo (quadros, tamanho, “bagunça”, etc). A filha e o marido acompanhavam o *tour* liderado pela esposa. Depois, ela me levou para a salinha de televisão, mandou a filha tomar um banho para depois dormir e mostrou-me suas pinturas em tecido. Mostrava-me tudo de uma maneira muito ansiosa. As pinturas que me mostrou são muito bem feitas. Em seguida, levou-me para o quarto da filha e, tirando do guarda-roupa as roupas e os vestidinhos feitos pela avó da menina mostrou-os a mim detalhando-os. Em aproximadamente quinze minutos, ela me mostrou tudo isso. Fomos, então para a cozinha. Lá ela me ofereceu coca-cola ou água. Agradei e já fui pegando meu

material para ir embora. Confirmei a entrevista com ela na quinta-feira próxima. Antes de despedir-me, a esposa de Francisco contou-me, depois de eu ter falado o título de meu projeto de pesquisa, que ela freqüentava a sala de senhoras na “Escola Dominical” e que a professora, uma senhora, havia dado uma aula sobre sexualidade. Nesse momento, ela mandou a filha sair da cozinha. Perguntei-lhe o que a professora disse sobre o assunto. Ela falou que a professora disse abertamente coisas sobre “educação sexual” e que uma das coisas que ela dissera foi que manter relações sexuais durante a menstruação não está certo porque a mulher “está doente” nesse período. A esposa de Francisco parecia concordar com a idéia da professora.

Agradei-lhes a recepção e a Francisco por ter colaborado comigo em minha pesquisa. Ambos agradeceram-me por ter ido na casa deles. Recomendaram-me cuidado no trânsito e fui embora com a esposa me dizendo “obrigada, viu, bem” e “vai com Deus”.

Minha oitava entrevista foi feita com Márcia, no dia 14 de maio, às 17:00h. Márcia é esposa de Francisco. Ela tem 43 anos de idade, 3º grau completo, é professora e diz estar casada há 13 anos. Disse-me que a filha tem 10 anos de idade, e não 11 anos como me dissera Francisco. Apesar de começar a participar da igreja juntamente com o marido, ela diz que, diferentemente das contas de Francisco, há oito anos freqüentam a igreja presbiteriana. Ela contou-me que eram católicos bastante atuantes. Faziam parte da equipe organizadora dos encontros de casais na igreja católica.

Mal acabei de estacionar o carro em frente à casa de Márcia quando ela abriu o portão dizendo: “Eu tava te esperando”. Logo que eu entrei na casa, ela me perguntou se eu gostaria de comer primeiramente um pedaço de bolo ou fazer a entrevista. Eu lhe disse que gostaria de fazer a entrevista e que não queria lhe dar trabalho. Márcia, então, foi à cozinha e disse à filha que iria para a sala de televisão e que a chamasse se precisasse de algo. Por fim, disse à menina que “entrevista não é coisa pra criança”.

Enquanto eu pegava o gravador, ela me contou a correria do dia. Márcia me pareceu muito ansiosa. Iniciamos a entrevista e ela falava

compulsivamente. A entrevista durou aproximadamente duas horas. O término da entrevista foi marcado pelas lágrimas de Márcia, ao falar sobre o marido “maravilhoso” que ela tem e ao lembrar que ele muito a apoiara quando da enfermidade do pai dela. Pouco antes de terminarmos, Francisco chegou do trabalho e abriu a porta da sala em que estávamos dizendo: “Ah! Esse aí é o famoso?” (referindo-se ao gravador). E completou em tom de brincadeira: “Depois eu quero ouvir!”.

Depois da entrevista, Márcia perguntou-me: “E aí, o que você achou?”. Eu lhe disse que havia sido muito bom. Rapidamente ela me chamou na sala e mostrou-me a foto do pai e da irmã já falecidos. Em seguida fomos para a cozinha e ela me ofereceu o bolo. Ao tirar o bolo da geladeira, o marido perguntou a Márcia onde ela tinha “conseguido” aquele quitute. Ela lhe disse que havia comprado de uma senhora que faz marmitas. Enquanto eu, Márcia e Francisco comíamos o bolo, a filha, na área de serviço, fazia seu dever escolar. Márcia mostrava-se orgulhosa da filha. Conversamos sobre política, desemprego, eleições, trabalho. Quando falávamos sobre política, Márcia disse: “Não é nem bom ficar pensando nessa sujeira toda”. Francisco me perguntou se eu trabalhava. Expliquei-lhe que fazia pesquisa e que, como já dissera anteriormente, as entrevistas faziam parte desse trabalho. Ele, então, perguntou-me: “Mas você ganha pra fazer isso?”. Eu lhe disse que sim. Francisco ficou, por alguns instantes, pensativo.

Levantei-me, agradei pelo bolo e a Márcia por ter me dado a entrevista. Francisco e Márcia agradeceram-me por eu ter ido até lá. Depois de ter despedido do marido e da filha, Márcia acompanhou-me até à porta e agradeceu-me novamente. Despedi-me dela.

A nona entrevistada foi Rita. Com 45 anos de idade, 3^o grau completo, 2 filhas (uma com 7 e outra com 6 anos) e 10 anos de casamento, professora, ela frequenta a igreja há 9 anos. Às dez horas da manhã eu estava tocando a campainha da casa de Rita. Quando a contatei para fazer a entrevista, ela me disse que depois das 11 horas seria difícil a realização da mesma pois ela tinha que cuidar do almoço e arrumar as crianças para levá-las à escola e que, portanto, às 10:00h seria o horário ideal. Na parte da frente da casa funciona a escola de línguas de propriedade

do casal. A casa fica situada num bairro relativamente novo de Ribeirão Preto. Esperei um pouco na sala de recepção da escola e depois a funcionária a chamou. Então, Rita, depois de cumprimentar-me sorridente, levou-me para o escritório da escola. As crianças estavam por perto. Começamos a entrevista e ela me parecia bastante tranqüila.

Por três vezes a entrevista foi interrompida pelas crianças e uma vez por um telefonema. Senti que estava fazendo a entrevista num ambiente diferente do das outras entrevistadas. Não era o espaço da casa, por um lado. Por outro, não era um lugar de trabalho somente. Era uma mescla, uma espécie de extensão da casa. Os objetos do escritório pareciam não combinar com o choro manhoso das crianças que chamavam insistentemente pela mãe. Da janela do escritório via-se um varal cheio de roupas. Era um contraste interessante.

Rita foi bastante “didática” ao responder às perguntas. Ela foi bastante clara e objetiva.

Depois da entrevista, ela conversou um pouco comigo sobre a possibilidade de adotar filhos e disse-me que poderia fazê-lo financeiramente, mas que não o fazia porque não teria tempo para dedicar às crianças. Além disso, disse-me que, se por um lado a questão da dedicação de tempo aos filhos é algo problemático nos dias de hoje, por outro lado ela acha bom para as crianças virem a mãe trabalhar e não virem uma “mãe boba” em casa. E concluiu: “as coisas mudaram, o mundo é outro”. Diferentemente das outras mulheres, Rita não me ofereceu nada para comer ou beber. Agradei-a, despedi-me e ela respondeu-me agradecendo também.

Marilene foi minha décima entrevistada. Casada há 10 anos, ela tem 36 anos de idade, 3^o grau completo, 2 filhos (uma menina de 7 anos e um menino de 5 anos), é secretária e frequenta há 10 anos a comunidade religiosa em questão. Ela disse-me que “nasceu em lar cristão”, de origem batista. Toquei o interfone do apartamento, situado no mesmo bairro onde mora Rita, às 19:30h.. Marilene atendeu-me. Entramos e começamos a conversar sobre o apartamento. Ela mostrava-se bastante satisfeita com a aquisição do mesmo. Marilene é casada com um “seminarista” da igreja. É dessa forma que são chamados os estudantes de teologia

que se preparam para o “pastorado”. Em Ribeirão Preto não há um Seminário Presbiteriano. Portanto, o marido de Marilene estuda em Campinas, onde funciona o Seminário Presbiteriano do Sul. Marilene fica sozinha com as crianças durante toda a semana. O marido retorna todos os finais de semana e cumpre alguns “trabalhos” na igreja, que juntamente com o Presbitério de Ribeirão Preto, o sustenta financeiramente.

Logo depois que cheguei, ela me disse que não tivera tempo de tomar banho. Eu lhe disse que não haveria problema se quisesse fazê-lo e que eu a aguardaria. Marilene me respondeu que faria isso depois da entrevista. Sentamo-nos no sofá e ela pediu desculpas pela “bagunça” da casa. Ela não tem empregada doméstica.

Começamos a entrevista após ela já ter me dito muitas coisas sobre o casamento dela como: “...ainda dizem que o casamento é uma rotina...” – referindo-se ao fato de que o casamento é um processo de mudanças, de constantes adaptações. Percebi que ela queria muito falar.

Marilene e o marido são responsáveis pela programação das reuniões de jovens da igreja que ocorrem aos sábados, além de serem professores de uma classe de adolescentes na “escola dominical”.

Antes da entrevista começar, perguntei a Marilene como ela se sentia com o marido distante, em outra cidade. Ela me respondeu que estava “se virando”, financeiramente falando. Perguntei-lhe como ela se sentia emocionalmente. Marilene disse-me que havia entrado em “crise” no último sábado e quando o marido chegou ela lhe disse o que estava sentindo, que “não era t.p.m.” (tensão pré-menstrual), que precisava ficar sozinha e que estava cansada de trabalhar desde às 7 horas da manhã arrumando a casa em pleno sábado.

Marilene não parecia ter nenhum receio de falar o que pensa. Respondeu às perguntas com muita convicção, bastante decidida. Terminada a entrevista, pediu-me licença para colocar as crianças na cama. Depois ela ofereceu-me um café. Ao despedir-me e agradecê-la, Marilene não deixou de me agradecer.

A décima primeira entrevista foi feita com Alberto, de 41 anos de idade, com 3^o grau completo, professor e dono de sua escola, que frequenta a igreja há 9 anos e frequentou dois anos antes uma outra igreja evangélica. Alberto é casado com Rita. Eu o entrevistei no escritório da escola às 10:45h. da manhã. Ele atendeu-me com as mãos cheias de ferramentas (alicate, chave de fenda, etc.). Parecia estar consertando alguma coisa na escola. Pediu que eu entrasse de forma bastante polida. Perguntou-me se eu gostaria de beber água. Agradei-lhe e ele me disse para que eu esperasse um momento até que ele bebesse água. Antes disso, três pessoas apareceram, sucessivamente, na escola e foram por ele atendidas. Voltou ao escritório, onde eu estava, afobado e pediu-me desculpas por ter se esquecido do horário marcado para a entrevista no dia anterior. Após as explicações que costumo dar aos informantes sobre o objetivo da entrevista e sobre minha função de pesquisadora, começamos a entrevista. Filho de libaneses, apesar de ter nascido no Brasil e morar aqui há muito tempo, ele tem um sotaque bastante forte. Ele me parecia calmo, mas muito pensativo. Ele refletia demoradamente sobre cada pergunta. No entanto, ele foi bastante objetivo, sucinto em suas respostas. Após terminarmos, perguntei-lhe onde ele havia morado no Caribe. Ele me respondeu prazerosamente sobre a cidade praiana em que morara no Caribe e disse-me, quando lhe perguntei onde gostaria de morar, que tinha o sonho de morar em Angra dos Reis. Então, pensei em perguntar-lhe se ele não gostava de Ribeirão Preto. Alberto disse-me que não gostava muito desta cidade, mas que já se acostumara e que, sobretudo, já tinha seu negócio estabelecido aqui e que há boas universidades na cidade para suas filhas, no futuro. Despedi-me, agradecendo-o. Ele também agradeceu-me.

Joana foi a minha décima segunda entrevistada. Ela tem 38 anos de idade, 3^o grau incompleto, 3 filhos (uma menina de 12 anos, um menino de 10 anos e um outro de 6 anos), casou-se há 14 anos e frequenta a igreja há 3 anos e 4 meses, o mesmo tempo em que mora em Ribeirão Preto. Ela é de origem evangélica e nunca deixou de frequentar outras igrejas, de mesma denominação, nas cidades em que já morou. Ela é casada com o pastor da igreja. Joana faz artesanato, em casa, e vende seus produtos a algumas pessoas da igreja.

Fui atendida por um dos filhos de Joana. A casa fica situada num bairro da cidade considerado “nobre”. Ela logo apareceu e disse-me para irmos para os fundos da casa, num pequeno quarto por ela usado como ateliê. Sentamos na salinha. Conversávamos um pouco sobre os cães que ela possui e que desfilavam diante de nós quando vimos o cão mais velho atacar o filhote. Ela pegou o filhote machucado e o agradou. Ela não se apavorou. Pareceu-me achar tudo muito natural. Da salinha, víamos a empregada lavando a louça na cozinha.

De repente, o marido apareceu e Joana perguntou-lhe se ele não iria levar um dos filhos para a igreja, local para onde estava se dirigindo. Ele reclamou um pouco, mas acabou levando o menino. Ela me disse que poderíamos ir para a sala da casa depois que eles saíssem porque só assim ficaríamos à vontade e porque o menino é muito “atenado”.

Fomos para a sala e depois de conversarmos um pouco, começamos a entrevista. Esta só foi interrompida uma vez quando o filho mais novo chamou pela mãe. Joana parecia-me tranqüila, bastante calma e à vontade. Depois da entrevista, ela me disse que falara demais e que só quando ela se sentia à vontade é que costuma falar bastante. Se a situação for outra, Joana disse-me que “não abre a boca”.

Após a entrevista, a filha chegou da escola e pediu para fazer um bolo. Joana ofereceu-me pipoca. Agradei e pedi-lhe um copo de água. Fomos até à cozinha, conversamos um pouco sobre receitas para microondas. Ao sairmos, ela mostrou-me no jardim algumas plantas que ela e o marido haviam plantado. Agradei-lhe e despedi-me.

A décima terceira entrevista foi feita com Inês, secretária de uma escola e auxiliar de contabilidade na empresa do marido. Ela tem 44 anos de idade, 2º grau completo, dois filhos (um rapaz com 22 anos de idade e outro com 17 anos), é casada há 24 anos e frequentadora da igreja há 16 anos.

Cheguei à casa de Inês às 20:00h. Toquei o interfone e logo ela veio abrir o portão, dizendo para que eu colocasse o carro dentro de sua garagem porque o local em que eu havia parado era perigoso, há muitos acidentes ali. A casa

situa-se num bairro residencial considerado de “classe média”. Depois de colocar o carro na garagem, ela convidou-me para entrar e disse-me que os “meninos” e o marido haviam saído. Pediu desculpas a mim por estarmos entrando pela cozinha. A casa estava muito limpa e arrumada.

Fomos até à sala. A sala foi dividida em duas partes: o escritório de contabilidade, onde trabalham ela e o marido, e a sala de visita, onde estávamos. Conversamos um pouco e o telefone tocou. Era um cliente. Ela o atendeu e pegou os dados do mesmo para a confecção de um documento. Depois disso começamos a entrevista. Antes, ela pediu-me desculpas pelo tempo gasto com o cliente do escritório.

Inês me parecia à vontade, embora um pouco ansiosa, agitada no decorrer da entrevista. Logo depois que nós chegamos ao final da entrevista, ela ofereceu-me um copo de coca-cola e disse, como que pensando “alto”: “Não tem nada de bom... um bolo, nada...”. Conversamos bastante depois da entrevista sobre o marido, situações que acontecem na igreja e sobre os filhos dela. Inês é bastante preocupada com eles. Num determinado momento, ela perguntou-me se eu não me importaria se ela ligasse o computador, pois tinha que entregar um trabalho para um cliente no dia seguinte. Ela logo sentou-se em frente a um dos computadores e pediu-me para ficar ali por perto para continuarmos a conversar. Eu disse que tinha que ir embora. Inês abriu o portão da garagem para mim. Agradei a ela pela entrevista. Despedimo-nos.

João foi o décimo quarto informante entrevistado. Ele é marido de Marilene. Tem 32 anos de idade, possui 2^o grau completo e, atualmente, cursa teologia. De origem evangélica, disse-me ter 17 anos de conversão, apesar de freqüentar a igreja desde criança, e freqüenta a igreja em foco há 12 anos. Era uma sexta-feira, às 20:00h, quando toquei o interfone. João havia chegado a mais ou menos uma hora de Campinas, onde estuda teologia com a finalidade de tornar-se pastor. Ele mesmo atendeu-me. Perguntou-me sobre meu marido. Ao entrarmos no apartamento, vi que a sala estava enfeitada com balões de ar coloridos. Perguntei se alguém estava fazendo aniversário. João disse-me que não e que aquele enfeite foi uma forma carinhosa das crianças o receberem. Havia um bilhete das crianças colado no armário

da sala em que encontravam-se as seguintes palavras: “Papai do coração da mamãe... um beijão ... não”. João disse-me que o “não” do bilhete era só pra rimar com o “coração”.

João parecia bastante tranqüilo no curso da entrevista. No momento em que eu perguntava se ele sentia-se satisfeito com o casamento, a esposa passou, rumo à cozinha, acenou para mim e disse ao marido: “Tem que responder ‘sim’, hein?! Senão...”. Todos nós sorrimos.

Ao final da entrevista, ele chamou a mulher que estava com as crianças e perguntou-me se eu gostaria de beber algo. Agradei-lhe. A esposa disse-me que havia feito um café e ofereceu-me.

Estava chovendo e, ao despedir-me deles e agradecer-lhes, a esposa pegou uma sombrinha e a deu ao marido para que ele me levasse até ao portão. João pediu a Marilene para levar-me. Antes, foi despedir-me das crianças que estavam sendo levadas para a cama por João. Marilene foi comigo até o portão.

A décima quinta entrevista foi feita com Carlos, casado com Inês. Carlos tem 48 anos de idade, possui 2^o grau completo, exerce trabalho autônomo no ramo de contabilidade, é casado há 24 anos e frequenta a igreja há 17 anos. Antes de frequentar a igreja presbiteriana em questão, ele frequentou outra comunidade religiosa de mesma denominação durante três anos. Portanto, Carlos considera-se presbiteriano há 20 anos.

Cheguei à casa de Carlos às 20:00h e fui recebida por Inês. Ela sentou-se comigo no sofá da sala e conversamos um pouco sobre as notícias dadas no jornal televisivo. Carlos logo apareceu na sala. Ele cumprimentou-me, começamos a conversar, mas quando um jogador de futebol apareceu na televisão ele, sem notar, interrompeu a conversa. Inês perguntou a ele se gostaria de terminar de ver o jornal para depois fazer a entrevista. Imediatamente ele disse que não. Ela, então, levantou-se e disse que iria nos deixar sós e que iria para o quarto assistir a novela. Começamos a entrevista depois de Carlos ter falado, sem parar, mais ou menos 30 minutos sobre questões familiares, vizinhos, trabalho, ativismo político, política, relações de parentesco “complicadas”, etc.. Percebi que se eu não interviesse para começarmos a

entrevista, seria muito difícil realizá-la naquele dia. Então, eu lhe disse que seria interessante que ele me dissesse o que estava me dizendo em entrevista. Falei-lhe sobre a pesquisa e ele disse-me que achava “fantástico”.

No início da entrevista, Carlos demonstrava timidez na forma em que se colocava sentado. No entanto, ele falava muito. Depois de uma hora de fala, a esposa, um pouco impaciente, saiu do quarto e dirigiu-se à cozinha. Ouvi uma conversa vinda de lá. O filho chegara da faculdade. A porta da cozinha, então, foi fechada. Enquanto estava aberta, Carlos diminuiu o volume de voz. Ao terminarmos a entrevista, Inês abriu rapidamente a porta da cozinha e foi logo dizendo: “Você falou mais que eu, hein?”. E dirigiu-se a mim para que eu confirmasse a afirmação dela. Confirmei. Ele sorriu.

Inês perguntou-me se eu gostaria de beber algo. Recusei e agradei-lhe. Já passava das 23:00h. Rapidamente despedi-me e fui para a porta. Senti que Inês estava ansiosa e, talvez, exausta. Eu também estava. Ela acompanhou-me até ao portão.

Antônio tem 39 anos de idade, faz o curso de pedagogia e cursou teologia no seminário presbiteriano do sul. Ele é o pastor da igreja. Casado com Joana há 13 anos, Antônio é de origem evangélica de linha pentecostal (Assembléia de Deus). Há 18 anos diz ser presbiteriano e há 3 anos e 6 meses é pastor da igreja presbiteriana central de Ribeirão Preto.

Antônio marcou a entrevista no “gabinete pastoral”, situado no espaço da igreja, às 15:30h. Uma senhora, informou-me a secretária da igreja, ainda estava conversando com ele. Logo ambos, Antônio e a senhora, saíram do gabinete e ele chamou-me para entrar. O gabinete é uma sala ampla. Ele sentou-se e entre nós havia uma mesa. Brinquei com ele perguntando-lhe se era naquela cadeira solitária que eu me sentaria. Ele me disse que geralmente eram duas cadeiras que ficavam ali a fim de servir a casais. Ele, então, colocou outra cadeira ao lado da minha a título de brincadeira.

Ele me pareceu um pouco tenso no começo da entrevista. Depois, para minha surpresa, ele foi se abrindo comigo e resolveu falar muito. Escreveu meu

nome em um papelzinho e, enquanto rabiscava, respondia ou ouvia o que eu perguntava. Antônio falou bastante, o que é curioso já que mostra-se tímido. Terminada a entrevista, ele perguntou-me se eu iria transcrever as fitas e observou que esse seria um trabalho árduo.

Ao sairmos do gabinete, Joana o esperava na secretaria. Logo que ela o viu, disse-lhe: “Eu estava até cochilando...”. Constrangida, pedi-lhe desculpas pela demora. Ela disse que ele falou mais que ela e olhou para mim perguntando-me: “Não é?”. Antônio disse a Joana que eu havia lhe perguntado “datas”. A secretária, que também estava presente na ocasião, perguntou-me rindo: “Você perguntou data pra ele?”, referindo-se ao fato dele ser “esquecido”. Joana disse que o aniversário dela ele não esquecia porque ela exigia que Antônio o lembrasse. A secretária perguntou-me: “Ele te falou que semana que vem é aniversário dele?”. Antônio havia me dito. Enquanto ele fora atender a um telefonema, conversei um pouco com Joana sobre artesanato. Ao voltar, Antônio disse a Joana: “Vamos?!”. Ela, irritada, respondeu que era ela quem o estava esperando a um bom tempo. Despedi-me e o agradei.

A décima sétima entrevista foi feita com Paulo. Com 42 anos de idade, casado há 20 anos, ele possui 3^o grau completo e tem dois filhos (um de 18 anos e uma de 15 anos). Há 20 frequenta a igreja em foco, mas, de origem evangélica, sempre frequentou a igreja na cidade em que morava antes de casar-se e mudar-se para Ribeirão Preto.

A entrevista foi marcada por Paulo às 20:00h. Fui recebida pela esposa que me levou até à sala onde ele estava cochilando. A casa está situada em um dos melhores bairros residenciais de Ribeirão Preto para a “classe média”. A casa é grande e confortável. Enquanto a esposa trazia uma cesta cheia de pão de queijo, Paulo me dizia que só poderia comer até às 21:00h porque iria fazer exame de sangue no dia seguinte. Ele contou-me, bastante preocupado, que havia ido ao cardiologista naquele dia, juntamente com a esposa, e que sua pressão arterial estava muito elevada. Conversamos um pouco mais sobre isso e ele disse-me que estava trabalhando demais. Paulo trabalha num órgão da prefeitura e é um dos engenheiros responsáveis pelo setor.

Quando fomos para uma outra sala a fim de começarmos a entrevista, a esposa disse que iria, enquanto isso, usar o computador.

Ao começarmos a entrevista, senti que Paulo estava um pouco tímido e muito preocupado com sua saúde. Depois da entrevista, ele voltou a falar sobre seu problema cardíaco e o relacionou, novamente, ao estresse no trabalho. Chamou a esposa, dizendo que já havíamos terminado. Ela me parecia impaciente. Conversamos um pouco sobre o filme “O Advogado do Diabo” que eles haviam assistido. A esposa, geralmente bastante falante, falou poucas palavras e Paulo, geralmente mais calado, falou muito. Senti algo estranho naquele momento: o clima estava um pouco pesado. Despedi-me e eles saíram comigo, pois iam buscar a filha no shopping center. A esposa abriu o portão enquanto Paulo dava partida no carro. A entrevista com a esposa estava marcada para o dia seguinte às 10:00h, mas ela disse-me que não sabia se seria possível realizá-la porque iria com o marido ao médico pela manhã.

A entrevista com Fátima, esposa de Paulo, foi realizada no dia e horário outrora marcados. Ela telefonou para mim avisando-me que já havia voltado do médico com o marido. Fátima tem 39 anos de idade, 2^o grau completo, trabalha num banco estatal e, como o marido, é de origem evangélica.

A empregada atendeu-me e pediu que eu esperasse um pouco. Fátima logo apareceu e perguntou-me, imediatamente, se eu gostaria de tomar um café ou um leite. Agradei-lhe. Sentamo-nos no sofá da sala e ela disse-me que estava preocupada com a saúde do marido e que ele é muito calado, que não “extravasa”, ao contrário dela, disse-me, que chora, fala... No momento em que eu preenchia a “ficha de identificação”, ao perguntar-lhe quantos anos de idade ela tinha, Fátima lamentou-se porque irá fazer em breve 40 anos.

Antes de começarmos a entrevista, ela disse-me que depois das 11:00h. iria fazer o almoço e ir para o trabalho. Fátima não estava calma, mas queria muito falar. Assustou-se quando o 1^o lado da fita terminou dizendo: “Já falei meia hora?”.

Ela falou bastante. Terminamos a entrevista e ela perguntou-me: “Era isso?”. Já passava das 11:00h.. Conversamos um pouco e ela voltou a falar sobre o marido e disse-me também que estava com uma forte dor no peito e que achava que era ansiedade. Ao levantar-me para ir embora, Fátima perguntou à empregada se ela havia feito arroz. A empregada disse que sim. Então, ela disse para que não colocasse sal na comida por causa do marido. Despedi-me. Ela perguntou-me se eu gostaria de almoçar com eles. Agradei e ela acompanhou-me até ao portão.

Teresa, de 44 anos de idade, mãe de dois filhos (uma de 18 anos e um de 16), casada há 20 anos, com 3º grau completo e professora, foi a minha décima nona entrevistada. Ela frequenta há mais ou menos 11 anos a igreja. Era católica antes de tornar-se evangélica.

Cheguei ao bairro onde mora, um bairro considerado de “classe popular”, pouco menos que 20:00h. A casa, apesar de ser uma casa de Cohab, diferencia-se das outras. É muito arrumada e confortável. Fui atendida por Teresa que me acolheu com um sorriso. Sentamo-nos na sala. Elogiei a casa e disse-lhe que era bonita, arrumada. Ela disse-me que arrumada era, mas bonita, nem tanto. Mostrou-me a casa toda. Ao entrarmos no escritório, a filha estava estudando juntamente com o namorado, também da igreja. O filho estava na copa, ouvindo música e desenhando.

Teresa perguntou-me se a entrevista era “reservada”. Eu lhe disse que sim. Então, ela sugeriu que fôssemos para a sala. Fechou a porta do escritório e disse à filha e ao namorado dela: “Juízo, hein?!”. Antes de começarmos, o filho passou pela sala e brincou dizendo que gostaria de ouvir a entrevista depois. Teresa disse-me que o marido estava tomando banho.

Quando perguntei a Teresa se poderia gravar a entrevista, ela respondeu-me que a voz dela não era bonita para ser gravada e perguntou-me se alguém iria ouvir a gravação. Expliquei-lhe que a entrevista era sigilosa e que não precisaria preocupar-se com a sua voz. Enfim, começamos a entrevista. Senti que ela estava muitíssimo interessada em colaborar comigo.

Mais ou menos no meio da entrevista, o marido entrou na sala. Ela pediu-me para parar de gravar. Ele me cumprimentou e disse-me que não via a

hora de fazer a entrevista também. Já havíamos marcado a data, mas ele pediu que mudássemos porque naquele dia haveria a comemoração do aniversário do pastor na igreja. “Eu preciso ir... ele é meu amigo. Você entende?”, disse-me.

Continuamos depois que o marido saiu. Depois de terminarmos a entrevista, Teresa disse-me que somente ela e um irmão, dos treze que tem, eram evangélicos e que a mãe a levava sempre à missa quando criança.

Ao levantar-me para ir embora, Teresa disse-me que eu não iria embora sem comer algo. Levou-me para a cozinha e ofereceu-me coca-cola. Depois mostrou-me suas plantas, deu-me um vasilho de orquídea e, inconformada por eu não ter comido nada, deu-me algumas laranjas, tirou do freezer um bolo de mel que fizera e colocou tudo numa sacola, oferecendo-me.

Enquanto caminhávamos para a sala, ela disse-me que acha que vai entrar para a SAF da igreja como sócia.

Ao despedir-me, constrangida porque levava uma sacola e um vaso de flor, o marido e ela levaram-me até ao carro. Despedi-me e eles convidaram a mim e a meu marido para tomarmos um lanche com eles. Agradeci-lhes.

Meu último entrevistado foi Silvio, marido de Teresa. Ele tem 43 anos de idade, 3^o grau completo, é professor e frequenta a igreja há 14 anos. Como sua esposa, Silvio era católico antes de tornar-se evangélico.

Teresa abriu a porta para mim. Ela abraçou-me e pediu-me desculpas por estar cheirando a cebola. Estava fazendo a janta naquela hora, disse-me, porque chegara às 19:00h do trabalho. Eram 20:00h. Silvio ainda não aparecera e Teresa parecia impaciente. Quando ele chegou, ela foi para a cozinha. Perguntei a ele sobre a placa de “vende-se” colocada na frente da casa. Silvio disse-me que onde moram é longe do trabalho dele e da escola dos filhos.

Os filhos vieram cumprimentar-me e o namorado da filha também. A esposa pediu licença e disse que fecharia a porta para ficar “incomunicável” na hora da entrevista.

No início da entrevista, percebi que Silvio estava preocupado em elaborar bem as respostas. Durante a entrevista os filhos entraram na sala para irem ao escritório. Ele parava de falar cada vez que isso acontecia. Percebi que ele não queria que os filhos ouvissem o que me dizia. Terminada a entrevista, ele mostrou-se preocupado com as respostas que havia dado. Ao dizer-lhe que já estava de saída, ele disse-me pra que antes fôssemos até à copa. Todos estavam sentados à mesa e já começavam a jantar. Teresa colocou um prato na mesa para mim e insistiu para que eu comesse. Aceitei o convite. Ela serviu-me espontaneamente. Conversamos sobre muitos assuntos: viagens, igreja, etc... Foram momentos muito agradáveis. Depois da sobremesa, os filhos e a esposa arrumaram a mesa e continuei a conversar com Silvio. Teresa voltou à mesa e conversamos, os três, sobre família. Ela falou sobre o pai que está doente.

Despedi-me e ela convidou-me para voltar na casa deles, dessa vez para “passear”. Silvio disse-me que esperava ter me ajudado e agradeceu-me. Eu os agradei. Foram comigo até à rua. Já era tarde quando saí de lá.

3 - Considerações sobre o contato com os sujeitos na esfera privada

Há algumas considerações importantes a serem feitas sobre as entrevistas realizadas. Uma delas refere-se ao fato de todos os maridos entrevistados, ao me cumprimentarem, perguntarem imediatamente sobre meu marido. Essa atitude não só me fez pensar sobre a idéia de que essa era uma forma polida de me cumprimentarem, já que me conhecem, e de que a figura da esposa parece sempre trazer a lembrança da figura do marido, quando este não está presente, como também suscitou algumas indagações. Na verdade, o perguntar sobre meu marido, foi a maneira desses homens marcarem a minha condição de mulher e de casada e reafirmarem o “lugar” deles naquele momento da entrevista e no próprio casamento. Desse modo, o caráter formal da situação de entrevista tendeu a ser substituído por uma relação menos formal. Sem dúvida, a demarcação dos espaços e a ruptura da formalidade foram efetuadas pelos maridos entrevistados e serão levadas em conta na análise dos dados.

Significativa foi a diferença da recepção dada a mim pelos homens e pelas mulheres entrevistados. Após as entrevistas realizadas com as mulheres, estas fizeram questão em me oferecer algo para comer e/ou beber. Já os homens não demonstravam essa preocupação. Eles deixavam claro que esse tipo de atitude não cabia a eles, mas sim às esposas.

Interessante, também, é o agradecimento feito pelos informantes a mim depois das entrevistas ou no momento em que eu me despedia. Percebi, realmente, que eles se sentiram de alguma forma valorizados nesse processo da pesquisa e também sentiram, gratificados, que estavam me ajudando. Sem dúvida, deve ser levado em conta o fato de que eu sou por eles conhecida. Talvez uma pesquisadora desconhecida não tivesse tão agradável recepção.

Por fim, o relato minucioso feito, fruto da aplicação de entrevistas, permite que sejam levantadas questões relevantes num contexto diferenciado ao dos cultos e reuniões observados na igreja. Adentrar a casa dos

informantes significa mais que um ato em si mesmo. Significa ter acesso ao espaço doméstico, à vida privada dos informantes, e a possibilidade de compreender como esse espaço afeta e é afetado pelo espaço público da igreja. Acredito que compreender a interseção entre essas duas esferas, tanto quanto os distanciamentos que possam existir entre elas, constitui um dos pontos cruciais desta pesquisa.

4- Uma incursão à dimensão do “eu” através do “outro”

Estranhar o que nos é familiar é um exercício que exige uma certa dose de disposição para enfrentar questionamentos internos capazes de abalar nossos referenciais mais profundos. O fato de eu ter tido uma socialização nos moldes presbiterianos, ser uma presbiteriana e estar estudando uma comunidade presbiteriana trouxe-me essa sensação de que algumas “verdades”, às quais imputamos um valor de imutabilidade, eram questionáveis e eram construções feitas pelo grupo social com uma lógica muitas vezes inexplicável pelos membros desse grupo.

Sempre, que eu me lembre e confiando na memória de minha mãe, perguntei os “por quês” das coisas serem “assim ou assado” e, talvez, isso tenha colaborado para minha aproximação da antropologia. Na verdade, quando tive contato, na universidade, com os pressupostos antropológicos, senti um certo alívio porque entendi que todos aqueles questionamentos, que me acompanhavam e que eram estranhos a muitas pessoas, poderiam ser pensados de uma forma sistemática e empregados numa investigação voltada para a interpretação e compreensão daquela realidade.

Durante quinze anos da minha vida (ou talvez mais, contando o legado dos meus antepassados), freqüentei a igreja presbiteriana de Jaú, interior paulista, onde morei. A solenidade nos cultos era coisa que assustava. O som do órgão já impunha silêncio, logo na entrada, até mesmo às crianças mais desavisadas. Lembro-me de dois episódios ocorridos na igreja que me faziam questionar ainda mais a instituição.

Eu era menina, ainda, tinha mais ou menos uns nove anos de idade. No culto pela manhã, o pastor falou sobre as resoluções do conselho da igreja e sobre o fato de que três jovens seriam disciplinados. Disse à congregação que eles já haviam sido avisados sobre a sanção que teriam se não abandonassem o trabalho que faziam. Eles formavam uma banda musical que tocava nos bailes do clube da cidade. À noite, os três moços foram chamados à frente, diante da congregação, e a sentença

foi dita firmemente: eles estavam sendo afastados da comunhão da igreja e não poderiam participar da Santa Ceia (momento ritual de distribuição de pão e vinho, lembrando a última ceia de Jesus Cristo). O conselho da igreja entendeu que os moços estavam se comportando como “mundanos”.

O segundo episódio, lembro-me bem, aconteceu em meio às lágrimas da família de uma moça. A família dela, aliás, tinha muito poder na igreja. Ela foi chamada à frente, diante de todos, e também foi disciplinada com o afastamento da comunhão porque estava grávida e era solteira. O pastor, ainda, disse a ela que se se mostrasse arrependida diante da igreja, ela poderia voltar à “plena comunhão”.

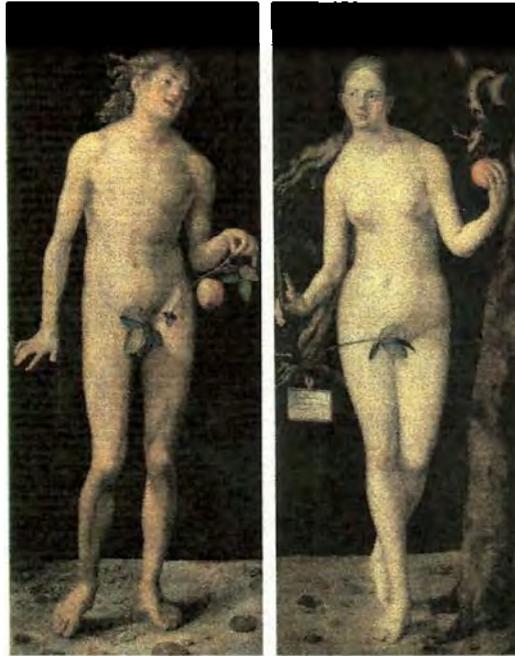
Foi horrível ter visto aquela moça em prantos, sendo humilhada diante de todos. Então, lá vieram meus questionamentos. Porque as coisas precisavam ser assim? Para quê? Será que só eu questiono tudo isso?

A antropologia me forneceu algumas respostas. E, mais que isso, forneceu-me a possibilidade de repensar minha maneira de ver as coisas.

Quando mudei-me para Ribeirão Preto, eu e minha família passamos a freqüentar a igreja presbiteriana a que me propus, agora, estudar. Logo de início, pude perceber que ela tinha um sistema de códigos diferente do que vigorava na igreja presbiteriana de Jaú. Embora o mesmo Deus e a mesma mensagem de salvação em Jesus Cristo fossem característicos nas duas comunidades religiosas, havia regras de comportamento que existiam em uma e em outra não.

Depois de ficar quatro anos em Brasília, onde a antropologia, por um erro (excelente erro) na inscrição no vestibular da Universidade de Brasília (UnB), veio fazer parte intensa da minha vida, regressei a Ribeirão Preto. Mas foi em Brasília que pude empreender um trabalho de campo, a fim de compor minha monografia de final de curso, junto a duas comunidades religiosas evangélicas (uma de raiz histórica e outra pentecostal). O estranhamento na igreja pentecostal (Assembléia de Deus) não foi algo que exigiu de mim um esforço tão grande quanto o exigido no contato com o grupo presbiteriano, por mim freqüentado.

Em Ribeirão Preto, no entanto, o estranhamento foi ainda mais difícil do que em Brasília. Tenho algumas raízes na igreja presbiteriana desta cidade. Minha adolescência e parte da minha juventude são marcadas pela convivência nesse grupo religioso. Casei-me nessa igreja. Por isso, apesar de ser questionadora, em momentos do trabalho de campo, eu me “pegava” naturalizando as coisas. Mas ainda mais difícil que isso era o controle sobre minhas emoções. Pensar sobre as coisas, desnaturalizando-as, trazia-me a sensação de uma ausência de sentido, não para os presbiterianos que eu estava estudando, mas para mim. Desmontar os significados de um universo simbólico, no qual eu estava inserida, foi uma tarefa complexa, dolorosa e, ao mesmo tempo, fascinante e esclarecedora. Na relação que pude travar mais de perto com os informantes, os dez casais, um espelho estava sempre posto diante de mim. Ouví-los foi uma lição de que o que nos ensinaram pode ter múltiplas interpretações e, de alguma forma, uma ou mais delas tocam os nossos conceitos mais enraizados e nos fazem ver quem somos. Possivelmente eu ouvi deles o que eles acharam que eu gostaria de ouvir. Alguns acertaram, outros nem tanto. Mas é isso que faz esse empreendimento significativo. O meu “próximo” se transformava no “outro”. Um “outro” que poderia muito bem ser eu. Por isso, eu colocava meu “eu” em foco também, no trabalho de campo, e, de certa forma, fiz com ele inúmeras entrevistas, todas com respostas diferentes, deslizando pelos mais diversos sentidos, desde os que a religião nos possibilita aderir até aos que o universo antropológico nos permite buscar e descobrir.



(...) E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe. E disse o homem: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos, e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada”. Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. (Gênesis 2:22-24)

IV – Por uma interpretação dos presbiterianos

1 - A mistura dos sons

Num primeiro momento, olhar os dados coletados, os depoimentos, os textos nos boletins da igreja, as observações registradas no diário de campo, foi como olhar para desejos, aspirações, nervosismos, satisfações, indignações, emoções e tudo o que se refere às especificações individuais, como se os indivíduos tivessem construído de forma isolada e solitária seu próprio sistema de valores. Na verdade, tudo pareceu-me desconectar em relação ao contexto e à própria comunidade a que me propusera entender. Não conseguia perceber, por exemplo, as articulações entre a resposta de um evangélico com uma posição claramente machista e conservadora e a resposta de um evangélico com um posicionamento mais aberto e reflexivo sobre as questões mais atuais da nossa sociedade. Era como olhar um quebra-cabeças em que se tenta forçar o encaixe das peças na esperança de visualizar alguma imagem.

Tentei pensar, então, nos dados não como peças de um quebra-cabeças, mas como uma partitura musical. Nela podemos ver, de imediato, a linha melódica. As notas e o valor de tempo de cada uma variam em cada compasso, isso se tivermos a sorte de pensar numa melodia bem elaborada. Solitária, a linha melódica pode ser cantada por uma voz somente. Por mais elaborada que seja, ela simplifica-se. No entanto, ela ganha forte sustentação e complexidade com a harmonia, uma combinação de acordes que podem soar de forma dissonante ou consonante. Sem o ritmo, a melodia não existe. Uma única nota pode ter andamentos ritmicos variados. O ritmo é o próprio contexto da música, é o sobrenome dela. A clave, de sol, de fá ou de dó, particulariza as notas. Estas ganham identidade através da clave utilizada na composição musical. A música pode ser cantada também. Ao soprano, que geralmente assume a melodia, juntam-se outras vozes: o contralto, o barítono, o tenor e o baixo. No decorrer da música, podem surgir muitas outras “regras” e muitos símbolos: notas tocadas ou cantadas em “soquinhos” chamados *staccattos*, ligaduras entre notas iguais

ou distintas, pausas com tempos variados de silêncio, quiálteras que são inexplicáveis divisões iguais de um tempo para três, cinco ou sete notas, mudanças de andamento, contratempos, contrapontos, delicadeza ou força na execução da peça, etc. Podem haver, ainda, variações sobre um mesmo tema. É por meio de um arsenal de símbolos que o compositor cria uma música. Pronta, a partitura musical pode ser executada de formas diferentes, apesar de suas regras definidas. Muitos e diversos intérpretes podem executá-la solitaria ou concomitantemente, como numa orquestra ou num coral, podem fazer um novo arranjo musical, podem mudar seu estilo rítmico, podem introduzir novos instrumentos musicais, podem apresentá-la em um belo teatro ou em um concerto popular no coreto da praça.

É essa dinâmica presente na música que nos interessa na análise dos dados. São as diferenças, as dissonâncias, e as semelhanças, as consonâncias, que procuramos entender num contexto particular, numa tonalidade musical específica que sofre alterações em muitos planos e que não despreza a individualidade, mas que a entende dentro de uma musicalidade característica. Compreender a legitimação da melodia pela harmonia e a dependência daquela de um ritmo que faz as notas dançarem mais ou menos em momentos definidos é nosso objetivo na medida em que temos acesso a essa partitura musical, não impressa ainda aos nossos olhos, mas confiada a nós pelo próprio compositor.

Compositor e intérprete fundem-se quando pensamos na complexa “partitura” escrita pelos evangélicos a quem nos propomos compreender. As vozes são distintas, confundem-se nos contrapontos, nos paradoxos, mas formam um coral que tem um sentido a transmitir e um significado para existir. É dentro dessa perspectiva que colocamo-nos como intérpretes dos compositores-intérpretes que constróem/executam uma obra que, numa perspectiva dinâmica, caracteriza-se sempre como inacabada.

2 - A aventura de interpretar

Esta análise fundamenta-se na “teoria nativa”, que se nos apresenta através dos dados coletados, dos presbiterianos em questão e nos referenciais teóricos fornecidos pela antropologia. É a partir desse entrelaçamento que pretendo refletir sobre os parâmetros que alimentam as representações dos presbiterianos sobre família, religião, sexualidade e relações de gênero.

1- A estrutura religiosa dos presbiterianos.

Não seria possível compreendermos os presbiterianos observados se não compreendêssemos primeiramente os pilares que sustentam a estrutura religiosa por eles construída. Há dois níveis que precisam ser, para fins de análise, separados: o dos princípios bíblicos e valores considerados divinos e o dos princípios e valores presbiterianos. Antes de prosseguir, é importante dizer que há uma interseção entre eles muito forte a ponto de se misturarem na fala dos informantes. Para entendermos esses dois níveis, faz-se necessário que seja repensada a idéia de conversão. Muitos estudiosos da religião têm considerado a conversão como a transformação do indivíduo em um adepto de determinada denominação religiosa. Utilizaremos o conceito de conversão de acordo com a classificação dos presbiterianos que fazem uma distinção entre “converter-se” a Deus e “tornar-se” um evangélico. A igreja é ou deveria ser um espaço propício para que a conversão a Deus aconteça. A fala de Janete expressa essa idéia:

Eu gosto muito dessa igreja, foi aí que eu aceitei a Jesus, é aí que eu tenho... é... comunhão com os irmãos, mas eu acho que... que Deus não está limitado só a essa igreja, com certeza, né? (Janete)

Converter-se significa reconhecer-se pecador, arrepender-se dos pecados, reconhecer o sacrifício e a ressurreição de Jesus Cristo e, então, consagrar-se a Deus, tornando-se filho dele e uma “nova criatura”. Os evangélicos acreditam que todos são criaturas de Deus, mas somente os convertidos, os que depositam a fé nesse Deus, são “feitos” filhos dele. Estamos falando, então, de um dos pilares da estrutura religiosa, qual seja: a “salvação”. Os presbiterianos entendem a “salvação” como um momento irreversível na vida do indivíduo pois significa um “novo nascimento”, a passagem das “trevas” para a “luz”, a garantia de reconciliação com Deus e a certeza de vida eterna após a morte. A adesão a determinada denominação religiosa não significa, dentro dessa perspectiva, uma conversão. Em termos de situação ideal, para tornar-se um adepto de qualquer religião protestante, tradicional ou não, é preciso que essa conversão aconteça e seja professada à comunidade num momento ritual. No entanto, há no discurso evangélico a idéia de que há “joio” no meio do “trigo”, ou seja, há pessoas não convertidas que freqüentam a igreja.

Agora, o que me incomoda dentro da igreja é... é ver que tem pessoas dentro da igreja, né, que são, que estão ali, que escuta a palavra, é evangélica... mas que são como as outras do mundo, que não tem diferença nenhuma. (Teresa)

Portanto, nem todos os que freqüentam a igreja são necessariamente convertidos, “salvos”, mas todo aquele que se converte freqüenta uma igreja.

O individualismo é marcante no momento da salvação. E, aqui, a idéia de individualismo refere-se às representações de indivíduo que o grupo em questão elabora. O momento da salvação é um momento para os presbiterianos em que o *sujeito empírico* transforma-se para a comunidade religiosa num *ser moral* (Dumont, 1985) e desloca-se para o plano do não social, e, numa dimensão que ultrapassa os limites das relações terrenas, encontra-se com Deus de forma solitária. Esse momento em que o indivíduo encontra-se desligado do mundo é, contudo, ansiosamente esperado pela comunidade presbiteriana como uma passagem ritual imprescindível para que o “ser transformado” passe a fazer parte do “corpo de Cristo”.

Portanto, somente o indivíduo pode tomar a decisão de “nascer de novo”. Esse é um assunto de foro íntimo.

Sempre tive uma participação também ativa na Igreja Católica. Só que tinha um vazio dentro de mim. E quando eu comecei a freqüentar a Igreja (a presbiteriana), esse vazio foi sendo preenchido. E... quando eu aceitei a Cristo, Cristo preencheu esse vazio, que eu... apesar de freqüentar a Igreja Católica, não tinha conhecido, tido um encontro com Jesus. (Janete)

Enquanto a salvação é um ato, um marco na vida do indivíduo, o outro pilar que suporta a estrutura religiosa, a “santificação”, é considerado um processo. Depois da salvação, o indivíduo deve exercitar sua relação com Deus e procurar adequar sua conduta aos princípios divinos. Isto exige dele disciplina no que se refere à leitura da Bíblia, à oração, ao exercício do amor a Deus e do amor ao próximo e o abandono de práticas consideradas “mundanas”.

E até pouco tempo atrás, eu até via revista Playboy, mesmo sendo evangélico, sabe? Mas aí Deus foi me cobrando, me cobrando, falando assim: “mas que evangélico você... que cristão você é, que exemplo que você pode ser pra eles, se você mesmo tá compartilhando essa... esse momento?” Então, eu coloquei diante de Deus, eu falei: “Senhor, dá-me força, só o teu Espírito que pode me... dar força, porque eu... sou carne, sei que amanhã eu posso cair aí num buraco e não sou mais nada”. E pedia a Deus isso e hoje eu evito. (Sérgio)

A “evangelização”, o terceiro pilar, está relacionada à “salvação” e à “santificação”. Salvo e santificando-se, o indivíduo deve ser agora um “proclamador” do evangelho. Ele deve levar as “boas-novas” àqueles que estão “perdidos” no mundo, que estão em trevas e sob o domínio de Satanás. Para isso, o fiel deve diferenciar-se dos “mundanos” através de atitudes e comportamentos que demonstrem sua relação com Deus e rejeitem tudo o que é contrário aos padrões bíblicos.

Aí, quando você se converte, aí você começa a receber as lutas, aí você começa a receber os dardos inflamados que a Palavra de Deus fala, que é do inimigo. Aí, você começa a ter problemas na vida, como toda pessoa tem. Mas eu acredito que o cristão, ele tem muito mais, porque ele está exposto, né? E como... como Jesus disse que nós temos de... de... devemos ser sal e luz, né?, então, devemos ser diferença no mundo, devemos ser diferentes. (Sérgio)

Podemos perceber que há, entre os presbiterianos, uma hierarquia no que se refere ao nível dos princípios bíblicos, já que eles têm um acesso direto a estes através da utilização da Bíblia, e ao nível das regras e princípios que a instituição religiosa prega a seus adeptos. Portanto, apesar de haver a valorização do espaço eclesiástico pelos presbiterianos, como veremos nos próximos tópicos, há também a clareza por parte deles de que o que a instituição prega deve condizer com os preceitos bíblicos e que, como instituição religiosa presbiteriana, ela deve estar subordinada às ordenanças bíblicas. Os princípios e preceitos considerados divinos não são questionados pelos presbiterianos pois acreditam na inerrância da Bíblia e na perfeição divina, mas os princípios presbiterianos são, no discurso, freqüentemente discutidos e criticados.

Com base nessa estrutura, interessa-nos compreender como os fiéis vivenciam os valores religiosos no que se refere às relações familiares, à identidade de gênero, à relação com a sexualidade e à relação com a divindade.

2- A Importância da família para a igreja

É o Lar e não a igreja o centro de ensino vital da fé. Na verdade, é um trabalho conjunto entre comunidade e família. Entre o coletivo e o indivíduo. (Pastor da igreja, em nota no boletim da igreja)

A família é considerada pela igreja como o seu próprio fundamento. Isto remete à criação divina. Deus criou primeiramente a família e da reunião das famílias, que foram se reproduzindo, a igreja, através dos tempos, foi formada. Essa idéia, a de que a igreja é, e deve ser, um produto da reunião das famílias, é muito forte entre os presbiterianos. Por isso, eles têm uma preocupação constante com a temática da família em cultos, reuniões e confraternizações. O mês de maio, por exemplo, é dedicado à família. Nesse mês, os estudos bíblicos, as orações, os sermões e até o tradicional piquenique de 1º de maio, Dia do Trabalho, enfatizam a família e os padrões estabelecidos por Deus de comportamento e dinâmica familiares. Em um dos cultos, o pastor deixou clara essa preocupação da igreja com a família, responsabilizando esta pela própria constituição eclesial e pelas relações travadas no interior da igreja. Ele disse a seguinte frase:

A igreja só vai ser sadia e estruturada se a família for sadia e estruturada. (Antônio)

Os acontecimentos familiares ou da esfera do privado são publicizados na igreja através dos avisos dados pelo pastor ou através de notas no boletim da igreja. Os assuntos variam desde comunicado de formatura, falecimento, casamento, nascimento de filhos, pedidos de oração por pessoas enfermas ou com problemas (como alcoolismo e desemprego, que são comuns) até venda de geladeira e outros eletrodomésticos. É certo que muitos desses assuntos considerados privados são publicizados também de alguma forma na sociedade laica. Mas o que é interessante notar aqui é que, ao serem publicizados na igreja, essas ocorrências

são referidas a esse grupo social específico, o que significa uma abertura para o estabelecimento da solidariedade e de trocas que una ainda mais os membros desse grupo. Talvez, o que esteja mais relacionado ao universo privado das pessoas, e que, em geral, na sociedade inclusiva é tratado como “anônimo”, é a questão do alcoolismo. O pedido de ajuda “espiritual” aos alcóolatrás, que têm seu nome colocado claramente no boletim, inclusive identificando a que família pertencem, é um indicador de que as questões de cunho familiar estão fortemente presentes no espaço eclesiástico, de tal forma que a igreja “invade” os espaços de maior intimidade da família e oferece a esta sua bênção, seus préstimos ou suas exortações.

As investidas sobre a responsabilidade dos pais em relação aos filhos também é uma constante nos sermões e reuniões feitos no espaço eclesiástico. É certo que o individualismo, no que tange à responsabilidade do indivíduo em manter sua relação com Deus calcada no tripé oração-leitura bíblica⁶-comportamento cristão, é algo marcante entre os presbiterianos. Estes, aliás, acreditam que se não houver esse comprometimento íntimo dos indivíduos com Deus, toda a comunidade sofrerá as conseqüências desse distanciamento da divindade. No entanto, essa consciência da relação individual com Deus deve surgir da instituição familiar. Portanto, os presbiterianos reconhecem o valor do núcleo familiar no sentido de serem os pais os responsáveis pela socialização dos filhos e de, então, terem a obrigação de incentivar essa relação individual com Deus, além de serem modelos para os filhos. O depoimento de Fátima, quando perguntada sobre a orientação religiosa que deu e que dá aos filhos e se achava que essa orientação preparou ou vai prepará-los para o futuro no mundo, é significativo sobre essa questão:

(...) então, a gente... quando eles eram pequenos a minha preocupação era mostrar Jesus pra eles. Isso eu fiz... tá? Eu falei da salvação desde pequeno pra ele, pros dois. E eles aceitaram a Jesus comigo, né?. Então eu posso seguramente dizer que no meu coração

⁶ Interessante notar que a fala dos informantes é marcada por citações bíblicas. Um exemplo disso é a fala de Sérgio: (...) *Só que eu tenho defeitos, eu tenho problemas e... como Jesus disse: “no mundo tendes aflições, mas tende bom ânimo, porque eu venci o mundo”*.

isso tá selado com Deus, agora a vida espiritual deles depende da convivência deles com Deus, então isso é uma coisa que eles vão ter que buscar.(...). Então o relacionamento com Deus, a comunhão com Deus depende deles. Não depende do que a gente fez. O que a gente fez foi colocar a base, princípios, e apresentar o senhor Jesus para eles. E eles aceitaram e acataram. E a gente sabe que eles são salvos... é... são salvos por Cristo; a gente tem essa segurança no coração, essa tranqüilidade, né?. Agora a vida deles, espiritual, depende deles. Não depende de mim mais, nem do Paulo, né? (Fátima)

A família, então, aparece como reprodutora dos valores bíblicos e dos padrões de conduta considerados aceitáveis por Deus. Lembro aqui uma idéia que ouvi muitas vezes nos sermões, estudos bíblicos e em algumas falas dos presbiterianos sobre o lugar de Deus, da igreja e da família como valores na vida do cristão. Deus deve ocupar o primeiro lugar. O segundo e o terceiro devem ser ocupados, respectivamente, pela família e pela igreja.

Então, a família sofreu muitas transformações, porque acho que a família, sendo a célula mater da sociedade, especialmente... o ponto mais interessante da... da... da Bíblia pra Deus, sendo a família... depois de Deus vem a família, então, é um ponto de ataque do inimigo; ele sutilmente ataca de várias maneiras pra que... pra que haja uma deses... de-ses-tru-turação do... da família mesmo, né? (Rita)

Se a igreja é valorizada enquanto espaço socializador, ela é vista pelos presbiterianos como um “complemento” ao papel de socializadora “por excelência” atribuído à família.

O mais importante é família. Não... Nada substitui a família. Igreja não substitui a família, Escola, nada... né? A gente tem uma ajuda, um auxílio lá, mas m-u-i-t-o... (fala pausada e enfaticamente) É muito pouco tempo pra você... fazer isso com uma criança, você esperar que a igreja resolva isso ou forme essa... esse lado, essa área

moral... Não. Acho que não dá pra esperar isso porque senão todo mundo que fosse... que... tá na igreja seria excelente nessa parte. Mas não é. Eu acho que é a família. Não tenho dúvida. (Fátima)

Considerada como fundamental para a própria existência da igreja e para o bom funcionamento da mesma, a família chegou a ter suas representações reproduzidas ou mesmo apropriadas pela igreja a fim de serem marcadas as características e categorias que tradicionalmente lhes dão sentido.

Nós não temos nenhum parente aqui, não temos ninguém aqui, só temos os irmãos da igreja. Então, a igreja pra nós é que nem uma família. É o lugar... é onde tem nossos “parentes” lá. Nossos conhecido, entendeu? (riso). Então, a igreja é muito importante na nossa vida, viu? É onde a gente vai visitar os irmãos, os irmão vêm visitar a gente... então é uma maneira da gente não se sentir sozinho, né? E dos nossos filhos também ter amizade. Porque a gente é... é uma preocupação da gente como pai... né? Dos filhos terem amizade, ter, assim, também é... o círculo de amizade deles, a não serem pessoas isoladas. (Teresa)

A igreja, aqui, aparece como a figura de uma grande família que só pode existir a partir da reunião de um número considerável de famílias nucleares. No plano do simbólico, a própria nomeação que se dá entre os membros é um indicativo dessa idéia de família muito presente no meio evangélico, isto é, os membros consideram-se “irmãos” e “irmãs” uns dos outros. O pai é Deus e Jesus Cristo é o modelo de filho para os filhos “adotivos” de Deus ou aqueles que se converteram. A mãe tem sido identificada como a figura da igreja. E o templo presbiteriano é a casa de Deus. Essa “família de Deus” tem como objetivo cooptar novos adeptos e, mais que isso, cooptar novas famílias adeptas. O texto escrito pelo pastor, no boletim dominical da igreja, demonstra essa preocupação com o proselitismo no seio da família:

A sua família terrena poderá ser parte da família celestial. Empenhe-se nesse propósito. Ame ao seu esposo (a), seu filho (a) com tal intensidade que os conduzirá a Cristo. Ame-os como Jesus te ama. Bem-aventurada seja a família que teme ao Senhor. Amém.

3- A Importância da igreja para a família

É imperativo que cada membro da família terrena seja, antes de tudo, membro da família de Deus. (pastor, em nota no boletim da igreja)

A igreja auxilia os fiéis a manterem um distanciamento dos valores considerados “mundanos”. Ela se torna não somente um espaço complementar para a socialização das crianças e dos neófitos, como também um espaço de sociabilidade e de lazer diferenciado do oferecido pelo “mundo”. Dessa forma, os laços de solidariedade entre os indivíduos são fortalecidos e a conduta dos fiéis é, de certa maneira, padronizada. O depoimento de Maria é significativo nesse sentido:

Então, eu acho que a igreja tem um papel muito importante na vida dos filhos, né?... e... porque ela vem confirmar aquilo que a gente prega em casa, porque nós não devemos atribuir a educação religiosa do filho pra igreja, mas a educação deve ser dos pais, nossa, né?. A igreja é um complemento, a igreja é um... é uma coisa boa, eu acho muito bom, é uma sociedade, né?... onde as pessoas se conhecem e têm, pelo menos, né, a mesma maneira de pensar, professam o mesmo Deus. E... ainda é o melhor lugar pra gente ter os filhos, né? (Maria)

Como disse Maria, a igreja é uma *sociedade*, diferente daquela “mundana” e, a despeito de todos os problemas que apresenta, *ainda* é, depois da família, a guardiã dos valores e princípios religiosos. A fala da informante também mostra o aspecto dinâmico da instituição eclesial. Quando ela diz que *ainda é o melhor lugar pra gente ter os filhos*, a informante aponta, nas entrelinhas, que muitos valores da igreja mudaram e que continuam a mudar. Além disso, ela critica, de certa forma, a instituição, demonstrando que a igreja, como “uma sociedade”, tem defeitos e

reafirmando, assim, a superioridade da instituição familiar em relação à eclesiástica. No entanto, a igreja continua a se contrapor ao profano e mostra-se um lugar seguro, protegendo os indivíduos que dela fazem parte dos perigos do “mundo”.

Cê vê hoje o ... mundo... tá... tá um mundo perigoso, um mundo muito perigoso, né?, muito perigoso. A sociedade é uma sociedade hoje muito egoísta, muito... muito... materialista, a sociedade só pensa no... no si, né?, pensa: “eu quero mais pra mim, tal” e... muitas vezes não tem amor, não tem respeito, não tem temor a Deus.. Então, eu acho que a Igreja é fundamental, é... é... é... primeiro lugar, mais importante que o dinheiro. (...) eu acho que a Igreja satisfaz muito, porque você sente o ... cê sente o ... o ... isso que falta, os contatos com as pessoas, com os irmãos, o ensinamento, o preparo, a satisfação interna.... Isso é fundamental... Eu... eu tenho poucos amigos que eu vivo... dia-a-dia, assim... a sociedade toma muito tempo da gente, muito trabalho, muitas atividades, mas eu tenho muitos... eu acho que eu tenho muitos amigos, muitos irmãos na Igreja, porque eu sei que se precisar de alguma coisa amanhã, eu... eu me sinto bem lá. (Alberto)

Interessante notar que enquanto Maria enfatiza as mudanças ocorridas no interior da igreja, Alberto demonstra a dinâmica da sociedade secular e aponta a igreja como um espaço tradicional em que pode encontrar o que não pode mais no “mundo”.

Apesar da própria igreja incentivar a relação individual com Deus como devendo ocupar a prioridade na vida do fiel, ela medeia, de certa maneira, essa relação estabelecendo formas de comportamento para a concretização da mesma e oferecendo um espaço, como já foi dito, de socialização e sociabilidade, para que os indivíduos reafirmem a fé em Deus. A informante Teresa, ao relatar os motivos que levaram a ela e a seu marido deixarem o catolicismo e a frequentarem a igreja presbiteriana, aponta a importância da igreja como esse espaço de sociabilidade para toda sua família:

A gente, assim, tinha um vazio muito grande. Então, a partir dessa época aí a gente começou (a freqüentar a presbiteriana), então. E aí a gente gostou... porque tinha o trabalho com as crianças, sabe? A gente viu que aquilo ali ia ser bom pros nossos filhos, porque eles iam também ter um acompanhamento ali. E também aprender, né, da palavra, assim, na linguagem deles, né?. E a gente também ia poder estudar e era o que a gente tava tendo necessidade, né, naquela época, entendeu. Então foi assim que a gente foi parar na igreja, né? (Teresa)

A mediação e o estabelecimento de padrões de comportamento feitos pela instituição religiosa também é marcante no depoimento que Márcia fez, chorando:

Eu tenho esse Jesus que aprendi a conhecer na igreja. O Cristo que eu conheci na igreja católica era diferente, era um Cristo pregado na cruz. Era muito... o ambiente era diferente, tá?. Eu não aconselho pra ninguém a vida fora... fora... fora da igreja; é diferente. E o pessoal vê, vê na gente, no comportamento da gente. (Márcia)

Além disso, a igreja cria possibilidade de envolvimento entre os membros da igreja de forma a proporcionar-lhes uma forte sensação de pertencimento ao grupo. “Acampamentos” (retiros espirituais), festas, reuniões, palestras, churrascos, comemorações, piqueniques, passeios organizados, intercâmbios com igrejas de outras cidades, tardes esportivas, tarde dos talentos, bazar, são exemplos de como a igreja proporciona um amplo espaço de sociabilidade aos fiéis, levando em consideração a faixa etária e a posição que ocupam na família. Essa socialização e sociabilidade feitas pela instituição religiosa são extremamente importantes porque é através delas que os conceitos, os padrões e regras de comportamento vão sendo assimilados pelos adeptos. Diante disso, a pergunta que se faz, e que responde a si mesma, é a que Douglas (1998, p. 105) fez ao analisar as instituições: *Como é possível pensarmos*

sobre nós mesmos a não ser usando as classificações estabelecidas em nossas instituições?

No tópico sobre a natureza da instituição religiosa, vimos que os princípios bíblicos e os valores considerados divinos se fazem presentes na vida do indivíduo através de uma relação individualizada⁷ (mas necessária à comunidade) com Deus e que, por isso, esse nível do espaço religioso é percebido pelos presbiterianos como superior ao nível dos princípios e valores da igreja enquanto instituição humana. No entanto, o espaço eclesial é bastante valorizado pelos informantes ao mesmo tempo em que é questionado e criticado, o que não acontece em relação aos preceitos bíblicos porque não são humanos, são divinos e, por isso, são perfeitos.

A fala de Paulo mostra-nos que a igreja é vista como uma instituição importante no sentido de lhe fornecer uma identidade específica no meio evangélico, mas que ela não detém os fundamentos de salvação e fé como uma “agência” distribuidora dos mesmos aos seus membros.

Olha, é... acho que a igreja, independente de... de fé, de salvação, esse negócio... eu vejo assim: é quase como o time que você torce, sabe? Então eu tô na presbiteriana mas eu podia estar na batista, na metodista, na congregacional... qualquer uma prega o evangelho, prega Cristo. Mas... eu sou presbiteriano-corinthiano. (...) E apesar dos problemas eu não... não tenho vontade de sair. Embora às vezes minha mulher fale: “Ah, eu queria deixar essa igreja, e não sei o quê...” Assim, às vezes você sente que o trabalho que você faz com tanto esforço não tem muito valor... Mas... é aquele negócio, é igual torcer pro Corinthians, né, eu não vou pro Palmeiras nem que fique campeão. Em termos de denominação... não tô falando de salvação. (Paulo)

⁷ Talvez aqui caiba a idéia, desenvolvida por José Bittencourt Filho (1994, p.31), de *individualismo coletivista*, ou seja, o mesmo aspecto que favorece e padroniza o comportamento massivo das condições a cada qual de usufruir, a seu modo, dos bens simbólicos oferecidos.

Essa questão da identidade dada pela instituição é bastante forte nas palavras de Douglas (1998, p.107):

Ao delimitar suas próprias fronteiras, ela (a instituição) afeta todos os níveis inferiores de pensamento de tal modo que as pessoas se dão conta de suas próprias identidades e classificam umas às outras por meio da afiliação à comunidade.

Paradoxalmente, algumas regras colocadas pela instituição presbiteriana são vistas pelos informantes como incompatíveis com os preceitos bíblicos. É por meio desse confronto que liderança e liderados tornam-se duas facções bastante nítidas na igreja. É grande a importância que os presbiterianos dão à liderança e talvez por isso eles a critiquem e a questionem tanto. O seguinte depoimento demonstra a consciência de que os líderes religiosos são humanos e imperfeitos, mas que têm uma missão dada por Deus e deveriam, então, cumpri-la. Isto me faz lembrar o que diz Douglas (1966, p.171) : *Talvez todos os sistemas sociais estejam construídos sobre contradições, em certo sentido em guerra consigo mesmos.*

Vejamos, então, o primeiro depoimento, o de João, sobre essa questão acima levantada:

Tem alguns potenciais... que... de algumas pessoas que você vê né, que, que de repente... é... trabalho com adolescente que a gente tem, né? Você vê que de repente eles podem mudar, mas não vai adiantar só a... a gente estar falando, eles também tem que... aquele, sabe, pensar e tomar uma atitude... e aí fazer. Então eu acho que é por aí, né? Mas você vê assim, não querendo... vamos dizer assim, jogar culpa na mãe, né? (riso), como Freud. Mas é... você vê que às vezes a liderança tem uma grande influência nisso. Ela consegue passar essa visão pra comunidade, a comunidade abraçando, as coisas desenvolvem. Mas aquilo sempre parte da liderança. Pastor, presbíteros. Então, às vezes, quando isso não ocorre... aí a gente vem

ficar na misericórdia mesmo, né? Mendigando a graça (riso) de Deus.
(João)

João critica a “ausência” da liderança no cumprimento de seu papel. Ao mesmo tempo que ele confere a ela legitimidade ao responsabilizá-la pela influência que o bom ou o mau exercício de seus deveres tem sobre toda a comunidade religiosa. Marilene, em seu depoimento abaixo transcrito, também critica a liderança da igreja, mas faz uma crítica à sua estrutura hierarquizada e demonstra a inflexibilidade que apresenta aos que dela não fazem parte.

A Igreja é assim, é um misto de liberalidade, assim, aquela coisa assim: “ai, aqui estamos todos abertos, democracia geral.” É mentira isso. (...) O poder se com... se concentra na casta mais nobre, né? Tem a casta que não fala e tem... pelo menos nessa forma de governo aqui, que é uma forma de governo que a assembleia pouco participa. Então, eu, particularmente, tenho... tomei a seguinte resolução: tudo que eu quero, tudo que eu penso, tudo que eu quero opinar, ou eu vou direto ao... ao dono dos “porcos” lá ou eu mando por escrito. Por exemplo, o dono, teoricamente, é o pastor e o conselho, né?. Então, eu me dirijo a eles. Se eu acho que, por exemplo, se eu acho que tá faltando uma lixeira ali... entendeu? Se eu acho que aquela aula num... que aquele assunto não combinou, se o texto não combina com o que falou. Eu vou direto a quem fez o negócio, porque a gente vive.... eu acho... a Igreja... o povo não pensa assim, parece que a cabeça é assim, ó (coloca as mãos ao lado dos olhos indicando a idéia de que o povo é “tapado”, “bitolado”). Então, “ai, o pastor falou, tá falado, né?” Até o remédio que o pastor mandou tomar o irmão toma; é um negócio assim... estranhésimo, né? Então, eu procuro, assim, me libertar dessas coisa assim, acabo vivendo... vivendo meio à deriva. (Marilene)

Ambigüidade e inconsistência talvez sejam as palavras mais adequadas para entender a lógica da estrutura dessa comunidade presbiteriana. Suponho que isso esteja relacionado com o fato de que os presbiterianos mostram-se numa situação de tensão ao tentarem articular interpretações bíblicas, feitas outrora de maneira ortodoxa e literal, com alguns valores que a modernidade apresenta e que não contradizem os absolutos divinos, mas sim alguns valores presbiterianos. Evoco a afirmação de Gluckman (s/d, p.11) aqui: *Todo sistema social é um campo de tensões, cheio de ambivalências, cooperações e lutas contrastantes*. O seguinte depoimento confirma esse pressuposto:

Olha, eu, no meu ponto de vista... a concepção bíblica no casamento... Vamo supor, quem escreveu a Bíblia da época que ela foi... eu acho que existia uma maneira de viver. Então, hoje, a evolução do mundo... é... eu acho que o ... o casamento na concepção bíblica... hoje nós temo que tirar alguns proveito da Bíblia... da Bíblia. Mas o dia-a-dia nosso hoje é totalmente diferente daquilo que foi escrito na época que foi escrita a Bíblia. Aquele casal que tira proveito da... do que é bom da Bíblia, vai viver feliz pro resto da vida, né? Mas aquele que fica muito em cima ali, querendo fazer voltar dois mil anos atrás, eu acho que vai ser uma... um casal que ele não vai ter muita abertura pros dias de hoje, pra enfrentar o dia-a-dia. (Francisco)

Se podemos notar ambigüidades e inconsistências na estrutura eclesiástica, elas são ultrapassadas por algumas certezas que sustentam as representações dos presbiterianos. A igreja é o símbolo do sagrado e a família, em sua essência, o é também para os presbiterianos. Mas diante da secularização, a igreja representa um lugar social em que a religiosidade ocupa um lugar de primazia, embora os presbiterianos falem abertamente sobre os problemas e sobre “pecados” que ocorrem no interior dela. No entanto, diferentemente da igreja, a família pode ser ou não um espaço em que “Cristo reine”, como costumam dizer os presbiterianos. Por isso, eles fazem uma distinção entre a família evangélica e a família secular dentro dos parâmetros prescritos pela igreja.

Então, é...hoje em dia, a família, ela cresceu... é... assim, a família evangélica, vamos colocar, porque a gente tem que separar família evangélica de família... é... vamos dizer do mundo, família cotidiana, vai, família...como é que fala? Tem duas palavras que fala... é... tem a evangélica... Agora não lembro, depois eu lembro.(Sérgio)

A igreja funciona também como um suporte para os casais no sentido destes procurarem a liderança da igreja para discutirem seus problemas familiares. A fala de Sérgio demonstra essa importância:

Onde a gente morava... a gente não tinha uma... uma igreja, uma... uma denominação pra gente... sentar e conversar com pessoas diferente, com pessoas de outros... de outras idades, tanto mais nova, quanto mais velha... pastores, líderes... Então, a partir do momento que vinha uma tempestade ou mesmo que subia a maré, a gente se abalava, a gente não tinha pra onde ir, sabe?, a gente corria pra lá e pra cá e... cadê o apoio, cadê as pessoas do nosso lado pra... conversar, pra... pra tá ministrando? Cadê? Um pastor... não tinha, não tinha, sabe?: (...) Então, o nosso casamento... foi abalado por isso.

A fala de Márcia também demonstra que a igreja aparece como mediadora entre os cônjuges na medida em que, ao pregar as ordenanças de Deus sobre o comportamento dos fiéis, atua como uma força atenuadora de conflitos.

Esse Deus, que eu aprendi a conhecer na igreja presbiteriana, me deu paz, me deu tranquilidade... sabedoria pra... pra desenrolar alguns nós, às vezes, que acontecem dentro de casa, na vida familiar, né?. Deus me deu humildade. Eu tenho pedido muita humildade pra Deus e Deus tem me dado... humildade demais. (Márcia)

De fato, a igreja representa um “porto seguro”. E é por isso que as mudanças encontram resistência por parte da comunidade presbiteriana. Os valores tradicionais ainda são reconhecidos como um “norte” no momento da incerteza. É na

igreja que os indivíduos vivem um paradoxo: vivem uma situação de tensão ao confrontarem os valores de uma sociedade dinâmica e os valores tradicionais reafirmados pela comunidade religiosa da qual fazem parte, mas vivem também um esvaziamento dessa tensão ao encontrarem o lugar da certeza, da resposta para situações mais “clássicas” ou mais previsíveis. Trechos de um texto, escrito pelo pastor, impresso no boletim da igreja, intitulado “Igreja – uma nau segura em meio ao temporal”, ilustram bem essa idéia aqui colocada:

Estamos vivendo dias tenebrosos, dias dos quais podemos afirmar que não temos neles prazer. (...) Diante deste quadro de cores fortes, perceberemos a existência de uma instituição que continua no curso da sua história, seguindo a rota estabelecida na eternidade pelo Criador – a IGREJA. Ainda que os ventos rijos de uma pretensa “modernidade de costumes e valores” msc lancem contra ela, o seu curso continua rumo ao farol maior – JESUS CRISTO. O mar de heresias, pseudo valores, pretensas religiosidades, idolatrias e valorização do homem ao nível de Deus batem encapeladamente nesta nau da salvação – IGREJA. Assim, resquícios dessa sujeira toda, por vezes, agarra-se a ela. É preciso detectá-la e eliminá-la de uma vez por todas, para que não danifique nada. Somos os marujos escolhidos para estar à bordo desta nau de todos os tempos.

A importância da igreja para a família tem se mostrado em situações de crise, quando as certezas se rompem. Problemas financeiros, emocionais, desemprego, violência, desentendimentos entre pais e filhos e entre os cônjuges, problemas de saúde de algum membro da família tornam-se assuntos privados freqüentemente publicizados na igreja. Em alguns casos, o pastor ou algum dos presbíteros expõe o problema diante da comunidade e pede para que “orem” pelas pessoas envolvidas. Em outros, considerados graves, geralmente a pedido de um familiar, há a intervenção do pastor, visto como um conselheiro e um “instrumento de Deus” usado para que o problema seja resolvido ou encarado conforme a vontade divina. Durante a coleta de dados, pude perceber essa importância da igreja para a

família, representada principalmente pela figura do pastor, porque a comunidade presbiteriana mostrava-se em crise. O pastor foi intensamente criticado por não ter o hábito, como os pastores anteriores tinham, de visitar as famílias e principalmente aqueles que passavam por problemas delicados conhecidos por toda a igreja. O descontentamento dos presbiterianos em relação a essa postura do pastor era não só comentado nos corredores da igreja, mas dirigido diretamente a ele. Por várias vezes, o pastor reafirmou, nos cultos, seu posicionamento justificando-o com o fato de que não tinha o “ministério de visitação” e sim da “palavra”. No entanto, essa justificativa não era suficiente para dissolver os questionamentos feitos pelos fiéis em relação não à hierarquia, mas à função que o membro mais notável dela deveria realizar. Essa crise, então, demonstra a insatisfação dos presbiterianos em ter uma tradição, a da igreja adentrando o espaço doméstico através de seu representante maior, ameaçada. Essa ameaça, contudo, estimulou uma troca inter-familiar. Lembro-me de um episódio especialmente marcante sobre isso. O casal Maria e Luís já são bem conhecidos pela igreja por seus desentendimentos conjugais. Mas, mais ou menos um mês depois de tê-los entrevistado, fiquei sabendo, na igreja, que uma nova crise entre eles acabara de acontecer e que seria a mais grave. As filhas choravam pelos corredores da igreja. Soube, ainda, de alguns casais que foram até à casa de Maria e Luís tentar uma aproximação entre os dois. Luís chegou a afastar-se do diaconato e parou, por algum tempo, de freqüentar a igreja.

Passado o “vendaval”, o casal voltou ao convívio da igreja e recentemente soube que eles passaram uma semana em “lua-de-mel” numa viagem. Quando soube disso, lembrei-me das palavras de Luís, em meio à crise, ditas a mim num momento de raiva: “Não foi Deus que me deu essa mulher, foi o Diabo”. Reintegrados na igreja e aparentemente em paz, a história desse casal é semelhante a de muitos que, debelada a crise com a “ajuda de Deus e dos irmãos”, acabam por reafirmar os estatutos da instituição religiosa e a própria ordem estabelecida. A crise é, de certa forma, necessária porque ela mostra o *lado negativo de um padrão de coisas aprovadas* (Douglas, 1966, p. 55)

O papel da igreja em relação à manutenção da família mostra-se de suma importância. É isso que Bourdieu (1996, p.177) nos fala essencialmente: *Há,*

no próprio interior da família, um trabalho de reprodução da unidade doméstica, de sua integração, trabalho encorajado e sustentado por instituições como a Igreja...

4- A constituição familiar segundo um “modelo divino”

Vemos, então, uma indiscutível relação entre a família e a igreja, embora haja uma diferenciação de grau, em termos valorativos, entre as duas instituições. Mas o argumento que me parece enfatizar a relação entre a família e a igreja e, de uma forma menos imediata, também entre o contato individual do fiel com Deus, baseia-se na idéia de que se a educação dos filhos calcada nos “caminhos de Deus” é de responsabilidade dos pais, pressupõe-se, então, um forte estímulo ao casamento entre pessoas do mesmo grupo religioso, ou seja, um apelo à “endogamia” religiosa. Não há uma regra clara de endogamia, mas o modelo de família vigente entre os presbiterianos pressupõe a união de pessoas evangélicas, preferencialmente da mesma denominação religiosa. O pastor da igreja diz o seguinte nessa direção:

Eu acho que... seria bom (o casamento entre pessoas da mesma religião), mas não é um imperativo. (...) Eu diria que o melhor seria realmente um relacionamento é... em um nível cristão, evangélico.

Nesse sentido, a igreja assume um papel fundamental na própria constituição da família. É no espaço eclesiástico, nos momentos de sociabilidade formal ou informal pela igreja criados, que há a possibilidade do fiel encontrar seu “escolhido” ou sua “escolhida” como dizem os presbiterianos ao referirem-se ao futuro cônjuge “preparado”, “escolhido” por Deus. É preciso, discursam os presbiterianos, ter “discernimento” para saber quem é o (a) “escolhido (a)”. Isto significa dizer que é preciso estar mantendo forte relação com Deus para que se compreenda a vontade dele. Se o presbiteriano casa-se com alguém que não faz parte de sua religião, então ele deverá evangelizar seu cônjuge a fim de que este venha a converter-se e tornar-se um adepto da denominação religiosa também. Casar-se com um incrédulo ou com um crédulo e adepto de outra religião não evangélica significa assumir o risco de que aquela pessoa não é “predestinada” por Deus para a salvação. E aqui lembro as palavras de Douglas (1966, p.35):

O sagrado precisa estar continuamente cercado com proibições. O sagrado deve ser sempre tratado como contagioso porque relações com ele restringem-se a ser expressas por rituais de separação e demarcação e por crenças no perigo de se cruzar fronteiras proibidas.

De fato, o casamento nos moldes da “Palavra de Deus” é considerado sagrado e casar-se com alguém ainda não “consagrado” a Deus significa o perigo à instituição religiosa de poluí-la com elementos profanos. José mostra como manteve-se em sua posição como evangélico, sem “contaminar-se”, e contou com a bênção de Deus porque a esposa era uma pessoa predestinada para a salvação:

Ela era católica. E... e Deus tocou no coração dela, ela se converteu...né? Eu acho que antes até de eu já... conhecê-la, Deus já tinha predestinado ela.... a conhecer a Palavra dele e..., né?, ela me acompanhou. Eu não... eu não deixava de ir vê-la pra... pra deixar os trabalhos da Igreja, muito pelo contrário, ela que vinha e eu falava: “de domingo, eu vou à Igreja”. Ela me acompanhava. Então.. e ela, logo em seguida, ela... ela vinha à igreja e se converteu. (José)

Os presbiterianos, então, temem a “união mista” porque a entendem, de uma certa forma, como desobediência às ordenanças de Deus. E a desobediência a Deus significa entre os presbiterianos a certeza de que virão conseqüências desagradáveis. Embora não haja uma regra explícita em favor da endogamia religiosa, como foi dito acima, essas conseqüências decorrentes do casamento “misto” são lembradas em sermões e estudos bíblicos que evocam textos das Escrituras que dizem respeito ao casamento de personagens importantes da Bíblia que sofreram sérias conseqüências por terem se casado com mulheres pagãs. Além disso, o discurso, que se utiliza de uma “linguagem presbiteriana”, em relação à família cristã pressupõe que tanto marido como mulher sejam convertidos. Essa preferência pela endogamia religiosa, que poderíamos chamar de aprovação do casamento entre os “irmãos” presbiterianos, leva-me a lembrar da desaprovação de uniões de parentes próximos entre os tikopias, povo estudado por Raymond Firth (1998b, p.441) que diz o seguinte sobre isso:

*À primeira vista, é enigmático compreender por que a desaprovação de uniões de parentes próximos não vai além da palavra e por que o casamento mesmo de meio-irmão com meia-irmã não provoca na comunidade uma ação mais vigorosa. A chave está na crença de que nesses casos atua a punição sobrenatural. Sustenta-se firmemente a idéia de que as uniões de parentes próximos carregam em si sua própria condenação, sua **mara**. Este conceito é o oposto de **manu** (a forma tikopia do mais conhecido **mana**), cuja melhor tradução é eficácia, sucesso. **Mara** pode, portanto, ser traduzido por fracasso, ou má sorte, infortúnio.*

O que enfatizo ao relacionar os presbiterianos aos tikopias, não é a questão inversa que há entre eles da aprovação de certas uniões, mas o que quero enfatizar é que, embora ambos não tenham uma regra rígida quanto a tipos de uniões, há a certeza de que as que não acontecem de acordo com os padrões preferenciais serão, de alguma maneira, punidas por um poder sobrenatural.

As conseqüências do casamento “misto” estão expostas na fala de Paulo. Ele as divide em questões práticas e em questões de ordem “espiritual” e ideológica que ocorreriam em uma união não endogâmica:

Tem muita religião que a pessoa vai por vai, não leva muito a sério então ela... casar com outro, vai com o outro também... Abandona a dela por qualquer motivo. Agora, se os dois levam a sério, causa uma série de conflitos, né, o casamento. Então... um quer frequentar na parte dele, o outro quer na dele... Às vezes quando tem filhos aí... um quer levar aqui, outro quer levar lá... Então pra harmonia, no casamento, seria bom que os dois fossem da mesma. Agora, você voltando pro lado evangélico, eu entendo que é um... quase que uma ordenância bíblica: você não se colocar em jugo desigual, né?! Quer dizer, a história do jugo; você bota os dois... os dois bois na mesma canga, se um puxa a canga do lado, alguém vai se

machucar. Pode ser ele mesmo, pode ser o outro; mas alguém se machuca. (Paulo)

Essa desobediência à ordenança divina acarretaria, então, conseqüências como a intensificação de conflitos conjugais no espaço doméstico e mesmo a desvinculação do indivíduo à igreja e possível assimilação de valores “mundanos” ou contrários à fé evangélica. A fala de Fátima demonstra essas possibilidades, mas aponta para uma saída: a de que o cônjuge não converso venha a se converter. É nesse sentido que podemos ver entre os presbiterianos uma forma de tornar o que seria inexoravelmente *mara em manu*.

(...) Ah, nunca pensei sobre isso.(...) Eu acho que conforme o tempo passa, os problemas são menores quando você tem pessoas com as mesmas idéias, né, mais na área religiosa. Quer dizer, o conflito fica menor. Não fica... tão pesado como pessoas que casam entre religiões diferentes, ou que não têm nem religião, né?. Ai a coisa fica difícil. Pelo que eu vejo, pelo que eu tenho na minha família, a convivência, ela é mais complicada, né? A adaptação... tudo... fica mais difícil. Mas eu não acho que tem que ser necessariamente da mesma religião. Acho que Deus pode fazer as coisas de uma forma... ele não precisa pegar certas pessoas da mesma religião pra... que ele transforme aquele casamento numa bênção. Não. Acho que pode ser um caminho mais difícil e mais árduo, mas não tá limitado a isso não. (Fátima)

E aqui, a questão que se mostra relevante é a importância que os presbiterianos dão ao proselitismo no interior da família. Se casar-se com um incrédulo é visto como uma situação não ideal, evangelizar o cônjuge e “levá-lo a Jesus” é motivo de vitória, exatamente porque é a confirmação de que a ordem religiosa em que a comunidade está calcada é suficientemente forte para transformar um casamento com um futuro sombrio em um casamento abençoado por Deus. A “luz” e não as “trevas” obteve vitória, nesse caso. Mas, de fato, enquanto isso não acontece e se isso não acontece, paira a tensão e um certo mal estar por parte de toda a comunidade presbiteriana.

O “jugo desigual”, termo comumente usado pelos presbiterianos, ou o casamento “misto” também é visto como uma possibilidade de conflito em relação à educação dos filhos. O depoimento de Rita evidencia isso:

(...) porque realmente o casal que viva unido, ele não pode ter divergência, especialmente de religião. E também a questão dos filhos é muito importante pra isso... as crianças até sentem isso, até falam isso, né? Falam. É... é... “cê já pensou se você e papai fossem de uma... de Igrejas diferentes? Que que a gente faria?”, né? Elas mesmo já levantaram essa questão. Eu acho que pra haja realmente uma maior unidade na família é bom que o casal seja unido até na religião.

Em última análise, as “uniões mistas” seriam uma ameaça à reprodução da família, no seio da igreja, de acordo com os padrões considerados divinos e ideais. Por isso, a igreja mostra-se contrária a esse tipo de casamento, apesar de realizá-lo se um dos cônjuges fizer parte dela como membro.

Fica mais fácil. Eu acho que... mas não... não deve ser assim. Eu acho que fica mais fácil se for assim, se os dois tiverem a mesma fé, mas... Apesar da igreja dizer, né, que ... que deve ser assim, eu acho que... eu não colocaria a palavra deve. Eu acho que de... que é melhor que seja assim. Mas se não for assim, eu acho que tem jeito, eu acho que Deus tem um plano pra tudo. Se... se a mulher é crente e o marido não é, ele pode vir a ser através da vida dela. (Janete)

Podemos perceber, então, que o casamento é visto como a instituição social mais prezada entre os presbiterianos. É por meio do casamento de seus membros que a comunidade religiosa garante sua reprodução, não só em termos biológicos, mas também no que se refere à reprodução do universo simbólico cujos significados nele inseridos são transmitidos de geração em geração.

E eu olho daqui e vejo tantos que, creio, já passaram do momento do comprometimento, do pacto, de um pacto onde uma aliança, uma aliança que um dia não só foi diante de um magistrado civil, cumprindo aquilo que se exige a lei do país, mas também diante da casa do Senhor, do altar do Senhor, pedindo a bênção do Senhor para suas vidas e para sua existência. Vendo alguns que, talvez, pela brancura do cabelo já tem bastante tempo vivendo desse pacto e vivendo dessa aliança. Amados, quando nós estabelecemos esse instante na nossa vida, achamos que por nós mesmos...mas Deus é quem conduz a nossa vida, Deus é quem governa a nossa vida, está tudo sob seus olhares e de repente é preciso que vejamos em Cristo, no relacionamento de Cristo com a igreja a realidade desse pacto dentro de uma aliança, aliança que tem que ser feita acima de tudo no amor, um amor que é comprometido, compromissado. É um amor que olha tão somente para o outro. (Fala do pastor, num culto sobre a Família)

O casamento é a ponte ritual que une a igreja à família. É uma aliança firmada não só entre os cônjuges, mas entre o casal e a instituição eclesial. O compromisso de constituir uma família de acordo com o modelo eclesiástico tradicionalmente estabelecido é selado, pelos cônjuges, no momento cerimonial. O casamento de um casal da igreja é um ritual na medida em que traz à memória o compromisso daqueles casais que já se comprometeram da mesma forma diante de Deus e da comunidade e uma reafirmação de que as coisas devem continuar a serem assim, devem ser perpetuadas de geração em geração. Douglas (1966, p.82) diz o seguinte: (...) *o ritual focaliza a atenção por enquadramento; ele anima a memória e liga o presente com o passado relevante.*

Pode-se notar que a família é vista como uma instituição divina desde que sua conceituação esteja de acordo com os padrões tradicionais cultivados. Dentro desses padrões tradicionais, o casamento ocupa um lugar de destaque pois reproduz o ideal mítico da criação do homem e da mulher. É através do casamento que

as diferenças, “criadas” por Deus, entre os gêneros são reafirmadas publicamente, no momento cerimonial. A relação heterossexual, baseada nas figuras míticas de Adão e Eva, também é evocada na cerimônia. Na verdade, esse é um momento tão sublime para a comunidade presbiteriana porque coloca à margem tudo o que é considerado “anomalia”, ou seja, o homossexualismo, a “impureza”, ligada principalmente à questão da não virgindade marcadamente feminina, casamentos não legitimados pela lei dos homens e de Deus. A cerimônia de casamento, então, é um ritual de banimento de tudo que não segue o padrão de coisas consideradas pelos presbiterianos aprovadas por Deus. E como bem diz Douglas (1966, p.55): (...) *a regra de se evitar coisas anômalas confirma e reforça as definições às quais elas não se ajustam.*

Esse valor dado pelos presbiterianos ao casamento endogâmico remete-nos a pensar sobre a concepção que eles têm de amor. Os presbiterianos acreditam que o amor “verdadeiro” só pode vir de Deus. Portanto, a escolha de um cônjuge no meio religioso funda-se na crença de que cabe a Deus suscitar entre homens e mulheres conversos uma forma de amor que transcenda o fraternal. O amor, na concepção presbiteriana, é algo que inclui um código moral decifrável pela mediação dos ensinamentos da igreja. A idéia é de um amor muito mais em termos pragmáticos e racional do que de um *amor-paixão romântico* (Costa, 1998). Para os presbiterianos, o amor-paixão é uma ameaça aos preceitos divinos e à própria constituição ideal de família. A paixão pode levar o indivíduo a casar-se fora da igreja e também a manter relações sexuais fora do casamento, contrariando, respectivamente, o ideal de endogamia e a regra do exercício da sexualidade aprovado somente no espaço do casamento. Ao contrário do amor, a paixão é vista como um descompromisso. Por isso, os presbiterianos fazem uma diferenciação das formas de amor, utilizando as palavras *eros*, *philiros* e *ágape*. Em muitos estudos feitos na escola dominical dos presbiterianos, o amor *eros* é desprezado se for visto isoladamente. O amor *Philiros*, fraternal, é transportado para o amor que deve haver entre os familiares e entre os “irmãos e irmãs” da “família da fé”. Mas a fonte do amor supremo, o amor *ágape* é visto como o sustento de todas as coisas, de todo e qualquer relacionamento.

Se for possível... sim, né?. (o casamento entre pessoas da mesma religião). Mas se o amor falar mais alto... Porque às vezes, o coração não escolhe, né? (Ri). Bate ali, né? É a minha preocupação às vezes até em relação aos meus filhos... pode crer que era a preocupação da sua mãe, do seu pai... porque a gente criou vocês assim, os filhos, com aquele princípio. (Inês)

O amor, para os presbiterianos, deve ser o elo mais forte no casamento. Mas um amor que exige um estatuto de moralidade bastante definido que proteja o princípio da indissolubilidade do casamento. Nesse sentido, ao falar sobre as mudanças na sociedade brasileira porque passou a concepção de amor nas primeiras décadas deste século, Trigo (1989, p.90) resume o que me parece ser característico dos presbiterianos também e por eles preservado em relação a essa concepção:

A valorização do amor passa a assentar-se, exatamente, na legitimidade que lhe dá o matrimônio e na estabilidade e permanência que adquire como construtor do espaço doméstico. E o sentimento exaltado na época é de um amor de construção e de atualização que exige uma alta dose de consciência e autocontrole dos parceiros.

O romantismo entre os presbiterianos é algo que não transparece nem na fala dos informantes e nem nas observações feitas nos lares e no espaço religioso. Os casais, por mim abordados, têm os finais de semana tomados por intensa atividade na igreja. Então, o romantismo parece ceder lugar ao companheirismo, e ao amor à “obra de Deus”.

Como... às vezes a Marilene compartilha comigo que tem professores na faculdade que tem um relacionamento muito bom, né? Toda, toda semana, uma vez por semana sai com a esposa pra janta fora, tem, procura ter esse momento íntimo, e às vezes na igreja você não tem isso. Você tem aquele, aquele... aquela... vamos dizer assim... aquela responsabilidade de tá nos trabalhos da igreja, quer dizer, você não procura ver esse lado do casal, pra que eles possam ter um

momento juntos, sem ter aquela obrigação de tá na igreja levando os filhos, "ah, vámo na igreja, vámo na igreja", e nunca tem algo com relação aos dois, né? Ou sair, passear no shopping, fazer o que quiser em casa. (João)

A concepção de amor entre os presbiterianos é algo marcante e permeia, de certa forma, as relações e diferenças de gênero, a divisão sexual do trabalho tanto no espaço intradoméstico quanto no eclesiástico e a importância da sexualidade no interior do casamento.

As ordenanças religiosas, como podemos perceber, penetram na esfera da vida privada, direcionando a escolha do parceiro e, assim, contribuindo para organizar a subjetividade dos conversos.

5- Local e hora para o exercício da sexualidade.

A ignorância é uma coisa relativa, e obviamente somos todos ignorantes em algum grau, particularmente no que diz respeito ao sexo. (Leach, 1983b, p. 123)

Aprovado e festejado por toda a comunidade evangélica, o casamento torna-se a via legítima para a formação da família e o único espaço reconhecidamente “sagrado” para o exercício da sexualidade.

Casamento? (pausa; suspiro). Penso assim, é... algo necessário, todo mundo deve... procurar. Faz parte do homem, né, da mulher... cê ter um ... um parceiro e... casamento é uma maneira de suprir essa necessidade. E... é um mandamento de Deus também... da igreja. Acho que é bom. (Paulo)

Em relação a essa restrição da sexualidade ao casamento, Burguière (1998, p. 110/101), ao analisar as transformações ocorridas, do século XVI ao século XVIII, nos conceitos religiosos sobre o binômio matrimônio e sexo, coloca-nos uma perspectiva interessante:

São, também, paradoxalmente, a redefinição religiosa do vínculo matrimonial e o esforço por parte da Igreja para restringir a sexualidade ao interior do espaço conjugal que criaram as condições para o aparecimento do casamento por amor.

A concepção do amor aparece aqui como uma elaboração advinda da própria moralização do sexo e necessária para sua preservação. Entre os presbiterianos podemos ver que o amor, declarado diante de toda comunidade na cerimônia do matrimônio, tem essa função: a de firmar um compromisso de fidelidade entre os parceiros e converter o sexo, associado durante a história do cristianismo ao lugar do perigo e do pecado (Ranke-Heinemann, 1996), em algo sacralizado pelo casamento concebido dentro dessa concepção de amor. Os presbiterianos, ao contrário

do pensamento corrente na sociedade inclusiva moderna, não dissociam sexo de amor. Se o casamento é, para eles, um contrato firmado, diante de Deus, entre um homem e uma mulher ligados por esse “amor-compromisso”, então, a idéia de que o sexo só pode acontecer dentro do casamento é reforçada. Sem esse “amor-compromisso”, o sexo é visto pelos presbiterianos como puro erotismo dentro de uma relação egoísta e não-duradoura.

Esse amor comprometido não é o amor que há de passar, não é o amor que há de findar, porque senão não é amor comprometido, não é amor compromisso. Esse amor que leva o homem a se aproximar de uma mulher e uma mulher de um homem e contrair um novo ser e os dois se tornarem uma só carne, se fundirem, passarem a ser uma só coisa, pensarem, mesmo diante de uma diversidade e de uma individualidade, mas pensarem concordemente rumo a um mesmo sentido, amados, isso só é possível quando é Deus quem derrama esse amor no coração. Esse amor compromisso leva nós, a cada um de nós enxergarmos o outro como sendo razão da nossa existência. (trecho de um sermão feito pelo pastor num culto sobre família)

A restrição do sexo ao âmbito do casamento é uma regra realmente muito clara. O depoimento de Paulo sobre isso é interessante:

Olha, fui criado por ele (Deus). Então, eu acho... eu penso que na cabeça dele não tá errado (o sexo). Você usando no local e hora certa, que seria no casamento e após o casamento, né, local e hora... então, é.... acredito que não tem nada de errado, muito pelo contrário.
(Paulo)

Os presbiterianos não vêem o sexo no casamento somente com a função procriatória, mas não parecem cogitar outras formas de procriação que não seja pela relação sexual. Evoco aqui Leach (1983b) quando rebate a idéia de que algumas tribos australianas e os trobriandeses ignoravam a relação entre o ato sexual e a gravidez ou a paternidade fisiológica. Assim como não a ignoravam (na verdade eles a

explicavam de acordo com uma lógica religiosa), os presbiterianos não ignoram outras formas de concepção que não pela relação sexual, mas ao colocarem fora de cogitação confirmam a importância da procriação no casamento, de forma a reproduzirem a natureza da criação divina através da ordenança de Deus : “Sede fecundos”, feita à Adão e Eva. E isso, para eles, está muito além dos avanços da medicina. Por outro lado, se vemos essa afirmação da responsabilidade do homem na concepção, a fala de Maria é particularmente curiosa. Ela parece ignorar essa “contribuição” masculina e atribui à mãe, sem nenhuma alusão ao pai, a formação da família através da geração de filhos.

A mulher, ela esqueceu um pouco qual que é o papel dela na sociedade como mãe, né?. Porque a mãe, a gente que... a família vem através da gente, né, que gera o filho e a gente coloca esse filho no mundo (Maria)

Obviamente, Maria não ignora os aspectos biológicos básicos para a concepção, mas no seu depoimento vemos que ela reputa à mulher esse poder da reprodução. É interessante, então, a conclusão a que Leach (1983b, p. 126) chega sobre questões desse tipo que existiam entre os povos primitivos que estudou: *O mito, como rito, não distingue o conhecimento da ignorância. Ele estabelece categorias e afirma relações.* O depoimento de Paulo confirma essa idéia de Leach:

Quando ele criou Adão e Eva, ele disse: “Crescei e multiplicai-vos”. E não há possibilidade de fazer isso sem... sem sexo. Então... entendo que, diante de Deus não tem nada, nada de errado. Muito pelo contrário, é criação dele e é bom o que ele fez. (Paulo)

A questão da procriação levanta uma outra: a do prazer sexual para os presbiterianos. Para eles, o sexo foi criado por Deus para a procriação e para o prazer também. Nesse sentido, a contracepção entre os presbiterianos é um assunto considerado “natural”. Em todas as entrevistas feitas com os casais, ao perguntar-lhes porque tinham aquele número de filhos, fica clara uma opção bastante racional por parte do casal relacionando-a à realidade brasileira atual, em termos de questões

econômicas, que os levaram a reduzir o número da prole. Essa postura dos presbiterianos parece ter raízes extraídas do calvinismo, do qual são herdeiros religiosos. Vejamos o que nos diz Lebrun (1998. P. 87) :

Calvino vê no acto sexual uma dádiva de Deus, que convém “utilizar alegremente”, podendo justificar-se para além da sua finalidade, que é a procriação. Isto torna os casais plenamente responsáveis, não devendo gerar filhos de que não possam cuidar ou que não possam criar devidamente.

Assim, o casamento torna-se uma instituição “completa”, capaz de suprir todas as necessidades dos cônjuges. A afirmação da busca do prazer exclusivamente no casamento fortalece a idéia de indissolubilidade do mesmo e afasta qualquer justificativa para relações extra-conjugais, identificadas, por muito tempo na história da religião, como *a busca do prazer por si mesmo* (Flandrin, 1988, p. 127).

(...) Deus pensa que o sexo é uma das... dos... é um dos grandes valores, dos prazeres, um dos prazeres que ele deu pro ser humano e ele deve ser realmente vivido, explorado da melhor maneira possível, mas dentro do casamento. O sexo foi uma bênção de Deus, mas pro casal, né?... (...) o sexo fora do casamento, ele... tá fora de contexto, eu creio, ele realmente seria uma artimanha do inimigo (o Diabo) pra confundir as coisas, pra confundir as pessoas, os jovens, as pessoas que praticam; ele traz conseqüências até de saúde, né?... (...) Então, eu acho que o sexo foi feito realmente pra ser utilizado no casamento. (Rita)

Há um código moral de sexualidade que norteia a vida sexual dos casais presbiterianos. Formas alternativas de sexualidade como sexo oral, sexo anal são consideradas fora dos padrões de Deus e por isso as consideram anti-natural, fora das “vias naturais”, segundo a fala do informante Carlos. O prazer tem um lugar muito bem estabelecido: o mesmo em que se encontra a possibilidade de fecundação. Essa

idéia reafirma também as diferenças de gênero calcadas, para os presbiterianos, nas diferenças biológicas entre os sexos criadas por Deus.

Quando meu filho tava numa escola, é... eles (os meninos da escola) falavam que ato sexual era um pênis entrando no ânus. Eu falei: “não, filho, não é isso, vou te falar...” Os... os meninos da... da escola falavam... falou pro meu filho e ele não sabia que era isso, porque eu nunca tinha falado e... eu falava sexo pra ele de uma outra forma. Eu falei: “não, filho, sexo é um pênis e uma vagina, entre um homem e uma mulher, é isso. Agora, esse tipo de ato sexual que esse menino tá falando, é um ato homossexual, é um ato entre um homem e um outro homem. É isso que ele tá querendo com você, é isso que ele tá querendo... é... falar pra você, ou fazer com você, não sei, cê sai dele e cê toma cuidado com ele”. (Sérgio)

Assim como a família deve seguir um padrão de constituição e rejeitar os modelos alternativos, o casamento entre os presbiterianos, ao realçar a condição de macho e fêmea como definições claras advindas da criação divina⁸, reafirma um posicionamento contrário ao homossexualismo. Marilene fala de sua preocupação em relação aos filhos no sentido de que eles, se não se casarem, mantenham o “sexo original”:

(...) se eles não tiverem ninguém, que eles assumam a solterice deles. De preferência, isso eu gostaria muito, que cada um continuasse com o seu sexo original. (risadas). Não mudasse... não fizesse opção pela... pelo mesmo... pela homossexualidade. Isso aí eu peço sempre a Deus, desde que eles tavam na minha barriga, eu falo: “Senhor, conserve a natureza deles.” Porque eu... eu ia ficar muito chocada,

⁸ Cabem aqui as observações de Mary Douglas (1966, p.70) sobre essa questão: *A santidade significa manter distintas as categorias de criação. Ela, portanto, envolve definição correta, discriminação e ordem. Sob este título, todas as regras de moralidade sexual exemplificam o santo.*

não sei se eu ia conseguir conviver com isso, isso é uma coisa assim que me preocupa, assim... (Marilene)

Dentro dos padrões considerados divinos, o sexo é, de certa forma, espiritualizado pelos presbiterianos que o vêem como uma forma de “glorificação a Deus” ao “utilizarem”, como diz Rita, o que Ele mesmo criou.

(...) Então, ele (Deus) criou uma coisa (sobre o sexo) pra dar prazer, pra unir mais, então foi uma idéia muito (ênfatisa) boa. (...) Casou e tem uma vida sexual sadia, eu acho eu Ele (Deus) olha, assim, com prazer. (...) Ele vê as pessoas se realizando nessa área, entendeu, acho que aí você glorifica a Deus porque afinal de contas Ele que fez você, Ele que fez o sexo, Ele que fez o casamento... (Fátima)

A restrição do exercício da sexualidade ao casamento parece concorrer para o estabelecimento da fidelidade, gerando certa amenização de possíveis desentendimentos entre o casal. Além disso, é importante enfatizar que a postulação da fidelidade no casamento relacionada com a restrição da sexualidade a ele, desmonta, no plano das representações, a dupla moral sexual. Ou seja, para os casados a regra passa a ser um contrato fundado numa única moral sexual.

Inclusive uma coisa que a gente não vê acontecer no mundão aí, é a questão da AIDS, né?. Você não vê, em lugar nenhum, falar, prevenção de AIDS, assim: “Evitem o contato sexual”. Eles dão um jeito de você se proteger, mas não pra você não fazer. Em vez de falar assim: “No casamento, mantenha-se fiel ao seu parceiro que não vai acontecer nada.” Hoje se... se estimula na relação sexual do casal, usar camisinha. Porque você não sabe o quê que o outro tá fazendo, então, para se proteger, usa. Eu não sei como que é isso, porque deve ser uma desconfiança tremenda... Como que você vai estar com a sua mulher, e... “Péra aí, põe camisinha.” - “Pô, pôr camisinha por que? Cê tá com medo de me contaminar?”(ri) - “Não, é você de me contaminar.”- “Então você tá duvidando...”- “Então...” ...A não ser

que hajam... não sei, a não ser que haja uma desconfiança... mais prévia, né? (Paulo)

A virgindade pré-nupcial é, ao ser exaltada entre os presbiterianos, de certa forma, uma garantia de um grau maior de confiabilidade entre os casais. O discurso presbiteriano propõe como ordenança divina a virgindade pré-nupcial tanto do homem quanto da mulher, mas de fato, a continência sexual antes do casamento tem sido colocada como uma responsabilidade maior da mulher. E aqui podemos ver a hierarquia de gênero que vigora entre os presbiterianos. A não-virgindade tem sido identificada em relação à ocorrência da gravidez antes do casamento, fato curioso porque os presbiterianos são bastante esclarecidos sobre os métodos contraceptivos. Nessa direção, o corpo da mulher é a maior prova e a “vergonha” de se ter transgredido a regra da virgindade pré-nupcial. Essa idéia se vê mais claramente nos discursos dos homens, muito embora na fala das mulheres a gravidez pré-nupcial também seja condenada. Perguntado sobre o que achava da gravidez antes do casamento, Carlos me respondeu:

(...) a pessoa vai ficar marcada pro resto da vida, principalmente a mulher. (Carlos)

A fala de Carlos é extremamente interessante porque demonstra a liberdade sexual masculina antes do casamento e também a idéia de que, apesar de ser desejável que os homens casem-se virgens como as mulheres, é sobre estas que recai o estigma do “erro”. É a mulher, símbolo da natureza (Ortner, 1979), ultrapassando os limites das regras sociais e ameaçando a própria ordem institucional.

Eu acho sério gravidez antes do casamento, o que eu entendo... no meu modo de pensar, que o sexo só deveria ser realizado depois do casamento. Então, quer dizer, se há gravidez é porque vinha vindo a prática antes. E a gente tem visto algumas experiências de casais que tiveram experiência antes, e têm um relacionamento prejudicado quase que pro resto da vida. Não sei se é... psicológico, ou fica uma marca... ou então, se gera uma falta de confiança, não sei, depois... não sei

porquê. Não posso dizer pra você sobre esse problema. Então... quer dizer, a gravidez antes do casamento é porque há sexo antes, e se há sexo antes, tá errado. (Paulo)

O fim da virgindade antes do casamento, quando evidenciado pela gravidez, torna-se, entre os presbiterianos, um assunto que precisa ser publicizado e remediado diante da comunidade religiosa através do casamento, mas nunca através do aborto. Dessa forma, podemos ver uma vinculação muito forte entre casamento e maternidade.

(...) Não é do desejo de Deus essa relação antes do matrimônio... mas aconteceu... Quem somos nós pra tecermos qualquer valor de juízo em relação a isso? Eu acho que a gente precisa agir, nesse caso, com suporte; não encobrir da igreja. (...) Num primeiro momento, esse casal precisa ser orientado pastoralmente para que esteja bem com Deus e procure Deus. E estar bem com Deus significa não ter peso de culpa pelo pecado presente, mas ter consciência da abundante graça que pode ser derramada em corações arrependidos. Feito isso... tem que levantar a cabeça, fazer o que se deve fazer, tomar as medidas que devem ser tomadas em termos de unir, de se casarem... mas isso abertamente com a igreja. (Antônio, pastor da igreja)

A fala de Antônio é importante no sentido de apontar como os presbiterianos excluem o “pecado” e reintegram os “pecadores”. Enfatizo que esse é um procedimento desta igreja presbiteriana.

Os presbiterianos acreditam na concepção virginal de Jesus Cristo. Mas, ao contrário dos católicos, entendem que Maria não continuou virgem. Eles crêem que ela teve outros filhos através da relação sexual com José, seu marido. Essas representações são relevantes na medida em que se vê a ênfase dos presbiterianos na preservação da virgindade até o casamento. As palavras de Douglas (1966, p. 192) sobre a questão da virgindade são aqui pertinentes:

A idéia da mulher como a Velha Eva, junto aos temores da poluição sexual, pertence a um tipo específico de organização social. Se essa ordem tem que ser mudada, a Segunda Eva, uma fonte virgem de redenção que esmaga o mal sob os pés, é um potente e novo símbolo a apresentar.

Essa “Segunda Eva”, a que se refere Douglas, é para os presbiterianos a figura de Maria. Virginal, antes do casamento, mas a mãe ideal depois dele.

Lembro-me de um fato muito interessante ocorrido na comunidade presbiteriana há alguns anos. Soube-se que um casal de namorados da igreja, bastante assíduos e participativos, iriam se casar porque a moça estava grávida. O assunto foi alvo de muitos comentários pelos presbiterianos. Mas, chamou-me a atenção um fato significativo: o casal se desculpava diante das pessoas da igreja, dizendo que não haviam tido relação sexual “completa” e que ela continuava virgem. E a explicação era detalhada. Diziam que ele havia colocado o pênis somente na entrada da vagina dela e, com a ejaculação ali, o líquido seminal teria escorrido para o interior da moça, provocando a fecundação. O casamento desse casal aconteceu em um salão, foi feito pelo pastor da igreja na época e a grande maioria dos membros da igreja compareceu à cerimônia. Hoje, a igreja fez uma concessão significativa nessa área. O princípio de que relações sexuais pré-nupciais significam um ato pecaminoso é, ainda, mantido. Mas, os casais, na mesma situação do agora descrito, têm a permissão para se casarem na igreja desde que se mostrem arrependidos e que a situação de gravidez seja colocada para toda a igreja através de um comunicado pastoral. O “pecado” é tornado público e, ao ser banido e, de fato, reconhecido como “pecado” pelos que o realizaram, a ordem religiosa é reafirmada. Assim, os pecadores perdoados poderão adentrar o espaço sagrado do templo para se unirem em matrimônio. Realmente, esses procedimentos ilustram o controle da igreja em relação ao exercício da sexualidade dos fiéis. É a religião “invadindo” o que há de mais íntimo na esfera do privado.

6- Quem (ainda) canta de galo?

As padronizadas diferenças de personalidade entre os sexos são desta ordem, criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se. Mead (1988, p.269)

Muitos estudos sobre relações de gênero no espaço privado do lar têm apontado para o fato de que homens e mulheres vivem dentro de uma hierarquia, que não dispensa a reciprocidade, construída a partir de uma moral que estabelece de maneira clara os papéis sexuais e os domínios do feminino e do masculino. Além disso, a figura da mulher tem sido associada ao mundo privado e doméstico, a casa, e a figura do homem ao mundo público e produtivo, a rua (Sarti, 1989). Mas, de fato, as mudanças na organização ocorridas no mundo moderno, principalmente com os movimentos feministas e a inserção da mulher no mercado de trabalho, têm levado ao questionamento da ordem tradicional familiar e dos estereótipos atribuídos, por muito tempo, ao papel da mulher como dona-de-casa, esposa e mãe e ao do homem como provedor e autoridade maior na família. Essa reorganização familiar é tema de estudos que também se voltam, inevitavelmente, para uma tentativa de compreender os rearranjos nas relações de gênero no espaço doméstico. Sem dúvida, não se pode generalizar essas mudanças ou mesmo homogeneizá-las. É preciso que se leve em conta como elas ocorrem em contextos sociais distintos ou nos diversos segmentos da sociedade. Talvez, o que poderíamos generalizar é a idéia de que os grupos familiares urbanos têm que lidar com essas mudanças buscando novos parâmetros e formas de estabelecer valores que possam ser o antídoto para amenizar ou dissipar a crise.

Como não poderia ser diferente, é nessa situação que se encontram os presbiterianos e, como um grupo religioso, lidam com essas mudanças familiares tentando articulá-las ao universo dessa religiosidade que lhes confere uma “identidade-extra”: a de homens e mulheres presbiterianos. São homens e mulheres que se realizam no mundo (Dumont, 1985), mas que têm o difícil dever de se

diferenciar dele através da rejeição de comportamentos e valores considerados “mundanos”, impuros, que vão contra seus princípios religiosos. Por isso, as relações de gênero no interior da família, entre os presbiterianos, apresentam ambigüidades que fazem os sentidos deslizarem nos espaços do discurso, da prática e do desejo de realização dos ideais de conduta propostos no plano religioso. Pretendo, então, demonstrar como essas ambigüidades atuam na construção das relações de gênero no espaço privado dos casais presbiterianos.

Pudemos perceber até aqui a importância do casamento para os presbiterianos. O casamento para eles tem, então, tripla função: proporcionar um espaço legítimo e aprovado para o exercício da sexualidade, estabelecer de maneira clara as diferenças de gênero e assegurar a continuidade da reprodução dos valores e princípios bíblicos dentro da ótica da doutrina eclesiástica, fortalecendo assim a igreja enquanto instituição.

A importância do casamento é frisada também através de uma visão espiritualizada. A relação homem/mulher, no casamento, é comparada à relação Cristo/igreja. Jesus Cristo é visto como o “noivo” e o “cabeça” da igreja. Ele é identificado com a figura do masculino, enquanto a igreja simboliza a figura feminina. Esta, então, simbolizando a figura feminina, deve exercer o seu papel de reprodutora, que é o de lançar a “semente” do evangelho e fazer novos adeptos, além de atuar como mantenedora da ordem e da honra dos fiéis para que Deus seja “glorificado”. Jesus Cristo deve ser obedecido pela igreja. Essa idéia remete à questão das relações de gênero.

Concomitantemente a isso, ele (o apóstolo Paulo) passa, agora, a descrever, paralelamente, essa atuação de Cristo à igreja, ele passa a, analogicamente, colocar a esposa, o esposo ou marido e mulher. Então, agora, há como que uma fusão, um entrelaçamento dessas duas realidades que dizem respeito a uma vida espiritual que em algum ponto acabam se tocando também. O amor de Cristo pra com a igreja e tudo o que falarmos do amor de Cristo para com a igreja, nós temos que estar pensando também no que será o amor do marido para com a

esposa e o amor da esposa para com o marido. (...) O 25 (versículo) nos diz: “Maridos, amai vossas mulheres como também Cristo amou a igreja”. Da mesma forma, semelhantemente, o máximo que você puder ame a sua esposa, interaja com ela no mesmo nível, da mesma forma como Cristo amou sua igreja, ama a sua igreja, que fez algo por ela. E o texto vai continuar e diz que a si mesmo se entregou por ela. Verso de número 31: “Eis porque deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e se tornarão os dois uma só carne. Grande é esse mistério, mas eu me refiro a Cristo e sua igreja.” (trecho de um sermão do pastor)

A identidade evangélica, e atrelada a ela a identidade de gênero, construída incessantemente sob a analogia do relacionamento Cristo/igreja, levaria, segundo o discurso oficial religioso, o marido a afastar-se dos prazeres “mundanos” e, por isso, a vida familiar passaria a ser mais valorizada contribuindo para a diminuição dos conflitos com a esposa, para a reafirmação da indissolubilidade do casamento dentro dos moldes religiosos e para a substituição de uma dupla moral sexual por uma moral única. Este é o ideal pregado pela instituição religiosa e reproduzido na fala dos informantes.

(...)Então, se eu fosse uma pessoa do mundo, meu casamento já não existiria mais... ele taria já acabado. (...) porque... os prazeres do mundo, eles são... estão na nossa porta... na nossa cara: revistas pornográficas, amigos, filmes pornográficos, é... o sexo tá em toda parte, infelizmente. Então, se eu tivesse no mundo, hoje eu não estaria mais com a Ana... já estaria, talvez com outras mulheres, eu estaria nos prazeres da vida, que é bebida... antes de casar com a Ana eu era... eu bebia muito, eu ia ... pra bares, eu ia... saía com colegas... num me importava quantas eu bebia, quantas eu deixava de beber... quer dizer, não tinha responsabilidade.(...) Então, se eu não fosse uma pessoa cristã, uma pessoa evangélica, hoje eu estaria... no mundo, eu estaria

ai aos prazeres da vida. Hoje, evangélico, não... eu peso as coisas.
(Sérgio)

(...) Porque eu fumava, né?, antes de eu me casar... E, quando eu comecei ir pra Igreja, que eu comecei a largar o cigarro, o vício. E ele tinha costume de ir pra bar com os amigos beber. Então, eu acredito assim, que se nós não tivéssemos ido pra uma Igreja, né, aceitado Jesus na nossa vida, eu acredito que eu estaria fumando ainda, né?, acabando com o meu organismo, minha saúde e ele estaria bebendo também, como ele bebia antes; talvez até pior. E... cê já viu, o homem, quando ele senta numa rodinha de homens pra beber, o assunto, a conversa não é boa, né, nunca é boa, (risadas) imagina o que vem, né? (...) Porque se não fosse a religião, se nós não fôssemos evangélicos, não estudássemos a palavra de Deus, eu acho que... o nosso casamento num... porque ... é difícil, viu? O homem que é do mundo, assim, é difícil levar o casamento certinho, ali. Não só o homem, porque hoje em dia (risadas), hoje em dia tá difícil a coisa, né?. É tanto o homem quanto a mulher. Tá difícil... (Ana)

Esses depoimentos mostram o abandono de hábitos considerados “mundanos” e que marcam essa dupla moral existente no “mundo”. No entanto, há dois outros depoimentos, um também de Ana e um de Antônio, que demonstram que há uma reprodução dessa dupla moral sexual pelos presbiterianos, evidenciada na educação dos filhos.

(...) houve uma abertura nessa linguagem sexual ótima, mas houve uma abertura também, na prática sexual. Então muitas famílias hoje mais moderninhas - vamos dizer assim - já não encaram nada mais com... como se fosse algo que foge a um padrão. Então a menina: “Olha filha, precisa se cuidar, precisa tomar anti-concepcional,

hein?” Quer dizer, a menina tá namorando com... com 13 anos, 14 anos e ela anda na sua bolsa com preservativo, com isso e com aquilo... Por quê? Porque essa... essa vida comum assim... é... esse atirar à área sexual hoje tornou-se algo que... que a família não... não estabeleceu mais nada, nenhum princípio. Quer dizer: “Deixa acontecer.” Por quê? Porque o mundo tá assim. (Antônio)

A fala de Antônio aponta para transformações na família e nos hábitos sexuais, primeiramente num sentido mais genérico. No entanto, o exemplo que toma é bastante sugestivo. Ele fala exatamente do fim de uma dupla moral sexual na sociedade com o qual ele não concorda. O depoimento de Ana também é significativo e incompatível com o discurso oficial religioso que prega uma única moral sexual. Ao falar da preocupação do marido em relação à criação de uma filha, porque ele tem que zelar pela virgindade dela, e não de um filho porque ele não teria nada “a perder”, Ana demonstra essa manutenção de uma dupla moral sexual dentro da família, entre os presbiterianos.

Ele (o marido) não queria menina, porque ele acha que a menina dá mais trabalho pra criar, né, pra cuidar e tal, porque é mais delicada, né? A menina já tem o que perder e tal, entendeu?, achava que... Ah, no caso da virgindade, né? Então, ele se preocupava muito com isso. Então, ele falou assim que não. (...) E... só que aí eu fiquei grávida do Júnior... Se não viesse o Júnior, ele morria. Eu acho que ele... dava as conta pra mim... (risadas). Aí quando eu fiquei grávida dela, (...) aí eu falei pra ele: “agora vai ser uma menina”. (...) Aí veio a menina. Aí ele aceitou, normal, tal. (...) eu vejo assim que hoje ele mudou muito, mas um tempo atrás, ele se implicava muito, assim, com ela, sabe? Ele... eu acho que ele chegava ao ponto, assim, de até não gostar dela. (Ana)

Os discursos, como pudemos ver no caso da questão da dupla moral sexual ainda existente entre os presbiterianos em confronto com o ideal de uma única moral sexual defendida pela religião, parecem demonstrar a dificuldade em realizar no cotidiano alguns princípios religiosos e a vinculação que esses indivíduos guardam com os valores da sociedade “secular”. Pretendo deixar essa idéia mais clara ao longo desta interpretação.

Quando se fala em relações de gênero entre os presbiterianos, inevitavelmente é preciso que se aborde a questão da submissão feminina e da autoridade masculina no espaço doméstico. É curioso ver que os múltiplos discursos reproduzem o posicionamento da igreja em relação ao fato de que a mulher deva ser submissa ao marido e que o “cabeça” da família tem que ser o homem, e, ao mesmo tempo, reinterpretam essas ordenanças utilizando padrões e valores “seculares” e uma visão modernizante da sociedade inclusiva. O que me pareceu foi que os informantes tentavam construir uma forma de pensar essas ordenanças bíblicas com o desejo de adequá-las da melhor maneira ao cotidiano e articulá-las às mudanças pelas quais a família passou e vem passando. A presença da ambigüidade marcando os múltiplos discursos é notável. Quando falo em múltiplos discursos, na verdade eu os vejo ora como múltiplos, marcados por experiências pessoais diferenciadas, mas de certa forma vejo um discurso único, ou seja, os múltiplos discursos tendem a ser homogeneizados pela religião.

Portanto, a submissão feminina e a dominância masculina são pensadas pelos presbiterianos através dos padrões bíblicos e dos valores “mundanos”.

É importante notar que os presbiterianos se preocupam em diferenciar o que é submissão para um não convertido e para um convertido. Em todos os discursos essa preocupação estava muito clara. Para os presbiterianos, a idéia de submissão, no sentido bíblico, não é exatamente o que a palavra costuma significar. Submissão assume um outro significado que, segundo eles, somente podem compreendê-lo aqueles que fazem parte da “família de Deus”. A sensação que tenho é a de que os presbiterianos têm um “dicionário” diferenciado do que têm os “mundanos”.

Bom, eu, eu, eu me considero uma mulher submissa. Entendeu? Uma situação que é colocada e que eu... abomino, é a questão da mulher subserviente, ou seja, a mulher abaixa a cabeça, a mulher aceita tudo, ela praticamente se anula. Eu acho que isso não é submissão. Submissão é você respeitar o seu marido, entendeu? Ele te respeitar e Deus colocou o marido como autoridade... e a gente tem que aceitar isso. (Joana)

A fala de Carlos reforça a idéia de Joana e a necessidade de distinguir o que significa submissão no padrão religioso e no padrão “mundano”:

Não ser submissa significa se rebelar contra uma submissão. Eu acho que a mulher deve se rebelar quando a submissão é em termos de... de até uma submissão é... não nos moldes da Palavra do Senhor. Se for uma submissão aos moldes do mun... mundano, eu acho que a mu... eu creio que a mulher tem que se rebelar. Ela tem que se livrar desse julgo porque é... mulher submissa com julgo é escravatura. Uma mulher não submissa: “Ah, eu não... eu não sou submissa ao meu marido.”- “Ah, então você é rebelde, você é revoltada?” - “Não, também não sou.” Dentro da Palavra do Senhor... mas a Palavra do Senhor diz que a mulher deva ser submissa porque o Cristo é o cabeça da Igreja, a mulher... o homem, obviamente é o cabeça da casa. Então a mulher deva estar submissa mas em companheirismo, não como escrava. Então essa é a visão que eu tenho. Agora, não submissa significa ir ao contrário disso aí! (Carlos)

A preocupação em demonstrar que a mulher deve ser submissa ao marido, mas não como uma escrava é marcante tanto na fala dos homens quanto na das mulheres. E, dessa forma, os presbiterianos colocam-se, curiosamente, como um grupo aparentemente de vanguarda na defesa dos direitos das mulheres. Mas há outra característica forte, acima já apontada, que parece ser um elemento fundamentalmente constitutivo da estrutura discursiva dos presbiterianos: a ambigüidade que se faz presente na interpretação que fazem da submissão feminina e dominância masculina

dentro de casa, uma relação ora vista do ponto de vista dos valores da sociedade atual, ora vista de acordo com os valores religiosos. Isto me faz lembrar do movimento pendular a que Leach (1965) se refere nos estudos por ele realizados entre os Shan e os Kachin, na Alta Birmânia, a fim de demonstrar o “pêndulo” como uma idéia representativa da dinâmica de valores que ocorrem numa estrutura ordinária, de certa forma estagnada, que tem sua ordem estabelecida mudada temporariamente através da assimilação de modelos diferenciados e opostos (o “Gumsa” e o “Gumlao”). Um modelo reafirma a hierarquia, o outro a questiona e a combate. Não afirmo, como Leach, uma mudança da ordem estrutural dentro desse dinamismo pendular entre os Kachin e os Shan de forma análoga entre os presbiterianos, mesmo porque estes não têm uma estrutura ordinária estagnada. Ao contrário, ela é dinâmica. No entanto, utilizarei essa idéia para demonstrar como os presbiterianos, indivíduos-no-mundo, lidam com os valores mundanos e com os religiosos e como encontram, em algum momento, o equilíbrio representado no ponto inercial desse movimento pendular.

Utilizarei o discurso de um informante, Silvio, para demonstrar como se dá esse “movimento pendular” que oscila entre os valores de uma sociedade moderna e os valores religiosos reinterpretados.

Ser o cabeça da família? Bom, ser o cabeça da família, tem que ser o quê, pai?. Aquela figura, dessa sociedade patriarcal, “ó, ali o pai, vâmo falar com o pai”, né? “Ó, o pai chegou”. “Ó, o seu pai não gosta”. “Ó, vou contar pro pai, hein?”, não é? Então, de repente, eu fui descobrir isso com os meus filhos, que ser pai (riso) não era só aquele da pa... do cara que te... da paternidade, né? É o que te acolhe no colo... mas de repente você é um símbolo de autoridade dentro da casa... né? Então, isso é ser o cabeça da família. Ai de repente se você... torna-se o símbolo de uma autoridade do lar. “Ah, ele é o pai” ou “ele é o chefe da casa”, né? Coisas que eu não criei, que tá já aí, há séculos, né? Então, e que isso, mesmo que às vezes você não queira... você é o pai. Não é verdade? Até a própria legislação, você é o pai. Você tem o pátrio poder, não é o mátrio poder, é o pátrio poder,

não é? Tá certo? Então, de repente vo... e, é ser pai, ou você tá assumindo... não só valores, cristãos, amorosos de paternidade, mas os valores também, sociais, instituídos pelo mundo, né? Certo? Isso é ser cabeça. (Silvio)

Como podemos ver, Silvio, ao ser perguntado sobre o que significa ser o “cabeça” da família, responde utilizando elementos que dizem respeito a valores da sociedade laica. Ele utiliza um conceito dado pela religião, o de ser o “cabeça”, e o identifica com uma noção que recorre ao patriarcalismo ainda presente na sociedade moderna. Mas, Silvio continua seu depoimento demonstrando uma tentativa de articulação entre essas duas esferas, a da sociedade laica e a religiosa, que me parece realmente um movimento pendular.

Se você partir do preceito bíblico, tá mais que explicado (a questão da submissão da mulher ao marido), não é? Agora, é questão de valores, né? Eu acho que essa... submissão deve, deva ser consciente... não só da mulher como do marido, né? O marido deve devotar amor e dedicação à sua esposa no mesmo nível que ela vai devotar... ao seu marido, né? Dentro daquele... embasamento cristão, não é... sempre consciente, é claro, né, do valor do marido, sua postura como mulher, e vice-versa, né? O marido cuida bem da sua querida, da sua amada, e dá-lhe o valor merecido, não é? Daquela mulher virtuosa que ela, que ele tem em casa. (Silvio)

Silvio fala de um “embasamento cristão” que explicaria a submissão feminina ao marido. Nesse sentido, ele reforça e reproduz os valores religiosos, mas, num movimento brusco do “pêndulo”, acaba por regressar à idéia de que é a sociedade “secular” quem impõe essa noção de que o homem tem que ser o “cabeça”.

Então, esse lado do cabeça... tem esses âmbitos. O que é não ser, o que é... O que é não ser o cabeça, é quando você se sente... é... esquecido (riso). Você costuma... acostuma tanto ser lembrado, que quando você não é lembrado, “pô, pôxa, ninguém fala nada, sou o último a saber”, não é? Quando você também não tem uma... uma participação mais efetiva dentro da sua casa, não é? Quando esses valores que te impregnam, mesmo que você não concorde com eles, e que você lute com eles muitas vezes, né? Mas tá tão impregnado que você acaba “pô, ninguém me consultou, ninguém me falou nada”. “Ah, vai, vai fazer tal curso”, “ah, é, tá legal, e quem que vai pagar isso aí? Oh, ninguém me fala nada”. Sabe? Não é o meu caso, sabe, mas que geralmente o pessoal comenta comigo. Mas... ser cabeça de casa... ser o cabeça da casa, é ser aquele cara que procura dar um equilíbrio, no relacionamento doméstico. Eu acho que isso é ser o cabeça, sabe? Que... tem uma postura... não só vista com respeito, pelos filhos, mas com carinho e admiração. Isso eu acho que é ser o cabeça. (Silvio)

Numa inversão interessante, Silvio coloca a questão do homem ser o “cabeça” da igreja, com base no discurso religioso, diferenciando-o totalmente do que seria uma dominância masculina que teria nos valores mundanos uma conotação autoritária e machista. Numa postura curiosa, Silvio afirma ambigüamente, o que significa “não ser o cabeça”:

Não ser o cabeça, é ser o cara ditatorial... sabe? Aquele que vai... sentar na poltrona... Ser o... aquele regime ditatorial “eu sou o chefe, quem manda aqui sou eu”. Ter o melhor lugar na poltrona ... diante da televisão, sabe? Um cara que... não respeita o ponto de vista da esposa. Um cara que não respeita a vontade dos filhos. E o cara que não tem sensibilidade pra vê que ele vive dentro... de um grupo social, né? Embora pequeno, mas é um grupo social. E que ele faz parte desse grupo, ele tem o seu papel. Quando o, o cara não

enxerga... esse papel dele dentro do grupo, então ele não é, não é cabeça. (Silvio)

Não ser o “cabeça”, palavra-chave da ordenança bíblica para o homem, parece significar, no discurso dos presbiterianos, ter um posicionamento tradicional e machista no interior da família. Dessa forma, os valores religiosos ganham um *status* moderno, no sentido de se colocarem contrários ao tradicionalismo da sociedade inclusiva.

Finalmente, contra os valores da sociedade laica, paradoxalmente, Silvio se utiliza de alguns valores da mesma para demonstrar a importância de serem reconhecidos os direitos da mulher.

(...) nós vivemos numa sociedade... ainda patriarcal, ainda por vezes machista. Uma revista aqui, dessa semana... tá com a minha filha. A revista Veja dessa semana traz um artigo "vergonha", é a capa. Cê chegou a ver a revista Veja dessa semana? A revista Veja dessa, Domingo. Leia, é, é, é, no Rio de Janeiro... existe lá uma chamada, uma determinada reportagem, que no, a cada hora... é... sete mulheres se encontram em situação de violência. Sob situação de violência, né, praticada pelo marido. (...) Então, é uma sociedade assim, profundamente machista. Onde os direitos das mulheres, das esposas, nem sempre são reconhecidos. Então, eu acho que deve haver uma conscientização e um respeito, né? Do homem pra mulher, e no caso a mulher entender essa submissão... como uma coisa consciente... de conciliamento de um casamento, né? Não é como uma coisa, reles empregada, sabe? (Silvio)

E aqui, os ensinamentos religiosos recebem uma intensa valorização: a de que se forem seguidos, haverá a minimização dos conflitos e um “conciliamento” no casamento reforçadores do princípio da indissolubilidade do casamento, tão defendido pela igreja.

Então... Por exemplo, o cara que tem, o cara que tem que tá, na rua, defendendo aí a... pagando as contas, sabe? É o cara que, o fi... é, de repente “ó, eu vou contar pro pai”, então o pai vai... “o pai vai não gostar”. E isso é uma coisa que me aborrece muito... e minha mulher sabe disso, porque usa o pai como um escudo, então tira a autoridade da mãe. Quando a mãe fa... fala isso, ela tá tirando a sua própria autoridade. Tá, tudo bem, fala “o pai vai chegar”, então cê vai esperar o pai chegar pra resolver o problema, então, enquanto não chegar vocês ficam brigando aí, não é? (Silvio)

A fala da informante Marilene também oscila entre a idéia “secular” sobre submissão feminina e uma reinterpretação dos valores religiosos. O tom de jocosidade dado ao início de sua fala, parece denunciar essa não aceitação da submissão feminina ao marido como é pregada na igreja. Porém, Marilene, de uma certa forma, utiliza o conceito de submissão para também demonstrar esse “conciliamento” no casamento a que se refere Silvio, resgatando, assim, os valores religiosos reinterpretados.

Porque eu imaginava que a mulher ser submissa era perder a identidade, fazer tudo que ele queria. Hoje (grifo meu) eu vejo que não. Ela ser submissa é ela acatar a autoridade dele, que ele pensa que tem... (risadas). É... eu nem... eu nem consigo distinguir muito essa coisa assim de submissão dentro de casa, eu acho que casamento é mais parceria do que submissão, sabe assim?... Nem sei, pra mim essa fase de... de achar que Paulo era... era machista já passou, graças a Deus. (...) Cê vai vendo assim, cê acha um companheiro, cê acha um parceiro pra dividir com você, pra somar, pra construir. Então, assim, cê acaba se submetendo a algumas coisas que ele gosta, ele se submete às coisas que você gosta. (...) Então, eu entendo assim submissão,

assim, essa coisa assim de... você abrir alguma... mão de algumas coisas, mas não aquela coisa assim escravizante. (risadas) (Marilene)

Portanto, se, por um lado, vemos, no plano das representações, uma analogia entre a relação Cristo/igreja e marido/mulher que nos faz pensar no estabelecimento de uma ordem hierárquica entre os gêneros, em que o domínio e a superioridade do homem são evidenciados e a submissão da mulher é uma conduta legitimada pela interpretação literal da Bíblia, por outro lado, essas questões nos levam a pensar na possibilidade de atenuação dos conflitos no relacionamento conjugal porque se Cristo se entregou totalmente pela igreja, o marido também deve dedicar-se à esposa, à família e a esposa deve reconhecer essa dedicação. Suponho que a estrutura dessas representações continua a fazer parte do repertório cultural dos presbiterianos, mas que recebem uma reinterpretação capaz de possibilitar um discurso que privilegie uma complementaridade e mesmo a idéia de cumplicidade entre os cônjuges.

Eu acho que o casamento ideal é esse que eu falei, né? É quando você tá buscando olhar na relação Cristo/igreja, uma relação pra tua vida a dois, né? (...) É Cristo se doando, amando e fazendo tudo para que a igreja seja a coisa mais bonita pra ele, porque é a noiva dele. E a noiva fazendo de tudo pro noivo... retribuindo, vamos dizer assim. Então é uma coisa bonita e ali você tem uma relação muito profunda, né? (...) Então pra mim o ideal é quando você começa a projetar essa imagem de Cristo e a igreja para dentro do seu lar, onde tem amor, o doar a si mesmo, a relação de perdão... porque se você se submeter com amor... porque é o que a igreja tem que fazer pra Cristo... estar indo, seguindo os passos de Jesus, buscando essa qualidade de vida.. Tudo! Eu acho que seria um casamento perfeito isso. (Fátima)

A construção do conceito de amor⁹ feita pelos presbiterianos reflete-se no discurso sobre as relações de gênero no interior da família. O discurso de um amor comprometido e que tem o outro em superioridade é um discurso que coincide com as representações laicas sobre feminilidade. As mulheres presbiterianas, então, endossam essa concepção de “amor-compromisso”, endossando com isso também a noção tradicional de feminilidade. Talvez, por isso, a mulher reconheça, no discurso, seu lugar de submissão não como algo aviltante, mas como uma prova desse amor ao seu marido e a espera de que ela seja retribuída com esse mesmo amor.

E Cristo amou a igreja como? A que ponto que veio o amor de Deus? Ele deu a vida, né? Então se uma mulher que é amada pelo marido a ponto do marido dar a vida por ela, ela não vai achar ruim ser submissa, vai, Keila? (risos) (Inês)

Voltando à idéia do movimento pendular, que representa, de certa forma, uma solução para os presbiterianos, no sentido deles poderem explicar no discurso a submissão feminina e a posição de “cabeça do lar” do homem como sendo ordenanças benéficas que não contrariam as mudanças ocorridas na família, de uma maneira paradoxal, esse movimento pendular também torna-se um problema no plano da prática porque acaba por não deixar claras as regras religiosas em confronto com o cotidiano de uma família que vive, inevitavelmente, valores de um mundo moderno. Portanto, em algum momento, em situações ameaçadoras ou de extrema incerteza e instabilidade, o “pêndulo” tende a parar. O ponto inercial é o ponto da certeza e do equilíbrio. Esse ponto, suponho, estaria fundamentado no modelo das relações de gênero no espaço intradoméstico que se dão por meio de uma divisão sexual do trabalho tradicional, embora permeada pelas mudanças que continuam a ocorrer na família moderna nessa área.

⁹ Quando falamos na construção do conceito de amor, estamos falando também em *hábitos afetivos* (Suárez, 1997) que são naturalizados no processo de construção das identidades feminina e masculina.

No nível do discurso, os presbiterianos demonstram uma relativa flexibilização quanto às funções atribuídas à esposa e ao marido, o que possibilitaria um certo revezamento e complementação por parte de ambos nas tarefas domésticas. Essa flexibilidade e revezamento estão presentes no discurso dos maridos e são considerados como fruto de um padrão divino de ajuda mútua.

(...) Esse Deus te dá um padrão de vida... ele te dá, ele não te força a viver. E você, a cada dia que você tem esse contato com ele é algo gratificante, né? Então aí... é... é... então percebo assim, não, não tendo esses valores, esses princípios, quer dizer, eu gosto muito de jogar bola, de repente eu não ficaria em casa às vezes ajudando... a Marilene em algumas coisas, né? Talvez não, não chegasse, chegasse em casa, ela trabalhando fora, eu queria que ela tivesse bonita e a casa toda limpa, toda arrumada. Com certeza, né?. (João)

João diz que às vezes ajuda a esposa e que não exige dela, já que ela trabalha fora, que a casa esteja sempre limpa e arrumada. Aqui, há duas coisas que precisam ser destacadas. A primeira é que me parece, analisando o depoimento dos homens do grupo de casais entrevistado, que a ajuda que oferecem à mulher dentro de casa é uma ajuda de caráter eventual e não um revezamento sistemático das tarefas domésticas entre homens e mulheres. A segunda, é que o fato da mulher exercer um trabalho extra-doméstico, justificaria a dificuldade da mesma em manter o trabalho doméstico funcionando de maneira exemplar, apesar de não retirar dela a responsabilidade do cuidado da casa. Se essas posições tendem a marcar os papéis sexuais nas tarefas domésticas do ponto-de-vista dos homens, no ponto-de-vista das mulheres, a troca de tarefas não é somente algo eventual. Elas geralmente assumem algo que é tradicionalmente atribuído ao homem de maneira fixa. As representações religiosas são importantes aqui, pois a mulher parece sentir-se honrada em adotar o papel de “auxiliadora”, tal como Eva o foi de Adão, que a igreja sempre lhe atribuiu. Mesmo exercendo trabalho extra-doméstico, as mulheres assumem tarefas “masculinas”. A fala de Inês é bastante interessante e demonstra também um acúmulo de tarefas para as mulheres:

Só sei que quem administra o dinheiro aqui sou eu. (fala rindo). Sou eu. O Carlos põe na minha conta, o que eu pago tá pago... Num pede assim... mas ele sabe né, com quem ele... Não que eu também sou autoritária, que eu quero pra mim o dinheiro, que eu acho que ele... Mas ele deixou isso pra mim, talvez eu não sei se foi bom, se foi... tem hora que eu falo: “Será que foi bom, né, eu assumir isso?” E paga luz, telefone, escola, facul... Né? Tudo assim, fica tudo pra mim... e é aquilo. Então eu falo: “Será que foi bom?” Mas, assumi isso. O Carlos sempre foi muito ocupado naquilo que ele fez. Fazia... absolvía muito ele o trabalho, então... a gente acaba ajudando né? Isso daí. (Inês)

O que torna esse depoimento mais interessante, é a fala de Carlos, marido de Inês, que parece orgulhar-se de atribuir à esposa a tarefa de administração do dinheiro. Carlos tenta demonstrar que não tem nenhum preconceito em relação à mulher ao enfatizar a capacidade da esposa em realizar tarefas tradicionalmente masculinas

Eu nunca controlei a área financeira de casa. Todo o meu salário foi sempre ela quem manipulou! Até hoje é ela quem continua fazendo! A nossa conta em banco nunca foi individual, sempre conta conjunta! Então, se você perguntar a ela, eu nunca pedi uma prestação de conta! Eu nunca perguntei no que que ela gasta dinheiro. Também, se você perguntar pra mim: “Você já... você consegue fazer a compra pra casa?” Lógico, eu vou lá no supermercado, vou comprar. Agora, se você disser pra mim, perguntar pra mim: “Você faria a compra da casa como ela faz?”. De jeito nenhum! De jeito nenhum! Não tenho... não tenho a mínima condição. (Carlos)

Carlos deixa claro, ainda, que a esposa é capaz de exercer uma atividade masculina, mas que uma atividade feminina feita por um homem é algo realizável, conforme já dito, de forma eventual e que o resultado não chega a ser tão satisfatório como quando a atividade foi feita por uma mulher. Pode parecer que a divisão sexual do trabalho recebe dos presbiterianos um tratamento distanciado do

tradicional. No entanto, o que podemos vislumbrar e o que nos parece acontecer é uma reafirmação da divisão tradicional das tarefas, no interior da família, entre homens e mulheres. O provedor, no plano das representações, continua a ser o homem, o marido, e a mulher, no seu papel de “auxiliadora”, cuida dos afazeres domésticos e ainda o auxilia na captação de recursos financeiros através de seu trabalho extradoméstico, além de assumir algumas tarefas masculinas a ela “concedidas”. Portanto, apesar da mulher estar inserida no mercado de trabalho, continua a predominar uma divisão sexual do trabalho na família calcada numa relação tradicional. É interessante a definição feita por Sarti (1989, p.40):

(O homem) é o principal provedor, tendo o dever de garantir materialmente, para todo o grupo doméstico, casa e comida, através de seus rendimentos ou salário. A mulher, enquanto dona-de-casa, ocupa um lugar interior; é quem ordena, organiza e avalia, gere, enfim, os recursos materiais disponíveis em função das necessidades do grupo e os distribui da melhor maneira possível entre os familiares.

As mulheres presbiterianas identificam essa relação tradicional no que se refere à divisão sexual do trabalho intradoméstico. Apesar de um discurso que aponta um sentimento de honra por serem “auxiliadoras” dos maridos e desempenharem esse papel, reconhecendo que foram por Deus criadas para isso, as mulheres reclamam dessa sobrecarga de trabalho e responsabilidades que lhes é imposta no cotidiano, mas finalizam o discurso de forma contraditória, enfraquecendo essa mesma reclamação, como se a sobrecarga de trabalho não fosse algo tão importante na relação familiar.

Ah, o que mais me incomoda no casamento? Então, talvez seja esse ponto de você ter que se envolver muito mais com a família, porque eu acho que a mulher preocupa mais até, né?, com... com o bem estar dos filhos, assim, no dia-a-dia. O pai dá tudo o que o filho quer, o pai... o pai é bonzinho, o pai brinca, tudo, né? E a mãe vê mais os defeitos, eu acho. Às vezes isso me incomoda, porque você fala: “vai

escovar os dentes, pentear o cabelo. Cê já fez sua lição? Cê tá demorando, não sei o quê, não sei o quê, bababá...” Então, às vezes parece que a mãe fica mais carrasca pros filhos. E se for isso!? (Rita)

Contrariamente ao depoimento de Rita e de outras mulheres presbiterianas, a fala de José sobre a questão da submissão da mulher ao homem remete à idéia de uma divisão de tarefas e uma forma da mulher livrar-se de uma sobrecarga que um marido “omisso” poderia atribuir a ela.

Eu entendo que... realmente mulher deve... deve ser submissa ao marido, como também o marido, também ...ser submisso a ela também, de... de colocar a par de tudo o que existe dentro de um... de um relacionamento, né? E... mas também não deixar ela tomar a decisão sozinha, que eu acho que isso é... complicado pra mulher; se sente... sei lá, com um peso muito grande, que ela tem outras coisas dentro do lar pra ser... pra ser... pra tomar conta, né? Acho que é um peso também uma manutenção de um lar. Deixar pra ela, também, eu acho que é muita coisa, né? Tá? (José)

As mulheres vêem não na submissão feminina ao marido, como coloca José, a possibilidade de divisão de tarefas no interior da família, mas sim no fato do homem assumir seu papel como o “cabeça da casa”:

Não ser o cabeça é... é... é justamente o contrário do que a gente falou, é deixar ser levado por... por coisas... extras conjugais, é dar mais valor às coisas externas, é ficar... preocupado, às vezes, com... com amigos, é... talvez... andar sozinho, é deixar que a mulher se descabele com todos os problemas da casa.... É acomodar-se. (Rita)

Lembro-me de uma situação que ilustra muito essas questões aqui colocadas. Num domingo, na escola dominical, na classe de senhoras, as mulheres diziam como é difícil hoje, com a “vida corrida”, terem tempo para evangelizar outras pessoas. Num dado momento, uma das senhoras levantou a questão de que, além de

trabalhar fora de casa, tinha que cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos sem muita ajuda do marido. A fala dessa senhora provocou a mesma fala, quase que simultânea, das outras mulheres, que reclamavam pelo mesmo motivo. A professora, interrompendo aquele pequeno tumulto, disse: *Mas não tem problema. A mulher é forte. E a mulher com Jesus é mais forte ainda.* É bom que se lembre aqui que essa idéia de que a mulher é forte está ligada aos “hábitos afetivos”, já citados, e que

não são privados e, sim, socialmente modelados. Por essa razão, além de serem fatos observáveis e descritíveis em si, não apenas marcam o sujeito mas também as instituições, as concepções e as condutas... (Suárez, 1997, p.46)

Os homens parecem concordar com essa idéia de que a mulher é realmente uma fortaleza e a valorizam no interior da família:

Eu tenho - até brinquei ainda com a Inês esses dias. O dia que Deus nos levar, eu prefiro que leve a mim primeiro. Porque eu não sei como eu conseguiria eu manipular as coisas porque a Inês pensa tudo por mim. Eu não pego roupa, eu não pego nada. Até a comida é ela que põe! Então, a Inês tornou-se uma pessoa é... tão prestativa com referência a mim, que ela... ela até me fez uma pessoa é... até certo ponto acomodada dentro de casa. Porque eu chego, a minha roupa tá na cama, é... a roupa que eu vou vestir... Eu vou pra igreja, a hora que eu saio do banho, quando eu vou ver a roupa já tá na cama... Então, só falta ela engraxar o meu sapato, não... que eu nunca tenha pedido isso. Então, mas também... tudo que ela precisar, é esse relacionamento. Então, a Inês além de esposa é a 'mãezona' de todos nós aqui em casa.
(Carlos)

Antes de pensarmos a mulher como mãe, gostaria de demonstrar o que pude perceber sobre o trabalho feminino no interior da família. *A priori*, analisando os depoimentos, pareceu-me que o trabalho feminino era valorizado. No entanto, pude perceber que em alguns momentos de cada entrevista vinha à tona uma

“velha conhecida” desvalorização da mulher na nossa sociedade. O trabalho doméstico, como espaço privado que guarda uma profunda identidade com a atuação da mulher, tende a ser desvalorizado pelos homens presbiterianos de forma mais velada. O depoimento de Sérgio é interessante porque mostra essa desvalorização quando comparado com o espaço público, geralmente relacionado ao homem:

Eu entendo assim, que a ... a esposa, ela tem que ser... ela tem que ser atual, porque a mulher que ela não se atualiza, ela se perde no tempo; quando ela se perde no tempo, ela se torna uma pessoa obsoleta. Se ela se torna uma pessoa obsoleta, ela deixa de se dar ao respeito e deixa de se valorizar. Então, aí se torna o contrário, ela começa a ficar parada no tempo, ela não acompanha... é... sei lá, rádio, televisão, música, é... política, não sei. Então, ela fica alienada ao mundo; então, ela se torna uma pessoa antipática em todos os sentidos, ela se torna uma pessoa fora de moda, uma pessoa fora do... do... do contexto social... e se torna uma pessoa chata, porque não tem o que conversar com o marido, o marido não tem o que conversar com ela... Então, se torna uma vassoura, uma pessoa que você pega, coloca atrás da porta e só se lembra quando precisa, se num precisar também, tá lá, entendeu? (Sérgio)

Sérgio estava eufórico no dia em que o entrevistei porque era o primeiro dia de trabalho da esposa. Acho que isso complementa a idéia acima colocada e, de certa forma, podemos compreender porque os homens presbiterianos não se colocam contra o trabalho feminino extra-doméstico. Ao contrário, eles o incentivam.

As mulheres também parecem desvalorizar não exatamente o trabalho, mas o tipo de trabalho que realizam, e demonstram descontentamento por não serem devidamente reconhecidas. É como elas se vissem através do olhar masculino. Elas geralmente usam um “tom” de jocosidade para demonstrar essa desvalorização, apesar de, no final da fala reafirmarem seu papel na divisão do

trabalho como uma coisa “normal”, como uma “sina” que a mulher, que é “forte”, deve aceitar e vivenciar:

(...) eu às vezes aqui em casa eu falo: “Aqui eu sou empregada, e ainda sou mal paga!” (ri) Eu falo isso: “Eu sou mal paga aqui!” Né? (ri muito) Ah... mas tá bom! (risos) – (Inês)

Quando observo esse “tom” de jocosidade para expressar algo que não satisfaz ou algo que incomoda, vejo que as mulheres não só se vêem através do olhar masculino, mas, curiosamente, elas também fazem o “pêndulo” se mover novamente na medida em que questionam sua posição dentro de uma sociedade moderna. Elas se vêem, então, através de outras mulheres, as que vivem no mundo sem nenhuma vinculação com um grupo religioso. Por isso, o movimento pendular se faz novamente presente e o ponto inercial, momento em que a dúvida leva à seleção de novos valores, de assimilação dos mesmos e conciliação com os princípios religiosos, também sofre mudança. Tem-se, então, um “equilíbrio instável”.

As mulheres presbiterianas sentem-se satisfeitas em trabalhar fora de casa. Elas vêem o trabalho extra-doméstico como uma forma de exercerem também o “dom natural” que têm como “auxiliadoras” no sentido de ajudar no orçamento doméstico e como uma forma de “realização pessoal”. Quando perguntei às mulheres porque trabalhavam a resposta delas me fez supor que o trabalho extra-doméstico feminino é um dos valores que os presbiterianos assimilaram do mundo moderno, muito embora eles não deixem de considerar como essencial o trabalho da mulher dentro de casa e a própria mulher não deixe de vê-lo como algo de sua responsabilidade.

(...) o trabalho é importante, porque a mulher não pode só ficar em casa, né? (riso). Já foi o tempo, né? (riso). (...) eu acho que faz parte (o trabalho), assim, é... da cabeça da mulher, né? Ela sair um pouco, pra ela também conviver, né, com outras pessoas, né? Ter outros pensamentos... do que só ficar em casa, ligado em serviço doméstico, filho, marido. Tudo isso é importante, mas é importante pra

ela também, ela ter um tempo pra ela trabalhar fora, né? Não só pelo dinheiro, mas também pela realização, né? (Teresa)

Lembro-me de como as mulheres realmente, apesar de exercerem o trabalho extra-doméstico, assumem a responsabilidade pelo trabalho dentro de casa. Mesmo antes de adentrar a casa das mulheres entrevistadas, elas já me pediam desculpas pela “bagunça” da casa. Interessante que em quase todas as casas eu não vi essa “bagunça” a que se referiam. Então, pude perceber que essas “desculpas” mostravam o grau de exigência que essas presbiterianas têm em relação ao seu próprio trabalho no lar e o receio de não serem consideradas boas donas-de-casa.

Revendo meu diário de campo, encontrei algo significativo sobre o trabalho feminino extra-doméstico. Depois de entrevistar Rita, conversamos um pouco. Ela me disse que poderia, em termos financeiros, ter mais filhos, mas que não o pretendia porque não teria tempo para dedicar às crianças, já que trabalhava muito. No entanto, ela me disse que é muito bom para as crianças, por outro lado, virem a mãe trabalhar e não virem uma *mãe boba* em casa. Encerrou a conversa comigo dizendo: *as coisas mudaram, o mundo é outro*. Quando reli esse registro, lembrei-me de Rita na igreja. Ela é uma mãe muito dedicada. Suas filhas participam ativamente da igreja e em datas especiais, como Dia das Mães ou Dia dos Pais, elas cantam juntamente com o coral de crianças homenageando as mães ou os pais. O fato, então, de uma mulher-mãe trabalhar fora de casa, não significa para as mulheres presbiterianas uma desvalorização de seu papel de mãe. Suponho que isso ocorra porque elas reelaboram esse papel de acordo com os novos padrões e valores presentes na sociedade inclusiva. A fala de Marilene complementa a de Rita:

(...) eles (os filhos) passam... é... deixa ver... é... de oito às dezessete na creche, né? (...) eu não tenho a menor culpa com isso, assim, de trabalhar fora, entendeu? Se eu ficasse com eles em casa, eu teria culpa, porque você tem que... optar e saber o que que você é capaz, né? (Marilene)

Falando em datas especiais comemoradas pelos presbiterianos, o Dia das Mães é, sem dúvida, mais festejado na igreja do que o Dia dos Pais. A importância da maternidade é tão grande para a igreja que inclusive o sermão do pastor é preparado para ressaltar esse atributo. Em uma das comemorações do Dia das Mães, o pastor falou sobre a mulher, dizendo que ela “parece tão frágil, mas é tão forte”. E terminou dizendo que ela é mais forte ainda quando ela se torna mãe. Ou seja, ser mãe, para os presbiterianos, significa assumir um *status* mais elevado entre eles. É como se a mulher se revestisse de sua maior “virtude”: a sua capacidade de reprodução.

Maria, que ajuda o marido na firma, mas que disse que gostaria de assumir juntamente com ele essa firma, parece destoar das outras mulheres ao falar que a mulher *esqueceu-se um pouco do papel dela como mãe*, mas na verdade ela me parece “desabafar”, dizendo quão difícil é ser mãe e dona-de-casa:

Então eu acho assim, que a gente tem que saber qual que é o papel da gente, porque a maioria das mulheres, elas começaram a usar muito desse: “Ah, lutar pelos meus direitos, porque eu quero trabalhar fora, porque criar filho é muito difícil...”. Então, a mulher foi trabalhar fora. Automaticamente, a mulher indo trabalhar fora, ela tem outros entretenimentos, ela tem outra cabeça e ela... em casa é difícil mesmo. Ser dona de casa é maçante, chato, ser mãe é difícil... De noite cê tem que orar com o filho, sentar com ele, cê tem que ler a Bíblia, cê tem que ensinar... cê tem que ensinar valores morais pro teu filho, conceitos, cê tem que ajudar o filho a fazer lição de escola... É muito mais fácil você trabalhar pra fora, deixar seu filho com a empregada, deixar seu filho numa televisão, depois você comprar ele com melhores brinquedos moderno, você dar dinheiro pra ele ir no shopping quando cê tá cansada; ele vai com a turma de amigos pro shopping... Então, o que que acontece? Quem tá criando filho, não é só a ... não é a gente, é o mundo. E, com isso, a família foi sentindo isso. (Maria)

Gostaria de concluir este tópico transcrevendo dois textos do informativo dominical da igreja que demonstram um padrão tradicional dos papéis sexuais defendidos pela instituição religiosa, mas que, como mostram os dados analisados, não são totalmente seguidos pelos presbiterianos ou são por eles adaptados às mudanças ocorridas no mundo moderno. O primeiro texto é alusivo ao Dia das Mães.

Oração de uma mãe cristã

Pai, ajuda-me a fazer tua vontade
E como esposa cristã
Amar, honrar e obedecer
Todos os dias, na vida.

Dá-me paciência, orientação, força
Em tudo o que digo
Que eu crie meus filhos queridos
Para honrar teus caminhos

Ajuda-me a ensinar, conduzir e guiar
Essas crianças nascidas do amor
Para que possam viver o tipo de vida
Que as leve para o céu.

Ajuda-me a interromper meu trabalho
Em todos os dias atarefados
Para ter tempo de agradecer-te, Senhor,
Para ter tempo de orar...

Betty Woodrof Alley

“Às mães da nossa igreja, os nossos cumprimentos pela passagem do seu dia. Que possa cada uma fazer suas as palavras deste poema, “hoje” e por todos os dias que o Senhor o permitir. Com o carinho da SAF”

O segundo texto é intitulado “O Marido Cristão” e diz o seguinte:

“Quem achará um marido amoroso? Seu valor excede abundantemente o do jardineiro, empresário e operário. O coração de sua esposa confia nele, quer na presença da secretária atraente, quer na presença da mulher solitária à procura de alguém para ouvi-la.

Ele gasta mais tempo em casa do que no campo de futebol, no tênis, ou no voleibol. Ele não fica muito bravo quando as bicicletas e bolas formam uma bagunça na garagem. Ele gosta de receber beijos de geléia de morango e abraços de chocolate.

Ele consegue consertar varas de pescar quebradas e bonecas deslocadas com igual habilidade.

Quando sua esposa grita, ele corre para socorrê-la destemido, e esmaga a aranha preta.

Ele nunca esquece o aniversário de sua esposa.

Ele sempre percebe os vestidos novos dela, assim como seus penteados, seus sapatos, e sua bolsa, e a elogia apropriadamente.

Ele mostra paciência quando o nenê exige o tempo da esposa.

Crems, sabonetes, esmalte, vários pentes, escovas e batons o deixam bem confuso, mas ele considera tudo em silêncio.

Ele não é aquele perfeccionista que acha que o eventual prato sujo ou cama desarrumada indiquem uma esposa preguiçosa.

Ele muda a disposição dos móveis, conforme o desejo da esposa, e conserta torneiras e escadas rapidamente.

Quando seus sogros chegam para uma visita, ele os deixa à vontade.

Às vezes ele faz compras com sua mulher sem murmurar, embora espere que outro homem não o veja na seção de roupas íntimas para senhoras.

Enquanto espera pela esposa no carro, ele resiste à tentação de buzinar, e quando ela chega, parte em velocidade normal.

Sua força sustenta a família em tempo de crise, mas ao mesmo tempo ele mostra bondade e misericórdia.

Aceita o comportamento incompreensível de sua esposa com tranquilidade. Embora nunca a compreenda completamente, ele ainda a ama.

Eposa, encontre-o à porta com cabelo penteado, roupas bonitas, e um grande sorriso. Receba-o com um beijo e um abraço, porque ele é um tesouro precioso. – Marilyn Habecker.”

Quando olho esses dois textos, tenho a impressão de que são, para os presbiterianos, apenas lembranças de um tempo passado. Ao mesmo tempo, vejo que muitos elementos que deles fazem parte continuam a nortear muito do comportamento dos presbiterianos. Novos e velhos valores parecem conviver, nem sempre de forma pacífica, dentro do universo simbólico desses evangélicos.

Intensamente integrados no mundo, os presbiterianos vivem constantemente a tensão de um movimento pendular que parece não ter fim e que os impele a procurar um ponto de equilíbrio numa articulação complexa entre os valores religiosos e os valores advindos de rápidas e incessantes mudanças na organização familiar e, conseqüentemente, nos padrões de relações de gênero e divisão sexual do trabalho. Se podemos perceber, entre os presbiterianos, um movimento e um desejo que torne possível a igualdade entre os gêneros, vemos também a preservação de elementos que confirmam o princípio da hierarquia entre homens e mulheres. Esta é a característica mais marcante desse movimento “pendular”, movimento este que permite a presença perturbadora da ambigüidade.

7- A hierarquia no corpo de Cristo

Igreja é um negócio complicado.... muito complicado. É pior que família.... (risadas) em dia de domingo. (risadas) (Marilene)

Se no espaço intradoméstico há uma elaboração dos papéis masculinos e femininos feita a partir de uma articulação entre os preceitos religiosos e os valores de uma sociedade moderna, no espaço eclesiástico parece existir a necessidade em deixar claras as atribuições do homem e da mulher de forma a reafirmar o modelo tradicional, diferenciando-o dos novos modelos de relação de gênero que surgem no meio “secular”. No entanto, suponho que haja uma representação ou uma “encenação”, não no sentido pejorativo da palavra, desses papéis tradicionais de gênero que acabam por não nos permitir, à primeira vista, enxergarmos os rearranjos e as reelaborações para o estabelecimento de novas formas de relações de gênero no interior da comunidade religiosa.

Gostaria de pensar essa “encenação”, ritualizada nos cultos e reuniões dos presbiterianos, com base nas representações elaboradas a partir da analogia que eles fazem da igreja como sendo o corpo de Cristo. Como pudemos ver, na família, a analogia religiosa afirma que Cristo é o “cabeça” da igreja assim como o homem deve ser o “cabeça” da mulher. A igreja, então, como corpo de Cristo, tem como “cabeça” o homem.

O pastor é um papel masculino. Porque o pastor é o cabeça da Igreja. Se o homem é o cabeça da família, eu acho que o pastor é que tem que ser o cabeça da Igreja, tá? (Joana)

Realmente, os homens “encenam” essa atribuição. Eles são, oficialmente, a liderança da igreja. As mulheres, como “auxiliadoras” que são, não têm acesso a esses cargos oficiais. A “encenação” deixa clara uma estrutura

hierarquizada que reforça uma relação assimétrica de gênero ao definir qual o lugar do feminino e qual o do masculino. Para compreender a legitimidade dessa “encenação” das representações, evoco Douglas (1998, p.58):

Quando a analogia é aplicada de um determinado conjunto de relações sociais a outro e vice-versa, e destes conjuntos à natureza, sua estrutura formal recorrente torna-se facilmente reconhecida e revestida de uma verdade que se autolegitima.

Um discurso subjacente a essa “encenação”, que se dá regularmente entre os presbiterianos, aponta o reconhecimento, inclusive pelos homens, de que as mulheres são mais atuantes do que eles.

Olha, eu acho que, já que o mundo evoluiu, né, os direitos são iguais, eu acredito que dentro da... principalmente dentro da nossa Igreja tem mulher que tem muito mais capacidade que os homem. Aliás, todas as... festa que tem dentro da Igreja... as mulheres tão sempre na... na frente, porque os homens, a maioria deles ali... vai, faz, mas é... na realidade quem... é... faz o planejamento de acampamento... de... qualquer novidade que a Igreja tem em termos de... de lazer, isso aí parte tudo das mulheres. Dificilmente cê vê um homem que... que pega afeto nisso aí. (Francisco)

A fala de Francisco não só fala da intensa atuação das mulheres na igreja, como também critica a não atuação efetiva dos homens. A fala de Fátima também vai nessa direção, mas há um elemento interessante: ela compara o papel de liderança do homem na igreja no passado e a omissão que hoje há por parte dele na instituição. Por isso ela critica a estrutura hierárquica de gênero na igreja, que se justificaria nesse passado a que se refere em que o homem de fato assumia suas responsabilidades, mas que não mais se justifica hoje, já que são as mulheres que realmente trabalham.

Eu acho que a mulher, ultimamente, tem desempenhado muito mais um papel de estar à frente do que o homem. O homem tem sido omissos. Apesar da gente ver nas igrejas passadas, sempre o homem que tava à frente, né?. Mesmo ainda eu acho que as mulheres ainda não têm é... liberdade pra... para poder agir dentro da igreja. Tanto é que tem presbítero, tem diácono... não existe diaconisa, não existe presbítera, né? Tem certas coisas que é só pro homem, né? Mas de fato, quem trabalha, na maioria, são as mulheres. Quem leva na frente lá, quem leva à frente mesmo eu acho que é as mulheres.... (Fátima)

O que me parece paradoxal é que ao mesmo tempo em que os informantes reconhecem essa estrutura e não concordam com ela, eles mostram-se pouco preocupados em mudar de alguma maneira essa situação e, assim, a “encenação” continua a ser legitimada. As mulheres, principalmente, mostram-se indiferentes a essa questão que lhes diz respeito diretamente. Perguntada sobre a possibilidade de haver mulheres presbíteras, pastoras ou diaconisas, Marilene respondeu o seguinte:

*Ah, nada contra, nada a favor, sei lá. Podia ter, né?...(pausa)
Desde que eu não seja escolhida, pra mim tudo bem. (risadas)
(Marilene)*

O diálogo com Márcia também é interessante nesse sentido:

Márcia: Costuma-se dizer que mulher não foi feita pra comandar certas coisas. Eu acho que foi, sim. (...) tem belas mulheres no poder, tem sim. Poder? Em grandes cargos. Tem. Nós temos médicas excelentes; nós temos juízas... conheço juíza... maravilhosa. Nós temos professoras maravilhosas, fonoaudiólogas...

Pesquisadora: *Você acha que tinha que mudar (na igreja)?*

Márcia: *Não. Por quê? Não. (...) Não afeta na nossa igreja, não.*

Pesquisadora: *Porque não afeta?*

Márcia: *(pausa) Nunca parei pra pensar.*

Pressuponho que a explicação para legitimar a hierarquia no espaço eclesiástico, mesmo que “encenada”, esteja em cinco pontos fundamentais levantados a partir dos depoimentos. O primeiro diz respeito ao fato de que a comunidade reconhece que os homens são tão inativos na igreja, mesmo ocupando cargos oficiais, que possibilitar às mulheres o acesso a esses cargos seria não só confirmar a passividade e desinteresse dos homens em relação às “coisas de Deus” mas também sobrecarregar as mulheres com tarefas que deveriam ser feitas por eles.

Eu acho que podia ter mulheres pastoras também, porque tem mulher aí que prega aí de dez a mil em muito pastor, né? (risadas) Mas eu acho que isso tudo é uma coisa a pensar, né?. Porque tem tanto homem precisando de trabalhar aí, né?. Deixa um pouco pros homens, as mulher já tão fazendo muito na igreja, né? (risadas). (...) Não, eu não acho que a mulher tá fazendo muito, não, eu acho que a gente tem que tá sempre fazendo mesmo. O papel da gente é trabalhar . Mas o homem tá muito acomodado, tem muito homem que podia fazer junto com a mulher, né?. (...) Trabalhe os dois, né?. Cada um no seu papel ou os dois fazendo o mesmo papel... porque o que a gente acaba vendo é que a gente precisa empurrar o homem, né?... fica empurrando o homem pra trabalhar na igreja, né? (risos). (Maria)

Ao contrário de Maria, Luís não vê a possibilidade de cooperação de homens e mulheres nas tarefas da igreja. Mas, também ele concorda com a “inatividade” dos homens na igreja. E aqui, como no espaço intradoméstico, o trabalho da mulher na igreja pode ser considerado como uma “concessão” masculina.

Eu vejo que a mulher tá em todo lugar. Eu ando dentro do templo, eu... não precisa ser... ter diaconisa lá na igreja. A SAF já faz muita coisa, que eu fico até com vergonha, porque os homens é que deviam tá assumindo ali a UPH¹⁰. A UPH não tem membro, corpo e não tem cabeça. Porque os homens não assumiram ainda. Então, esse espaço... porque diz na lei da Física, diz que é impossível dois corpos ocuparem o mesmo espaço ao mesmo tempo, né? Não é isso que fala a Física?. A igreja é a mesma coisa. A SAF tomou corpo porque os homens decaíram. (Luís)

O segundo ponto seria a idéia de que as mulheres, valorizadas na Bíblia por Jesus Cristo, compensariam essa inferiorização imposta pela estrutura eclesiástica por meio da relação individualizada com Deus, relação esta em que, no discurso dos presbiterianos, não é levado em consideração o sexo do devoto. Por ser espiritual, essa relação é vista como assexuada.

Eu não consigo ver, assim, um... diferença entre um e outro; pra mim é... genérico, porque o cristianismo... não tem diferença, a gente estabelece diferenças dentro da Igreja. Mais essa... aquela coisa hierárquica, assim, né?, de cargos... né? Então, os homens são presbíteros, as mulheres não são. Mas do ponto de vista cristão, ali na essência, não tem diferença, qualquer um poderia tá no posto. (Marilene)

dentro da igreja homens e mulheres devem ter - embora não aconteça na prática - mas devem ter o mesmo raio de ação, a mesma consciência do campo de ação, a mesma consciência do imperativo que recai sobre todos, sobre todos indistintamente. Deus não está nos

¹⁰ SAF significa Sociedade Auxiliadora Feminina e UPH significa União Presbiteriana de Homens.

olhando primeiro pelo nosso... nosso sexo, Deus está nos olhando pela nossa consagração. Ai independe se vai ser uma mulher ou um homem. (Antônio).

O terceiro ponto remete à questão da hierarquia presbiteriana no seu âmbito mais geral. A representatividade das igrejas locais em reuniões do “Supremo Concílio”, que regulamenta a organização eclesiástica das igrejas presbiterianas, é constituída somente por alguns pastores e presbíteros, impossibilitando o acesso de mulheres e mesmo de homens que não estejam de acordo com o sistema tradicional em voga. É como se reivindicar mudanças fosse uma tentativa em vão.

Olha, na minha opinião... eu nem sei porque que não... não existe isso (mulheres ocupando cargos na igreja). Porque isso aí tem o estatuto da Igreja Presbiteriana.. que... ela fala mais.. é... aí tá sendo mais ou menos igual ao Vaticano, né?, tá dando... tá puxando a sardinha pro lado dos homem. (...) Só por que tem homem?. Sempre eu já... já venho discutindo isso com os pastores. Já falei várias veze....Então, é o estatuto da Igreja, que a Igreja... o estatuto da Igreja Presbiteriana tem aqui, do Brasil, vem de fora. Dos Estados Unidos. Então, tem que mudar o estatuto e pra mudar o estatuto, é tipo dum congresso. Então, tem que ter tantos votos. (Francisco)

Eu nunca vi uma mulher pastora... eu não me lembro de ter visto, só vejo pastor, né?. É... diáconos, eu nunca vi... diaconisa, só os homens diáconos. (...) eu não sei, eu não sei (porque não há mulheres pastoras, presbíteras ou diaconisas), deve ser o regime, o regime da igreja, né?... Eu não sou contra não. Eu acho que podemos ter, por que não?... O regulamento, ele é da igreja. Eu não participei... eu não ajudei a elaborar, não participei do regulamento (risadas). Regime, né?. (Alberto)

O quarto ponto relaciona-se com a idéia dos presbiterianos de que há habilidades fisiológicas e psíquicas, inatas, que diferenciam homens e mulheres e que proporcionariam uma adequação quanto à ocupação de certos cargos para homens e não para mulheres. Ortner (1979, p.111) aponta alguns estudos que concluem que

(...) os homens são mais objetivos e inclinados a relacionar-se em termos de categorias relativamente abstratas e as mulheres mais subjetivas e inclinadas a relacionar-se em termos de fenômenos relativamente concretos.

Dessa forma, Ortner (1979), ao rebater a conclusão desses estudos, chama nossa atenção para um dos aspectos, o da crença em uma estrutura psíquica dada pela natureza de maneira diferente aos sexos, que contribuem para que se pense a mulher mais próxima do mundo físico e o homem mais próximo da cultura. Por isso, as mulheres estão mais relacionadas ao mundo doméstico, do privado, onde a relação mãe/filhos e os cuidados com a alimentação remetem ao universo da natureza; e os homens estão mais relacionados ao mundo público, onde as regras e as relações sociais, que exigem abstração, o ligam ao universo da cultura¹¹.

*Eu acho que **poderia** ter. Não **deveria**.* (ênfatisa as duas palavras em negrito no que se refere à possibilidade de haver mulheres ocupando cargos oficiais na igreja) *Porque... no fim das contas - eu acredito assim - a mulher, ela é diferente do homem. Não só externamente... constitucionalmen... ela não só constitucionalmente; a pessoa, intelectualmente ela é diferente; emocionalmente ela é diferente. Eu acredito que um homem nunca seria uma mãe como a*

¹¹ Sobre essa idéia, ainda, entre os presbiterianos, a argumentação de Ortner (1981, p.1) é importante: *What gender is, what men and women are, what sorts of relations do or should obtain between them – all of these notions do not simply reflect or elaborate upon biological “givens”, but are largely products of social and cultural processes. The very emphasis on the biological factor within different cultural traditions is variable; some cultures claim that male-female differences are almost entirely biologically grounded, whereas others give biological differences, or supposed biological differences, very little emphasis.*

mulher é - se fosse possível ele gerar.(...) A função de homem e de mulher acaba sendo diferente. O pessoal...o mundo quer que seja igual, que a mulher seja igual, mas não é, por mais que queira fazer. Você pode... serem iguais em direitos. Ter direitos... todo o direito da sociedade aí, tudo bem, acho que a mulher não é menor em nada. Agora a... a função dela no lar, na vida em si é diferente do homem. Se você ver assim, em termos de... quase animal: macho e fêmea; um é mais força, o outro é mais emoção... (Paulo)

Imagina você ... ser mulher, cê tem filho, tem toda aquela carga hormonal, né? Nossa, deve ser muito complicado agüentar aquela problemada toda. Eu penso nesse sentido, eu... jamais gostaria de ser pastora, não tenho nenhuma aspiração, porque deve ser muito complicado você lidar com todo o seu vulcão que pro... o homem, eu acho que ele é assim, naturalmente, assim, ele é meio assim de estalo, né? a gente... viaja, assim, ahhh, viaja, cê vai... Eu tiro por um cruzamento... as mulheres são tão boas motoristas quanto os homens, mas tem uma coisa que eu fico rindo assim, que eu olho pros homens assim e eu falo assim: “não tem jeito.” Quando cê tá num cruzamento, difícil a mulher que entra num cruzamento assim, ó, que faz assim com a cabeça e já entra, entendeu? Ela pára, ela olha pra tudo quanto é lado, retrovisor, pra tudo quanto é lado; raras, salvo raras exceções. É tão automático, mas se cê prestar a atenção, o homem faz assim zupt com a cabeça e entra, entendeu? Então, tem um negócio assim no homem que, num sei se é fisiológico, se é sensação... Mesmo eu sendo duzentos e vinte, como diz minha mãe, e o João sendo quarenta volts, ainda assim eu vejo que tem algumas coisas que ele decide assim ó vupt vupt, sabe?, que a gente pondera mais.... (Marilene)

O último ponto estaria relacionado à dificuldade da igreja em lidar com mudanças. O “novo” pode trazer situações em que os velhos valores podem

ser questionados e isso, de certa forma, soa como uma ameaça à ordem tradicional que dá sentido às regras e normas de conduta até então adotadas pelos adeptos.

(...) Nós vivemos numa sociedade ainda muito machista, né? Então, pode ser, às vezes, até chocante pra uma pessoa chegar na igreja e ver uma mulher no púlpito. Mas eu realmente não vejo, assim, distinção de funções. Existem passagens bíblicas que dão muito apoio para que o pastor seja homem, mas também existem muitas outras passagens que a mulher trabalhou na Igreja de ombro a ombro e... eu não vejo grande problema. Às vezes, o homem tem...tem mais estrutura pra agüentar problemas eclesiais, pra... sabe?, pra aqueles tipo de coisa assim, aconselhamento.... Eu acho que talvez o homem esteja mais preparado pra isso na atual conjuntura, né? (...) Às vezes, os homens, na nossa sociedade, são mais confiantes, são mais reservados, são menos fofoqueiros... Então, eu acho que talvez seja interessante pro tipo de sociedade que nós temos. (...) Então, eu realmente não vejo diferença, eu só vejo, às vezes, uma necessidade. Não pra mim, mas pra... pro povo, pra congregação, pra sociedade, né? (Rita)

(...) Eu acho que os presbíteros mais velhos da nossa igreja seguram... as mulheres, os grupos, em geral... alguma coisa que se queira fazer na igreja de inovação. Eu acho que o prebitério segura um pouco. Os presbíteros da nossa igreja seguram um pouco. Não sei o que se passa nas outras igrejas. Eu tô na minha igreja e não vou sair dela nunca. Pode toda... tem gente que mete a boca, fala... mas eu sirvo um Deus ali, imagine... não sou galinha pra pular de galho em galho... eu tô ali só. (Márcia)

Ao me referir à questão de que os presbiterianos “encenam” uma hierarquia de gênero no espaço eclesial, não estou com isso tentando dizer que ela de fato não existe. Ela existe, mas não é tão definida como parece nessa encenação e

nem livre dos efeitos das mudanças que ocorrem em nossa sociedade. Cito as palavras de Bourdieu (1996, p.218) para expressar a minha idéia de “encenação”:

A representação (mental) que o grupo se faz de si mesmo só pode se perpetuar no e pelo trabalho incessante de representação (teatral) pelo qual os agentes produzem e reproduzem, na e pela ficção, a aparência ao menos de conformidade à verdade ideal do grupo, a seu ideal de verdade.

Para tentar entender as ambigüidades que também marcam o espaço eclesiástico em relação aos papéis sexuais, sugiro que se pense, em primeiro lugar, no conceito de autoridade e poder (Lamphere, 1979). Proponho essa reflexão para que possamos entender como a mulher transita nesse meio hierarquizado, que, de forma ambivalente afirma o valor e a igualdade dela em relação ao homem, mas não lhe permite que assuma posições consideradas de domínio masculino.

Os homens presbiterianos, os que fazem parte da liderança da igreja, têm o poder de decisão. Esse poder, segundo Lamphere (1979, p.123) quando está apoiado *na legitimidade (isto é, na noção de que um indivíduo tem o “direito” de impor seu desejo) e quando é exercido na hierarquia de papéis, é definido como autoridade*. Portanto, os homens, que formam a liderança oficial eleita pela igreja em assembléia, são considerados uma autoridade e como tal podem decidir questões de toda ordem na comunidade presbiteriana. No entanto, as mulheres desenvolvem estratégias que lhes dão oportunidade de maleabilizar essa distribuição do poder. Essas estratégias, segundo Lamphere (1979) estão relacionadas ao “conceito-chave” de influência. As mulheres influenciam na tomada de decisão dos homens através de uma extrema habilidade de persuasão. A fala de Inês, de certa forma, mostra-nos que as mulheres, estão “atrás” dos grandes eventos. Elas decidem e organizam muitas coisas através da autoridade masculina.

Ah, eu não vejo diferença assim não porque... mesmo que a igreja dê essa diferença, através da doutrina, né, que a mulher não pode ser diaconisa, a mulher não pode isso aí... Mas você vê, atrás de

quem? Atrás lá das grandes coisas que acontecem lá, tem o quê? Tem as mulheres sempre trabalhando, né? (Inês)

Nesse sentido, as mulheres presbiterianas podem ser vistas, através da Sociedade Auxiliadora Feminina (SAF), como “auxiliadoras” que fazem com que haja movimento no interior da comunidade religiosa. Elas, realmente, atuam aparentemente nas margens do poder, mas são responsáveis pelo funcionamento da igreja nos mais diversos setores. Homens e mulheres presbiterianos reconhecem, no discurso, a atuação da SAF, dando a ela um lugar de destaque para o funcionamento da instituição religiosa. Pude ver mulheres da SAF organizarem eventos, como cultos especiais, juntamente com o pastor da igreja. Elas influenciavam, inclusive, a liturgia desses cultos através de sugestões ao pastor. Em reuniões da liderança da igreja, em que são chamados a participar também aqueles líderes que não possuem cargos oficiais, as mulheres são a maioria e expressam suas idéias, sugerindo formas de atuação em programas de evangelização, de organização da Escola Dominical, participando do planejamento de programação anual da igreja. Adequadas são, aqui, as palavras de Lamphere (1979, p.124):

Uma mulher exerce a influência quando é capaz de induzir alguém na decisão de agir de certo modo porque sentiu ser bom para a outra pessoa, independente das mudanças de sua situação e por razões positivas, e não por causa das sanções que poderiam ser impostas.

Acredito que a influência das mulheres presbiterianas, nas decisões dos homens que exercem liderança, esteja ligada ao próprio conceito de amor dos presbiterianos. A mulher usa sua influência e persuasão demonstrando que suas sugestões estão relacionadas ao amor que têm pela comunidade religiosa, um amor que pensa no outro e que se preocupa com o bem estar do outro e da coletividade. Dessa forma, a autoridade masculina é aceita pelas mulheres, mas essa autoridade reconhece a necessidade do apoio destas e por isso concede um espaço para que elas exerçam suas influências, evitando, assim, uma possível desestabilização da ordem hierárquica vigente.

Agora, da mulher na Igreja, eu acho que a mulher, ela tem o privilégio de fazer parte da SAF, que é a sociedade auxiliadora feminina, que atua em todas as áreas da Igreja. Né? Tem a... a questão da Escola Dominical, também, que eu acho um privilégio nós podermos ser professores da Escola Dominical... (Joana)

A fala de Joana remete à idéia de que a mulher reconhece que, num espaço público, reservado geralmente ao homem, há espaços alternativos, “extra-oficiais”, para que ela possa expressar-se e mostrar sua capacidade como administradora, organizadora de eventos e líder. Num âmbito mais geral, o trabalho da mulher, dentro da igreja, é visto por ela como uma maneira de auxiliar a liderança masculina nas decisões e realizações que devem ser feitas a fim de proporcionar o bem estar de toda a comunidade.

Curiosamente, as mulheres parecem reforçar a hierarquia de gênero no espaço eclesiástico quando dizem que não estão interessadas em “título”.

Então, eu acho que prioritariamente é só... pra mim, é a questão pastoral. Sabe? Porque eu acho que não é... é... é, é pra homem, por causa do... do, da instituição, até família, não é? Mas... eu não sou nem um pouquinho feminista, achar que a mulher tem que estar em todo lugar, porque eu acho que não. Sabe? Eu acho que quem quer trabalhar, tem muito espaço na Igreja, não precisa, necessariamente, ser pastora ou ser presbítera. Né? (Joana)

É bastante complexo tentar compreender essa ambivalência nos diferentes discursos das mulheres. Alguns parecem não concordar com a estrutura hierárquica na igreja entre homens e mulheres. Outros parecem legitimar essa dominância masculina, como vemos na fala de Joana. Talvez as palavras de Bourdieu (1996, p.168) possam nos ajudar a compreender essa ambivalência:

Os atos simbólicos sempre supõem atos de conhecimento e de reconhecimento, atos cognitivos por parte daqueles que são seus

destinatários. Para que uma troca simbólica funcione, é preciso que ambas as partes tenham categorias de percepção e de avaliação idênticas. Isso vale também para os atos de dominação simbólica que, como vemos claramente no caso da dominação masculina, são exercidos com a cumplicidade objetiva dos dominados, na medida em que, para que tal forma de dominação se instaure, é preciso que o dominado aplique aos atos do dominante (e a todo seu ser) estruturas de percepção que sejam as mesmas que as que o dominante utiliza para produzir tais atos.

É interessante perceber que mulheres, cujos maridos ocupam um cargo de liderança, auxiliam-no a manter seu *status* dentro da hierarquia masculina e, ao mesmo tempo, exercem um papel tradicionalmente desempenhado pelos homens.

O Carlos é diácono e eu sou diaconisa com ele; eu estou (é enfática) com ele. Porque, dia de Santa Ceia quem prepara tudo, vai lá, põe, corta pão, tudo sou eu! Ele só vai lá, leva e cobre. Você entendeu? Ele foi presbítero, ele era secretário do conselho, trazia as atas aqui, quem ajudava ele passar tudo as atas, quem era? Eu! Então, isso daí é... é na organização da igreja, né?.(Inês)

Quando Inês diz que a diferenciação dos papéis de gênero é “na organização da igreja”, suponho que ela queira dizer que na verdade, mesmo, são as mulheres que lideram o funcionamento da igreja. O que posso perceber é que a mulher atua mais no privado, espaço com o qual ela é tradicionalmente identificada, e o homem “distribui” e apresenta publicamente o serviço da mulher feito nesse espaço privado.

Assim como no espaço doméstico, no espaço eclesiástico há ambigüidades que se mostram através de falas que oscilam entre uma interpretação tradicional da divisão sexual do trabalho na igreja e uma interpretação que usa elementos e informações do meio “secular” para explicá-la.

Antônio explica a divisão sexual do trabalho dentro da igreja, baseada na hierarquia entre homem e mulher, como sendo herança de uma sociedade patriarcal. Ele reconhece a influência de fatores históricos da sociedade laica na constituição eclesiástica:

(...) a gente vem de um sistema que é extremamente fechado nisso aí. A própria constituição das igrejas neotestamentárias por terem vindo de uma sociedade é... patriarcalista exacerbada, não é, então a estruturação neotestamentária coloca o homem sendo pastor, sendo bispo, não é, sendo diácono - embora haja uma abertura pra um aspecto do diácono - e... e conseqüentemente isso vem de lá pra cá, não é? Agora... isso pode mudar? Isso pode mudar e eu acho que vai mudar; eu acho que vai mudar. Nós vamos ter, mesmo no nosso arraial, diaconisas, não é, vamos chegar ao ponto de termos presbíteras, se for o caso, e eu acho que vamos chegar até ao ponto de termos pastoras, né? (Antônio)

Por outro lado, Antônio diz que, por ter uma “formação presbiteriana extremamente arraigada”, é ainda preconceituoso quanto à possibilidade de mulheres serem presbíteras e pastoras. E explica esse preconceito de acordo com os moldes bíblicos:

(...) quando eu olho, por exemplo, pra diaconisa eu vejo uma... uma... uma luz bíblica pra ação dela como diaconisa, né? Mas eu não vejo uma luz pra presbítera e pra uma pastora. Por isso que eu te digo que isso também é... isso é uma influência que eu trago daquela comunidade em que eu vivia anteriormente que é, quer queira quer não, é preconceituosa também, não é? Porque... as mulheres exercendo as suas funções, seus trabalhos com tão ou qual dignidade quanto os homens, só que eu ainda não consegui me desvencilhar do aspecto histórico. (Antônio)

A fala de Sérgio, mostrando essa ambigüidade, é ainda mais contraditória porque mostra o desejo em implantar na igreja alguns modelos do mundo moderno ao mesmo tempo que reconhece a hierarquia de gênero na igreja como algo instituído pelos preceitos divinos.

a Palavra de Deus coloca que... não existe pastora, existe pastor e também não existe presbíteras e sim presbíteros. Agora, diaconisa existe. É só as mulher se levantarem e se prontificarem, sabe? (Sérgio)

Nesta segunda fala, Sérgio discorre sobre a posição da mulher no mundo moderno e parece reivindicar essa mesma posição para o espaço eclesiástico presbiteriano, mostrando que há casos no meio religioso de mulheres que obtiveram sucesso através de cargos de liderança tradicionalmente masculinos:

É... deveria se dar abertura pras mulheres (para serem presbíteras, pastoras e diaconisas), porque... é que nem eu falei no começo: “pôxa vida, se.. se existem grandes líderes, grandes mulheres no nosso meio secular que as pessoas, é... administram empresas, são grandes gerentes, grandes... é... Tem uma pastora em Limeira que é da...Igreja do Evangelho Quadrangular; ela é uma tremenda de uma pastora. A igreja dela não é uma Igreja, é uma catedral. Então, o Espírito Santo de Deus, ele não escolhe sexo, escolhe a pessoa, desde que a pessoa esteja a fim, esteja disposta. (Sérgio)

Interessante notarmos que o cargo oficial de diácono é, para os presbiterianos, visto como um cargo que pode ser estendido às mulheres também. Talvez, porque os diáconos exerçam atividades muito semelhantes às que a mulher exerce no espaço doméstico. Eles cuidam da composição da cesta básica, da distribuição de alimentos e roupas a pessoas carentes, são responsáveis pela manutenção material do templo e pelo cuidado com todos os objetos que fazem parte dele; eles são encarregados de preparar os elementos (pão e vinho) da Santa Ceia.

Olha, de diácono, de diaconisa, eu acho que, praticamente, as mulheres já até fazem esse papel, sem levar o título, né? Porque a mulher tem outro papel na igreja, né, que é de auxiliadora, da parte social. Com isso ela acaba ajudando os diáconos e ela tá exercendo o papel de diaconisa, né?. (Maria)

Apesar de as mulheres se mostrarem satisfeitas com o trabalho que exercem na igreja, elas denunciam uma certa desvalorização do trabalho feminino no espaço eclesial. Maria diz o seguinte sobre isso:

(...) Embora seja uma igreja, né, o nome de Deus é elevado e tal, há uma discriminação da mulher ainda. A sociedade inteira discrimina a mulher, por mais que ela lute, ela ainda é discriminada. (...) Por exemplo, a gente sai pra fazer um trabalho, determinado trabalho social, uma visita, o pessoal brinca que as mulheres só se reúne pra festa, que as mulheres ficam fazendo fofoca, que as mulheres têm tempo... Ninguém procura ver o que o que a gente está fazendo. (...) às vezes, tem muitas pessoas dentro da igreja que pensam que as mulheres não têm o que fazer. Por isso ficam levando cesta, levando ceia pros enfermo, fazendo visita pros doente, porque elas não têm o que fazer em casa. É uma discriminação! (Maria)

Maria atribui a discriminação ao trabalho da mulher na igreja como sendo algo que vem da sociedade laica e critica a igreja por também ter esse valor vigorando no seu meio. Olhando meu diário de campo, nas anotações feitas a partir da observação de um culto especial pelo Dia Internacional da Mulher, realizado por SAFs de várias igrejas, também encontrei alusão a essa idéia de que as mulheres são discriminadas quanto ao seu serviço na igreja. A preletora disse o seguinte:

Muita gente, até moços seminaristas, pensa que o trabalho da SAF é fazer chazinho, comprar terninho para pastor, roupinha para criança pobre. Mas não é esse o trabalho da SAF.

O que me parece é que a desvalorização do trabalho da mulher no espaço eclesiástico está intimamente relacionada à desvalorização do trabalho feminino no espaço doméstico. Portanto, as mulheres tentam mostrar que sabem e podem realizar tarefas diferenciadas daquelas que realizam no espaço privado do lar.

Atrelada a essa desvalorização do trabalho feminino na igreja, algumas mulheres explicam a hierarquia eclesiástica, com a dominância masculina, como sendo algo advindo do machismo da sociedade inclusiva.

(...) a Bíblia é muito assim... interpretada de acordo com a necessidade pessoal, né? Então, se o grupo é machista, segue a linha machista. (...) um caso concreto, por exemplo, a líder dos adolescentes é uma mulher, mas o rótulo ficou pro marido, que é um homem, que é um presbítero, essas coisa. Bem visível. (Marilene)

A fala de Marilene mostra, de certo modo, a “encenação” a que me referi no início desta análise. Os homens “encenam” essa hierarquia, e, na verdade, as mulheres também o fazem. Mas no plano da prática real, as mulheres assumem a liderança na igreja e parecem não se importar com o fato de que é o homem quem fica com o “rótulo”.

João nos mostra outro aspecto interessante relacionado às relações de gênero hierarquizadas na igreja.

Biblicamente, você encontra é... respaldo pra você acreditar que haviam diaconisas e pastoras. Hoje em dia, você não vê tanto isso. Não sei se é porque... a igreja tem medo... que as mulheres exerçam também. (...) Não sei. Historicamente aquele negócio de, de, de machismo, né? (pausa curta) Do homem... achar que, aquele negócio de submissão, né? Que o homem é que sempre manda e a mulher sempre fala... vai cumprir as ordens, né? (...) Mas eu creio que a... que esse papel do homem e da mulher deviam ser trabalhado mais em conjunto, um ajudando o outro, não brigando tanto. (...) acho que isso seria uma contribuição muito grande... pra igreja, e que a gente perde

muitas vezes por causa desse... vamos colocar assim, desse machismo, que a igreja... coloca, e tem medo. (João)

João fala em um “medo” que a igreja teria ao permitir o acesso das mulheres a cargos exclusivos dos homens. Ele vincula esse “medo” à questão do machismo, levantada na fala de Marilene, que faria parte, como um valor, do grupo presbiteriano em questão. Suponho que esse “medo”, que João não soube explicar tão claramente, esteja relacionado ao fato de que a igreja teme mudanças que questionem os valores tradicionais que dão sentido à estrutura eclesial e aos presbiterianos que dela fazem parte. O acesso de mulheres a cargos masculinos faria ruir padrões de relações de gênero não só no meio religioso, mas também no espaço doméstico. O “medo” do novo é o “medo” da instauração da dúvida e da instabilidade de uma ordem estabelecida que concede, aos que dela participam, padrões morais e modelos de relacionamento. Mas o “medo” também está ligado ao conceito de perigo. As mulheres, nesse sentido, representam esse perigo à instituição, ao mesmo tempo que são necessárias a ela. A atribuição de “perigo” à ascensão da mulher a cargos oficiais e masculinos na igreja, faz com que me venha à memória as palavras de Douglas (1966, p.55): *Atribuir perigo é uma maneira de se colocar um assunto acima da discussão. Também ajuda a reforçar a conformidade...*

Concluo esta análise tentando mostrar a relação intensa que as mulheres presbiterianas têm com a religião, apesar da dominância masculina na igreja.

No culto realizado pelas SAFs no Dia Internacional da Mulher, foi enfatizado o tratamento que Jesus Cristo deu à mulher. Ele a tratou sem preconceitos, que eram fortes na sociedade da época, e chamou mulheres para participarem de seu ministério. Pude perceber que, enquanto uma das mulheres falava sobre essa questão, as mulheres que ouviam pareciam emocionadas. Na verdade, pensei no fato de que um homem, Jesus Cristo, é, para as presbiterianas, o resgatador da imagem da mulher, porque postulava a igualdade, e também refleti sobre as implicações dessa representação nas relações de gênero. Talvez por isso, as mulheres sintam-se tão honradas em serem “auxiliadoras” na igreja, como as mulheres na época de Jesus o foram para ele. Mas uma mulher, entre as presbiterianas, também resgata o

valor da mulher. Suponho que essa representação seja forte para as presbiterianas e explique porque elas encontram, numa igreja com dominância masculina, um espaço que é delas também. A preleitora do culto acima mencionado diz o seguinte:

Nós podemos dizer que a macheza do homem ficou fora da redenção. Nós podemos falar que temos uma representante no plano de redenção que é Maria. Não a veneramos, mas a amamos e ela é exemplo para todos. Os homens não têm representante; Jesus não teve pai aqui na terra.

8- O espaço da não-regra

“É da natureza de uma regra moral ser geral e sua aplicação a um contexto particular deve ser incerta.” Douglas (1966, p.160)

Assim como as mulheres encontram “espaços alternativos” na igreja para poderem se expressar e exercer influência, podemos pensar também na idéia de que há “margens” no sistema religioso presbiteriano que demonstram a impossibilidade do estabelecimento de regras e normas de comportamento que abranjam todas as possíveis situações, circunstâncias, escolhas e atitudes dos indivíduos. Talvez aqui possamos vislumbrar os limites da instituição religiosa no que se refere a sua intervenção na conduta familiar. A fala de Francisco é interessante nesse sentido:

(...) no meu ponto de vista... uma gravidez antes do casamento é a única coisa que eu preocupo é com a ... no meu caso, que eu tenho filha... né?, é pela... o que vai acontecer... as consequência que aquilo vai acarretar na vida dela. Só por isso, porque se for pela Igreja que condena, isso ai pra mim não... não vai refletir em nada, tô... Eu só vejo a coisa do lado dela. (...) tem muitas Igreja que condena, né? Pelo... que a gente ouve sim, né?, condena. Mas eu não preocupo com o que a Igreja pensa, eu preocupo com o que eu penso, né? E a ... a família é minha, né? Na... no meu pensamento, eu penso mais... na gravidez, assim, é uma coisa ruim... pra pessoa, pra moça. Não pra sociedade, nem pra Igreja, porque a Igreja não vai... nem atrapalhar, nem ajudar... (Francisco)

Poderíamos chamar essas “margens” como o espaço da não-regra que tende a aparecer como uma saída para que os indivíduos interpretem o “novo” e vivam num mundo em constantes transformações. É nesse espaço que os indivíduos

podem reinterpretar as Escrituras, reelaborar as regras da estrutura eclesiástica, possibilitando a eles ordenarem, de forma criativa e seletiva, a convivência de velhos e novos padrões de conduta e organização familiar. Os imutáveis divinos recebem um novo olhar e são repensados, sem que sejam abandonados, num contexto que exige maior flexibilidade em relação aos padrões outrora estabelecidos bem como uma relativização dos valores diante das rápidas transformações por que passa a sociedade. Os desdobramentos dessa reelaboração são vivenciados tanto no plano da estrutura eclesiástica quanto no interior da família e é exatamente nessa reelaboração, que inclui uma articulação, que se mostra de maneira tão marcante a ambigüidade. Antes de pensarmos essa questão de forma mais específica, é importante percebermos que as regras, construídas com base numa doutrina eclesiástica, não têm um valor axiomático para os presbiterianos em questão. Muitas dessas regras são confrontadas com conteúdos bíblicos e são questionadas quanto a sua validade, já que hierarquicamente os absolutos bíblicos devem prevalecer em relação a qualquer doutrina considerada não divina.

É o que eu sempre coloco isso pros meus colegas, né?, religião não leva nada a ninguém, o que leva é Jesus Cristo, ele sim, é o caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai senão por ele. Então, a Palavra de Deus é regra de fé e prática pra minha vida. (Sérgio)

A idéia acima implicaria uma maior liberdade quanto ao trânsito dos indivíduos no “mundo”, sem que fossem contaminados por valores que acreditam contrariar as leis divinas. O depoimento de José sobre interditos sexuais parece demonstrar que há um espaço para se pensar regras colocadas pela igreja em confronto com os preceitos bíblicos que possibilitaria uma reelaboração dos conceitos eclesiásticos em relação aos valores considerados, pela igreja, como “mundanos”.

Tem o que eles falam, hoje aí, de sexo anal, sexo oral, essas coisas. Muita gente tem tabu contra isso, né? Fala que não pode, se acontecer... como já ouvimos palestras na igreja de pessoas

condenando isso. (...) eu nunca encontrei nada na Bíblia a respeito disso. (José)

O depoimento de João também vai nessa direção e aponta para esse espaço da não regra, ou seja, para um espaço que não exclui os princípios bíblicos, mas que viabiliza pensá-los numa perspectiva fundada numa concepção moderna de constituição familiar, em que há a valorização do indivíduo de forma que possa fazer “escolhas”.

Eu não creio que também na Bíblia... não passa assim: “esse aqui é um modelo que vocês vão tê que seguir”. Mas eu acho que ela dá, assim, fórmulas pra cada um descobrir a química, né? Que cada um pode tá desenvolvendo. Alguns padrões. Dentro desses padrões você tem a liberdade de caminhar alguma direção que você queira, né? Acho que daí você pode chegar talvez num, numa idéia de casamento perfeito, né? (...) A Bíblia acho que dá esses referenciais... né, pra você ter um... conseguir desenvolver um casamento perfeito dentro da sua perspectiva.(João)

Essa “liberdade”, a que se refere João, não significa uma autonomia dos indivíduos em escolher valores e “fórmulas” para viverem na esfera pública e privada. Os valores passados pela instituição, mesmo questionados, continuam a fazer parte do repertório simbólico desses indivíduos. Assim, o confronto com novos modelos pode criar uma situação de indeterminação ou indefinição, pois há deslocamentos no plano dos valores, outrora assimilados, que apontam uma situação de transição. Vemos esse espaço de indeterminação ou indefinição, entre os presbiterianos, no que tange aos papéis de gênero. Os seguintes depoimentos nos fazem acreditar na existência dessa situação nesse meio religioso:

Eu acho o seguinte... é... a pessoa ser o cabeça da família.... Eu não sei, eu acho que por... por herança, eu não sei, eu acho que o homem tem que ser o cabeça da família. É... talvez por... por herança de pai, de mãe... (...)Então, eu acho que o cabeça... eu... eu acredito

que tem que ser o homem, sabe?, sem machismo não. Mas é... é difícil também, porque a mulher, também ela é capaz... de levar um lar. Mas o homem é... pela... não sei, talvez pela força bruta, não sei, pelo... pelo linguagem... pelo vocabulário do homem, não sei, eu acredito que... que é mais direcionado... não sei, pode ser que eu... eu tenho dúvidas também quanto a isso, sabe?. Eu tenho muitas dúvidas quanto a isso.
(Sérgio)

(...) Não sei... Esses dias nós estávamos até falando sobre isso, eu e o João; nós não sabemos quem é o cabeça aqui de casa. (...) Nem sei... nós somos o cabeça. Pode ser duas? (Marilene)

Apesar dessa indefinição de papéis de gênero que demonstra uma certa assimilação de alguns novos valores provenientes das transformações ocorridas na organização familiar no meio secular, entre os presbiterianos parece-nos predominar o modelo tradicional de família, como pudemos ver na análise das relações de gênero no espaço doméstico. Goldenberg (1991, p. 42) analisa essas mudanças do ponto de vista de Evans-Pritchard e diz o seguinte: *Para ele (Evans-Pritchard), a relação entre os sexos pode, então, se modificar pelas mudanças sociais mas não pode ser alterada radicalmente por essas mudanças.* A esposa, então, tem ainda uma forte posição de administradora da casa e sua figura está relacionada diretamente ao espaço privado. O marido deve desempenhar seu papel de provedor, reafirmando, assim, sua estreita ligação com o espaço público.

O depoimento de Márcia demonstra o perfil do espaço feminino que ainda parece predominar entre os presbiterianos:

(...) no meu emprego é uma tragédia, meu patrão, o governador Covas é uma encrenca, não me valoriza de jeito nenhum. Mas o meu marido me valoriza na cama, me valoriza como dona de casa, me valoriza como... como quituteira, me valoriza como lavadeira de roupa... Ele pega a minha roupa, cheira e fala: “Esposa, que cheiro mais gostoso.” Ele pega as minhas pinturas e fala: “que coisa mais

linda, que bárbaro.” Me beija e me agrada... Na cama, então... antes sexo, após sexo, se tá ou não tá gostoso ele fala, se tá bom, foi dez, maravilhoso... entendeu?(Márcia)

A figura do homem como protetor da família e autoridade do lar fica evidenciada no depoimento de Marilene:

Esses dias a Laura (filha) falou assim, com esse negócio do João tá fora, ela falou assim: “Jonas (irmão de Laura), você já viu se as portas estão fechadas?” Eu falei: “eu já vi, Laura.” Ai ele falou assim: “por que que tem que ser eu que vou ver a porta?” Ela falou assim: “porque você é homem.” (risadas) (...) Ai... eu falei assim: “mas por que que tem que ser ele?” Ela falou assim: “porque ele é o homem dessa casa.” Eu falei: “e eu, o que que eu sou nessa casa?” Ela falou assim: “mãe, o meu pai viajou; agora o único homem que tem aqui é ele, então o Jonas que cuida daqui.” Eu falei: “eu sou o quê, um enfeite?” Ela falou assim: “não, você é mãe.”(...) ultimamente eu ando pensando nisso, assim, é um dos meus questionamentos: “por que que essa figura é tão assim, só porque tem pênis?” (risadas) E... eu não sei, deve ter algum mistério. (risadas)(...) Então, tem um papel, não tem como negar. É uma figura forte.... muito importante, assim. (Marilene)

O espaço masculino tradicional e o papel de provedor do marido, que continuam a ser reconhecidos pelos presbiterianos, apesar das mudanças, são reforçados no depoimento de Márcia:

Houve um erro no meu pagamento, estou sem salário até agora. Mas eu tenho um marido que nem todo mundo não tem. (...) Então, eu tô tranqüila, a geladeira tá cheia, farta de comida, cai comida pra fora, né? Eu tô em paz, meu marido chega daqui a pouco, minha filha tá fazendo lição... (Márcia)

Esse espaço da não regra, portanto, é um espaço que guarda também suas limitações e por mais que os presbiterianos tentem desvincular de seu cotidiano algumas normas e regras tradicionais dadas pela religião em relação à organização familiar, eles acabam por reencontrá-las também na sociedade secular que, apesar das transformações pelas quais têm passado, ainda conserva a importância de um modelo tradicional de família. A resistência ao “novo” não se dá somente no meio religioso. A sociedade inclusiva também mostra sua face conservadora em relação à organização familiar. Podemos nos lembrar, inclusive, que alguns traços de tradicionalismo, como o machismo, que subsistem na sociedade brasileira são, no discurso, severamente criticados pelos presbiterianos.

Há um outro aspecto que eu gostaria de abordar aqui. Embora o espaço da não regra possibilite uma reinterpretação pelos presbiterianos dos valores e preceitos religiosos e dos valores da sociedade secular, eles parecem temer a desestruturação da família ao assimilarem algumas formas alternativas de organização familiar. O medo do contágio por novos e “profanos” valores da sociedade secular leva à idéia de que essas formas alternativas levariam ao fim da família. Essa visão apocalíptica da família pode ser vista na fala do pastor, em um sermão feito num culto na igreja:

Nesses dias, principalmente, amados, dias em que a estrutura familiar tem sido abalada., tem sido sacolejada, em alguns momentos preconiza-se até o fim desse aspecto de família. O pensamento que vai cada vez mais ganhando forma e se estruturando nessa sociedade hodierna, nós estamos percebendo que a família vai perdendo gradativamente o seu espaço, vai deixando de ser família. E nós, como igreja, não podemos embarcar nessa onda que aí está. Essa onda, ela é maléfica e ela é terrível. Temos que voltarmos para a palavra, somente para a palavra e vivermos intensamente o seu conteúdo dessa palavra.
(pastor da igreja)

De fato, o espaço da não regra não se encontra tão à margem das orientações religiosas. Ele se encontra dentro delas em suas orientações mais gerais. Geertz (1978, p.141) tem razão em dizer que

(...) As disposições e motivações que uma orientação religiosa produz lançam uma luz derivativa, lunar, sobre os aspectos sólidos da vida secular de um povo.

FONTE

As palavras não dizem tudo,
Mesmo que o tudo seja fácil de dizer,
Com certeza, fala bem melhor o mudo
Se sua atitude manifesta o que crê.

Compromisso, sumiço, omisso
Ou faz o que fala ou se cala de uma vez
Que não venha sobre si justo juízo
Pois terrível cousa é cair nas mãos do Rei.

Mesma língua que abençoa, amaldiçoa
Mesma língua canta um hino e traz divisão
Não pode da mesma fonte o doce e o amargo
Se Cristo habita de fato no coração.

(Música cantada pelo Coral Jovem da Igreja Presbiteriana de Ribeirão Preto)

V – Considerações Finais

Não é nada fácil tentar concluir algo que nos parece “inconcluível”. Na verdade, gostaria de fazê-lo levantando questões relacionadas a toda a análise realizada, não como uma conclusão, mas como uma complementação que oferece a possibilidade de pensar em outras tantas questões.

Uma dessas questões que me trazia, de certa forma, desconforto foi a de que entre os presbiterianos havia uma dupla moralidade no que se refere à dissociação entre prática e princípios religiosos em algumas situações. Essa questão me vinha à cabeça por dois motivos principais. O primeiro é o de que nos sermões pastorais, na maioria deles, a tônica era sempre uma exortação aos fiéis no sentido de que deve haver coerência entre o que se professa e o que se faz no cotidiano. O segundo motivo diz respeito ao fato de que conheço, o que me é possível pela minha condição de participante do grupo religioso em questão, e também pude observar no processo da pesquisa alguns casos na igreja que realmente me fazem acreditar nessa dissociação. Vou usar dois casos para exemplificar o que estou dizendo. Um deles refere-se às violentas brigas de um casal da igreja. Eles se agredem verbalmente de uma maneira assustadora. Curiosamente, esse casal é extremamente participativo na igreja. Eles são considerados pela comunidade presbiteriana como um casal que exerce certa liderança. O outro caso é o de um senhor da igreja, bastante conhecido por todos porque conhece a Bíblia “de cabo a rabo” e comprova isso quando são feitas gincanas bíblicas. Esse senhor, explicitamente, demonstra sua infidelidade para com a esposa. Ele se mostra, publicamente, interessado por uma mulher da comunidade religiosa. A esposa “vive” chorando pelos cantos da igreja.

A dissociação entre o discurso religioso e a prática é uma crise que marca a relação entre a instituição, enquanto responsável pela disseminação e confirmação dos princípios religiosos, e seus adeptos.

Se podemos ver que os presbiterianos não rejeitam completamente as mudanças ocorridas no mundo moderno e, talvez, por isso eles

vivenciam um espaço de tensão ao terem que selecionar elementos inovadores que não contrariem o sistema de valores religiosos que adotaram, ao mesmo tempo em que se deparam com situações inéditas para as quais não encontram regras e/ou preceitos considerados divinos que especifiquem a conduta em determinadas circunstâncias, acredito que há uma crise ainda maior no plano interno referente aos valores de uma dupla moralidade instaurada nessa comunidade evangélica. Mas é preciso que se diga que há, entre os presbiterianos que dissociam princípios religiosos da práxis, os que se interessam e se esforçam por vivenciar os ideais propostos por esses princípios religiosos. E, como disse o pastor da igreja: *viver a vida cristã não é nada fácil... o evangelho atinge a todos, mas viver o evangelho não é para qualquer um.*

Talvez possamos entender essa dissociação dos princípios religiosos da prática, que parece ser um problema que a instituição tenta corrigir, através das palavras de Douglas (1966, p.198):

Toda vez que um rígido modelo de pureza é imposto em nossas vidas, ou ele é muito desconfortável ou, se rigidamente seguido, conduz à contradição ou à hipocrisia. Aquilo que é negado não é, todavia, removido.

Suponho que o desconforto, em alguns casos, e a contradição, e até mesmo a hipocrisia, em outros, estejam presentes no seio da comunidade presbiteriana.

Ao mesmo tempo em que os presbiterianos parecem manter preferencialmente os princípios religiosos na dimensão simbólica, reduzindo-lhes os sentidos em algumas situações práticas, eles necessitam legitimar a instituição religiosa a fim de encontrarem referenciais para que possam contruir sua identidade. A contínua construção da identidade evangélica feita pelos presbiterianos, que possuem também uma identidade de gênero reelaborada e submetida à experiência religiosa, se dá em meio a uma trama social que envolve tensões, mudanças, tradições, inovações, indeterminações, poder, absolutos, relativos e sobretudo ambigüidades. É nesse meio, no das relações sociais, onde estão presentes o dinamismo, o conflito e a crise que a identidade é criada e recriada continuamente e, mais que isso, ela é reafirmada no seu

sentido mais forte de pertencimento ao grupo. Poderíamos, então, pensar que a alteridade dos presbiterianos parece ser reduplicada. É nesse espaço do conflito que podemos ver o “outro”, o não-evangélico e mais precisamente o não-presbiteriano, de alguma forma presente e do “outro”, presbiteriano mas diferente (homem, mulher, conservador ou não, etc.), em plena relação de hierarquia e num intenso processo de construção de identidade. Mas é sobre a ambigüidade, presente nesse construto da identidade dos presbiterianos, que gostaria de refletir um pouco mais. Ela está presente no espaço público e no privado desses evangélicos. E, como tentei demonstrar, ela ocorre em função de um esforço de adequação e articulação entre os preceitos religiosos e os novos valores que surgem na sociedade inclusiva. No entanto, há uma outra forma de pensá-la, num outro ângulo, que suponho fazer parte da identidade dos presbiterianos. Muitos discursos me mostravam três situações distintas: a ilusão de que uma suposta igualdade entre homens e mulheres era algo real, o encontro com um cotidiano que se mostrava avesso a essa ilusão e um desejo intenso em vivenciar os ideais religiosos. A mistura desses três “tempos”, uma mistura que se dá no dinamismo, parece ser a marca registrada da comunidade presbiteriana. Essa mistura reveste-se, suponho, ora de um tradicionalismo explícito, ora de um tom de modernidade. Mas é no momento ritual, que se dá no interior da igreja, que essas ambigüidades parecem não existir.

Já pude falar um pouco sobre o casamento como um ritual. Gostaria, agora de falar sobre um outro ritual de suma importância entre os presbiterianos: a Santa Ceia. Esse ritual evoca a memória do sacrifício, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Nesse processo ritual, no entanto, podemos ver como são superadas as ambigüidades através do estabelecimento de um tradicionalismo que parece banir qualquer elemento que nele não se enquadre. Em torno da mesa, onde são colocados pequenos pedaços de pão e minúsculos cálices de suco de uva (ao invés do tradicional vinho) que representam, respectivamente, o corpo e o sangue de Jesus Cristo, reúnem-se o pastor e os presbíteros. Encarregados da preparação dessa mesa são os diáconos. É um ritual do qual participam todos os membros da igreja, mas que demonstra a dominância masculina na mesma. É uma dominância que obedece a uma hierarquia masculina também. O pastor tem o dever e o direito à palavra. Somente ele.

Os presbíteros distribuem os elementos da Santa Ceia, preparados pelos diáconos, à congregação. A Santa Ceia é um momento solene. Uma solenidade que parece eliminar os questionamentos. Tudo acontece como sempre aconteceu. Os homens e as mulheres continuam a ocupar o lugar tradicional que lhes coube ao longo dos tempos. Não há mudanças. Nem tampouco ambigüidades.

Talvez aí resida a riqueza da organização social entre os presbiterianos. Acredito que Mead (1988, p.298), ao falar sobre a importância das diferenças entre os sexos para a elaboração social, possa expressar o que quero dizer sobre essa “riqueza”, essa complexidade com que pude me defrontar ao tentar interpretar esse grupo religioso:

Assim como uma ocasião festiva é tanto mais alegre e encantadora se os dois sexos estiverem vestidos diversamente, o mesmo acontece nos assuntos menos materiais. Se a indumentária é em si um símbolo, e o xale de uma mulher corresponde a uma reconhecida suavidade em seu caráter, toda a trama de relações pessoais torna-se mais elaborada e, de muitos modos, mais compensadora.

Essa, possivelmente, seja uma resposta às minhas indagações iniciais sobre porque, apesar das mudanças rápidas e constantes do mundo moderno, esses evangélicos continuavam a manter cheios os bancos do templo presbiteriano e a praticar vividamente os rituais do passado. Não poderia deixar de acrescentar um “bate-papo” que tive com uma criança, na igreja. Perguntei-lhe o que ele ia ser quando crescer (aquela velha pergunta). Ele me respondeu que ia ser presbítero. Suspeito que esses rituais do passado continuem a fazer parte da vida desses presbiterianos por algumas gerações, ainda. Talvez com algumas inovações que não firam essas tradições. Mas isso é somente uma suspeita.

Bibliografia

- ARAÚJO, V. B. – 1995 – “‘Macumbeiras’ e ‘Crentes’: as mulheres vêem os homens”
In *Revista Horizontes Antropológicos* – Gênero, Porto Alegre, RS: UFRGS, Ano I,
n.1. p. 131-140
- ARIÈS, P. & BÉJIN, A. (orgs.) – 1987 – *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Ed.
Brasiliense.
- BASTIDE, R. – 1979 – “Antropologia Aplicada e Psicologia Social” In *Antropologia
Aplicada*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- BENEDICT, R. – 1965 – “Continuidades e Descontinuidades no condicionamento
cultural”, In KLUCKHOHN, C. et alii *Personalidade na natureza, na sociedade e
na cultura*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- BERGER, B. & BERGER, P. L. – 1976 – “Socialização: como ser um membro da
sociedade” In FORACCHI, M. M. & MARTINS, J. de S. (org) *Sociologia e
Sociedade*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos.
- BERGER, P. L. – 1985 – *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica
da religião*. São Paulo: Paulus.
- BILAC, E. D. – 1995 – “Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil.
Notas muito preliminares” In RIBEIRO, I. & RIBEIRO, A. C. T. (org.) *Família em
processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São
Paulo: Loyola.
- BITTENCOURT FILHO, J. – 1994 – “Remédio Amargo” In ANTONIAZZI, A. et alii
(orgs.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*.
Petrópolis, RJ: Vozes.
- BOHANNAN, P. – 1990 – “O ‘progresso’ da Antropologia” In GUIMARÃES, A. Z.
(org). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- BOTTÉRO, J. – 1998 – “Adão e Eva: o primeiro casal” In DUBY, Georges (org.)
Amor e Sexualidade no Ocidente. Lisboa: Terramar.

- BOURDIEU, P. – 1996 – “A Economia dos Bens Simbólicos” In *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus.
- _____ – 1996 – “Um Fundamento Paradoxal da Moral” In *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus.
- BRIOSCHI, L. R. & TRIGO, M. H. B. – 1987 – “Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas.” In *Ciência e Cultura* 39, n.7, p. 631-637.
- BROWN, P – 1988 – “De apóstolo a apologista: ordem sexual e renúncia sexual na igreja primitiva” In *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- _____ – 1988 – “‘Uma fraternidade e sororidade promíscuas’: o homem e a mulher nas igrejas primitivas” In *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- BURGUIÉRE, A. – 1998 – “A Formação do Casal” In BURGUIÉRE, A., KLAPISCH-ZUBER, C., SEGALEN, M. e ZONABEND, F. (orgs). *História da Família – o choque das modernidades: Ásia, África, América, Europa*. – 3º volume. Lisboa: Terramar.
- CARDOSO de OLIVEIRA, R. – 1976 – “Identidade Étnica, identificação e manipulação” In *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira.
- CARVALHO, J. J. de – 1987 – “O jogo das bolinhas – uma simbólica da masculinidade” In *Anuário Antropológico*. Brasília/Rio de Janeiro: Ed. UnB/Tempo Brasileiro, p. 191-222.
- CARVALHO, M. P. de – 1998 – “Gênero e trabalho docente: em busca de um referencial teórico” In BRUSCHINI, C. & BUARQUE DE HOLLANDA, H. (orgs). *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Ed. 34: FCC.
- CARVALHO da SILVA, R. – 1998 – “A Falsa dicotomia Qualitativo-Quantitativo: Paradigmas que informam nossas Práticas de Pesquisa” In ROMANELLI, G. & BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (orgs.) *Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa*. Ribeirão Preto, SP: Legis Summa.

- CATONNÉ, J-P. – 1994 – *A sexualidade, ontem e hoje*. (Coleção Questões da Nossa Época, Vol. 40) São Paulo: Cortez.
- CHODOROW, N. – 1979 – “Estrutura familiar e personalidade feminina” In ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (orgs.). *A Mulher, a Cultura, a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CICOUREL, A. – 1990 – “Teoria e Método em Pesquisa de Campo” In GUIMARÃES, A. Z. (org). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- CLASTRES, P. – 1978 – “O dever de palavra” In *A Sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- COSTA, J. F. – 1998 – “Introdução” In *Sem Fraude nem Favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____ — 1998 – “Sexo e Amor em Santo Agostinho” In *Sem Fraude nem Favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DOUGLAS, M. – 1976 – *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- _____ – 1998 – *Como as Instituições Pensam*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- DUARTE, L. F. D. – 1986 – “Classificação e valor na reflexão sobre identidade social” In CARDOSO, R. C. L. (org.) *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ – 1986 – “A Construção Social da Pessoa Moderna” In *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/CNPq.
- DUMONT, L. – 1985 – *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____ – 1992 – “A modified view of our origins: the Christian beginnings of modern individualism” In CARRITHERS, M., COLLINS, S. & LUKES, S., *The*

Category of the Person – Anthropology, Philosophy, History. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DURAND, G. – 1995 – *Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70.

_____ – 1997 – *Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes.

DURHAM, E. R. – 1978 – “Sexo: Natureza e Cultura” In *A Reconstituição da Realidade (um estudo sobre a obra etnográfica de B. Malinowski)*. São Paulo: Editora Ática.

_____ – 1983 – “Família e reprodução familiar” In DURHAM, E. R. et alii. *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ – 1986 – “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas” In CARDOSO, R. C. L. (org.) *A Aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DURKHEIM, E. – 1970 – “Representações Individuais e Representações Coletivas” In *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense.

_____ – 1979 – *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ática

EVANS-PRITCHARD, E. E. – 1978 – *Antropologia Social da Religião*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.

FIGUEIRA, S. A. – 1985 – “Modernização da Família e Desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil” In FIGUEIRA, S. A. (org.) *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

FIRTH, R. – 1974 – “O significado da antropologia social” In *Elementos da Organização Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____ – 1998a – “Os assuntos domésticos e a família” In *Nós, os Tikopias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____ – 1998b – “Cooperação e reserva nas relações matrimoniais” In *Nós, os Tikopias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

- _____ – 1998c – “A sociologia do sexo” In *Nós, os Tikopias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FLANDRIN, J-L. – 1988 – “A doutrina cristã do casamento” In *O Sexo e o Ocidente – Evolução das Atitudes e dos Comportamentos*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____ – 1988 – “Contracepção, casamento e relações amorosas no Ocidente cristão” In *O Sexo e o Ocidente – Evolução das Atitudes e dos Comportamentos*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- FOOTE-WHYTE, W. – 1990 – “Treinando a observação participante” In GUIMARÃES, A. Z. (org). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- FOUCAULT, M. – 1990 – *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. Graal.
- FRESTON, P. – 1996 – “As Igrejas Protestantes nas Eleições Gerais Brasileiras de 1994”, In *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro: CER/ISER, v.17, n.1-2, p. 160-188.
- GARCIA, S. M. – 1998 – “Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero” In ARRILHA, M., RIDENTI, S. G. U. e MEDRADO, B. (orgs.) *Homens e masculinidade: outras palavras*. São Paulo: ECOS.
- GEERTZ, C. – 1978 – *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ – 1997 – *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GIDDENS, A. – 1993 – *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- GIFFIN, K. – 1994 – “Esfera de Reprodução em uma Visão Masculina: Considerações sobre a Articulação da Produção e da Reprodução, de Classe e de Gênero” In *Physis – Revista de saúde coletiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, vol. 4, n. 1, p. 23-40.

- GLUCKMAN, M. – 1990 – “O Material Etnográfico na Antropologia Social Inglesa”
In GUIMARÃES, A. Z. (org). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro:
Francisco Alves Editora
- _____ – s/d – “Rituais de Rebelião no Sudeste da África” In *Textos de
Aula* (Antropologia 4) – Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- GOLDENBERG, M. – 1991 – *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*.
Rio de Janeiro: Revan.
- GOLDSCHMIDT, E. M. R. – 1992 – “Virtude e Pecado: Sexualidade em São Paulo
Colonial” In COSTA, A. O. & BRUSCHINI, C. (orgs) in *Entre a Virtude e o
Pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- HEILBORN, M. L. – 1997 – “O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros
populares do Rio de Janeiro” In MADEIRA, F. R. (org.) *Quem Mandou Nascer
Mulher? – Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro:
Record/ Rosa dos Tempos.
- LAMPHERE, L. – 1979 – “Estratégias, Cooperação e Conflito entre as Mulheres em
Grupos Domésticos” In ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (orgs). *A Mulher, a
Cultura, a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LARAIA, R. de B. & MELO, M. Z. B. de – 1978 – “Chá de Panela: Análise de um
rito social” In *Anuário Antropológico*. Brasília: UnB, p. 140-155.
- LEACH, E. – 1965 – *Political System of Highland Burma*. London: Beacon Press.
- _____ – 1983a – “O gênese enquanto um mito” In DA MATTA, R. (org.) &
FERNANDES, F. (coord.) *Edmund Leach*. Grandes Cientistas Sociais – 38. São
Paulo: Ática.
- _____ – 1983b – “Nascimento virgem” In DA MATTA, R. (org.) &
FERNANDES, F. (coord.) *Edmund Leach*. Grandes Cientistas Sociais – 38. São
Paulo: Ática.
- _____ – 1983c – “Cabelo mágico” In DA MATTA, R. (org.) &
FERNANDES, F. (coord.) *Edmund Leach*. Grandes Cientistas Sociais – 38. São
Paulo: Ática.

- LEBRUN, F. – 1998 – “O sacerdote, o príncipe e a família” In BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, C., SEGALEN, M. e ZONABEND, F. (orgs). *História da Família – o choque das modernidades: Ásia, África, América, Europa.* – 3º volume. Lisboa: Terramar.
- Le GOFF, J. – 1998 – “A Rejeição do Prazer” In DUBY, G. (org.) *Amor e Sexualidade no Ocidente.* Lisboa: Terramar.
- LÉVI-STRAUSS, C. – 1966 – “A Família” In SHAPIRO, H. L. (Org.) *Homem, cultura e sociedade.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- _____ – 1967 – “A Eficácia Simbólica” In *Antropologia Estrutural.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____ – 1970 – “A Estrutura dos Mitos” In *Antropologia Estrutural.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____ – 1976a. – “A Ilusão Arcaica” In *As Estruturas Elementares do Parentesco.* Petrópolis: Vozes.
- _____ – 1976b. – “O Princípio da Reciprocidade” In *As Estruturas Elementares do Parentesco.* Petrópolis: Vozes.
- _____ – 1986. – *Olhar Distanciado.* Lisboa: Edições 70.
- MACEDO, C. C. – 1985 – *Imagem do Eterno: Religiões no Brasil.* São Paulo: Moderna.
- MACHADO, L. Z. – 1985 – “Família, Honra e Individualismo” In *Série Antropológica.* Brasília: Fundação UnB, n. 47, p.1-16.
- MACHADO, M. D. C. – 1995 – “Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos” In *Revista Estudos Feministas.* Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ – PPCIS/UERJ, Vol. 3, n 1, p.7-27.
- _____ – 1996 – *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar.* Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS.
- MALINOWSKI, B. – 1984 – “Introdução: ‘Objeto, Método e Alcance desta Pesquisa’” In *Argonautas do Pacífico Ocidental.* São Paulo: Abril Cultural.

- MALUF, M. & MOTT, M. L. – 1998 – “Recônditos do mundo feminino” In SEVCENKO, N. (org.). *História da Vida Privada no Brasil* – vol. III. São Paulo: Cia das Letras.
- MARIZ, C. L. & MACHADO, M. D. C. – 1997 – “Mulheres e prática religiosa nas camadas populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos” In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, v. 12, n. 34, p. 71-87.
- MATOS, M. I. S. de. – 1996 – “Repensando a história da igreja: gênero, uma possibilidade de análise” In QUEIROZ, J. J. (coord.) *Interfaces do Sagrado – em véspera de milênio*. – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP. São Paulo: Editora Olho d’Água.
- MEAD, M. – 1988 – *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MURARO, R. M. – 1996 – *Sexualidade da Mulher Brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. – 1985 – “Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos” In FIGUEIRA, S. (org.) *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- NUNES, M. J. F. R. – 1996 – “Mulheres e Catolicismo: uma questão de poder” In QUEIROZ, J. J. (coord.) *Interfaces do Sagrado – em véspera de milênio*. – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP. São Paulo: Editora Olho d’Água.
- OLIVEN, R. G. – 1985 – *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ORO, I. P. – 1996 – “O Fundamentalismo Histórico ou Fundante” In *O outro é o demônio - uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus.
- ORTNER, S. B. – 1979 – “Está a Mulher para o Homem Assim Como a Natureza para a Cultura?” In ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (orgs). *A Mulher, a Cultura, a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- ORTNER, S. B. & WHITEHEAD, H. – 1981 – “Introduction: Accounting for sexual meanings” In *The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. – 1953a – *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. Coleção Textos: 4.
- _____ – 1953b – “Histórias de vida e depoimentos pessoais” In *Sociologia*, vol. XV, n. 1. São Paulo.
- PIERUCCI, A. F. – 1996 – “Religião e Liberdade, Religiões e Liberdades” In PIERUCCI, A. F. & PRANDI, R. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- PITT-RIVERS, J. – 1977 – “The Moral Foundations of the family” In *The Fate of Schechem or the Politics of Sex*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PRANDI, R. – 1997 – *Um Sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP.
- PUPPIM, A. B. – 1994 – “Mulheres em cargos de comando” In BRUSCHINI, C. & SORJ, B. (orgs) *Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas.
- RABINOW, P. – 1986 – “Representations are social facts – modernity and post-modernity in anthropology” In CLIFFORD, J. & MARCUS, G. E. (org.) *Writing Culture – The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- ROLIM, F. C. – 1996 – “Sagrado e Profano em Durkheim” In *Dicotomias Religiosas: ensaios de sociologia da religião*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____ – 1996 – “Max Weber: natural e sobrenatural” In *Dicotomias Religiosas: ensaios de sociologia da religião*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- RAMALHO, J. P. – 1976 – “Protestantismo no Brasil” In *Prática Educativa e Sociedade: Um Estudo de Sociologia da Educação*. São Paulo: Zahar Editores.

- _____ – 1976 – “Os Colégios Protestantes” In *Prática Educativa e Sociedade: Um Estudo de Sociologia da Educação*. São Paulo: Zahar Editores.
- RANKE-HEINEMANN, U. . – 1996 – *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- RIBEIRO, I. – 1989 – “O Amor dos Cônjuges” In D’INCAO, M. A. e outros (orgs). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- ROMANELLI, G. – 1986 – *Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade*. São Paulo: tese de Doutorado, FFCLH/USP, Dep. de Ciências Sociais, (mimeo).
- _____ – 1991 – *Mudança e transição em famílias de camadas médias*. Travessia, v. 9, no. 4, jan./abr., p. 32-4.
- _____ – 1995 – “Autoridade e poder na família” In CARVALHO, M. do C. B. de (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez.
- _____ – 1998 – “A Entrevista Antropológica: Troca e Alteridade” In ROMANELLI, G. & BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (orgs.) *Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa*. Ribeirão Preto, SP: Legis Summa.
- ROSALDO, M. Z. – 1979 – “A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma Revisão Teórica” In ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (orgs). *A Mulher, a Cultura, a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- RUBIN, G. – 1975 – “The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex” In RELTER, R. R. (org) *Towards an Anthropology of Women*. New York.
- SAFFIOTI, H. I. B. –1991 – “Novas Perspectivas Metodológicas de Investigação das Relações de Gênero” In SILVA, M. A. M. *Mulher em Seis Tempos*. Araraquara, S.P.: Unesp.
- _____ – 1992 – “Rearticulando Gênero e Classe Social” In COSTA, A. de O. & BRUSCHINI, C. (Org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

- _____ – 1994 – “Posfácio: Conceituando o Gênero” In SAFFIOTI, H. I. B. & MUNOZ VARGAS, M. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos/ UNICEF/ NIPAS.
- SALÉM, T. – 1989 – “O Casal Igualitário: princípios e impasses” In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: ANPOCS, v. 3, n. 9, p. 24-37.
- _____ – 1992 – “A Despossessão Subjetiva” In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: ANPOCS, n. 18, p. 62-77.
- SARTI, C. – 1989 – “Reciprocidade e Hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo” In *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.70, p. 38-46.
- SCOTT, J. – 1990 – “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” In *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS, v. 15, n. 2, p. 13-32.
- SHORTER, E. – 1998 – “A Ascensão da Família Nuclear” In *A Formação da Família Moderna*. Lisboa: Terramar.
- SILVEIRA, P. – 1997 – “A Gênese extramundana do indivíduo: a ideologia moderna em Dumont” In CARDOSO, I. & SILVEIRA, P. (orgs.) *Utopia e Mal-Estar na Cultura: Perspectivas Psicanalíticas*. São Paulo: Editora Hucitec.
- SOT, M. – 1998 – “A Gênese do Casamento Cristão” In DUBY, G. (org.) *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar.
- STAVENHAGEN, R. – 1974 – “Estratificação Social e Estrutura de Classes” In VELHO, G.; PALMEIRA, M.G.S. & BERTELLI, A. R. (orgs.) *Estrutura de classes e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SUÁREZ, M. – 1997 – “A Problematização das Diferenças de Gênero e a Antropologia” In AGUIAR, N. (org.) *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record. Rosa dos Tempos.
- TRAJANO FILHO, W. – 1986 – “Que Barulho é esse, o dos Pós-Modernos?” In *Anuário Antropológico*. Brasília/Rio de Janeiro: Ed. UnB/Tempo Brasileiro, p. 133-151.

- TRIGO, M. H. B. – 1989 – “Amor e casamento no século XX” In D’Incao, M. A. e outros (orgs). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- VAITSMAN, J. – 1994 – “Hierarquia de Gênero e Iniquidade em Saúde” In *Physis – Revista de saúde coletiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, v. 4, n. 1, p.7-22.
- VAN GENNEP, A. – 1978 – *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda.
- VAN VELSEN, J. – 1987 – “A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado” In FELDMAN-BIANCO, B. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global.
- VELHO, G. – 1978 – “Observando o Familiar” In NUNES, Edson (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____ – 1985 – “O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social” In VELHO, Gilberto (org.) *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ – 1987a – “Cultura de Classe Média – Reflexões sobre a Noção de Projeto” In *Individualismo e Cultura – Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ – 1987b – “Visão de Mundo e Estilo de Vida em Camadas Médias Urbanas – Algumas Questões sobre o Estudo de Família” In *Individualismo e Cultura – Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____ – 1994 – “Indivíduo e religião na cultura brasileira” In *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- WILSHIRE, D. – 1997 – “Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento” In JAGGAR, A. M. & BORDO, S. R. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. (Coleção Gênero). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

WOORTMANN, K. – 1988 – “O Passado Escravo e a ‘Família de santo’ In *A Família das Mulheres*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.

_____ – 1997 – *Religião e Ciência no Renascimento*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

ZONABEND, F. – 1996 – “Da Família. Olhar etnológico sobre o parentesco e a família” In BURGUIÈRE, A. et alli (orgs) *História da Família*. (vol I). Lisboa: Terramar.

Anexo I – Roteiro de Entrevistas

1-a)Você trabalha fora? Por que? (se não, porque? Gostaria de trabalhar?) b)Onde você trabalha?

2-Você tem o seu próprio dinheiro?

3-Há quanto tempo você trabalha?

4-Há quanto tempo você está casado (a)?

5-a)O que você pensa sobre o casamento? Você se sente satisfeito(a) com o casamento?

b)Você acha que o casamento deve acontecer entre pessoas da mesma religião? Por que?

6-O que você entende por “a mulher deve ser submissa ao marido”? O que é não ser submissa?

7-a)Qual é o casamento ideal na concepção bíblica? b)O que você pensa de Adão e Eva?

8-Qual o casal ideal encontrado na Bíblia?

9-Você acha que é valorizada (o) no casamento?

10-O que falta no seu casamento? Quais são as coisas que mais lhe incomodam no casamento?

11-O que você pensa sobre relações sexuais? E sobre a gravidez antes do casamento?

12-Na sua opinião, o que Deus pensa sobre o sexo?

13-O que são “relações sexuais ilícitas”?

14-Se você não fosse crente, você acha que sua vida conjugal seria diferente?

15-O que é ser e o que é não ser o “cabeça” da família?

- 16-Você acha que a família passou por transformações?
- 17-Quantos filhos você tem? (pergunta respondida na “ficha de identificação”).
- 18-Por que esse número de filhos?
- 19-a) Quais as maiores preocupações suas em relação a seus filhos e o futuro deles? b) Que tipo de pessoa você espera para seu filho(a)?
- 20-Qual a orientação religiosa que você dá a seu(s) filho(s)?
- 21-Você acha que essa orientação vai preparar seu(s) filho(s) para o futuro no mundo?
- 22-Você tem diálogo com seus filhos sobre a sexualidade deles?
- 23-A igreja é importante na formação moral de seus filhos?
- 24-a) Há quanto tempo você está nesta igreja? Teve outra religião antes? Por que passou a freqüentá-la? b) Qual a importância dessa igreja na sua vida?
- 25-Qual o papel do homem na igreja? Qual o papel da mulher na igreja?
- 26-Por que não há mulheres pastoras, diaconisas ou presbíteras?
- 27-O que mais lhe satisfaz na igreja? O que mais lhe incomoda na igreja?
- 28-Você acha que o homem e a mulher estão em “pé de igualdade” na igreja ou não?
- 29-O que é ser um homem crente? E uma mulher crente?
- 30-Como você vê o papel da mãe/pai hoje e o que a Bíblia fala sobre isso?
- 31-Qual sua perspectiva em relação a seu futuro?

Anexo II – Quadros de caracterização dos informantes.

Temos abaixo uma especificação da amostra (dez casais presbiterianos). É importante observar que os nomes dados aos cônjuges nesta caracterização são fictícios e que o sexo dos filhos será indicado pelas letras “m” (masculino) e “f” (feminino), colocadas após a idade dos mesmos.

Casal 1 (nome)	Luís	Maria
Idade	45 anos	43 anos
Profissão	Representante comercial	Dona-de-casa e ajuda informal ao marido
Escolaridade	2º grau completo	2º grau completo
Nº. filhos/ idade/sexo	3 filhos (17-f., 15-f. e 13-f.)	
Tempo casamento	17 anos	
Tempo freqüência à igreja	6 anos	34 anos
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Católica	Presbiteriana
Cargo que ocupa na igreja	Diacono	2ª secretária da Sociedade Auxiliadora Feminina (SAF) e secretária de recreação da mesma sociedade
Igreja em que se casaram	Católica	

Casal 2 (nome)	Sérgio	Ana
Idade	34 anos	33 anos
Profissão	Químico industrial	Cabeleireira
Escolaridade	3º grau completo	2º grau incompleto
Nº filhos/ idade/sexo	2 (11-m. e 10-f.)	
Tempo de casamento	12 anos e 5 meses	
Tempo de frequência à igreja	14 anos (contando a frequência em outra cidade) e 1 ano (aqui em Rib. Preto)	13 anos (contando a frequência em outra cidade) e 1 ano (aqui em Rib. Preto)
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Católica	Católica
Cargo que ocupa na igreja	Nenhum	Nenhum
Igreja em que se casaram	Presbiteriana	

Casal 3(nome)	José	Janete
Idade	32 anos	36 anos
Profissão	Funcionário municipal	Bancária
Escolaridade	3º grau completo	3º grau completo
Nº filhos/ idade/sexo	2 (9-m.e 6-m)	
Tempo de casamento	12 anos	
Tempo de frequência à igreja	32 anos (contando frequência em outra cidade) e 13 anos (em Rib. Preto)	12 anos e 6 meses
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Presbiteriana	Católica
Cargo que ocupa na igreja	Diácono	Sócia da SAF e professora de crianças na Escola Dominical
Igreja em que se casaram	Presbiteriana	

Casal 4 (nome)	Francisco	Márcia
Idade	41 anos	43 anos
Profissão	Juiz classista	Professora
Escolaridade	3º grau completo	3º grau completo
Nº filhos/ idade/sexo	1 (10-f.)	
Tempo de casamento	13 anos	
Tempo de frequência à igreja	Aproximadamente 5 anos	8 anos
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Católica	Católica
Cargo que ocupa na igreja	Participação na liderança do grupo de casais	Participação na liderança do grupo de casais
Igreja em que se casaram	Católica	

Casal 5 (nome)	Alberto	Rita
Idade	41 anos	45 anos
Profissão	Dono de escola de línguas e professor	Dona (sócia do marido) de escola de línguas e professora
Escolaridade	3º grau completo	3º grau completo
Nº filhos/ idade/sexo	2 (6-f. e 7-f.)	
Tempo de casamento	10 anos	
Tempo de frequência à igreja	11 anos (incluindo frequência à igreja Batista) e 9 anos (na Presbiteriana de Rib. Preto)	32 anos (incluindo frequência à igreja Batista) e 9 anos na Presbiteriana de Rib. Preto)
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Católica	Católica
Cargo que ocupa na igreja	Nenhum	Professora da Escola Dominical (classe de solteiros, descasados e viúvos)
Igreja em que se casaram	Batista	

Casal 6 (nome)	João	Marilene
Idade	32 anos	36 anos
Profissão	Estudante (Seminarista)	Secretária
Escolaridade	2º grau completo	3º grau completo
N ° filhos/ idade/sexo	2 (7-f. e 5-m.)	
Tempo de casamento	10 anos	
Tempo de frequência à igreja	32 anos e 12 anos na Presbiteriana de Rib. Preto	36 anos e 10 anos na Presbiteriana de Rib. Preto
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Presbiteriana	Batista
Cargo que ocupa na igreja	Responsável pela organização do grupo de jovens (União da Mocidade Presbiteriana – UMP); professor da classe de adolescentes na Escola Dominical; líder de um grupo musical da igreja.	Co-responsável pelo grupo de jovens (UMP); professora assistente do marido na classe de adolescentes; sócia da SAF e regente do Coral de mulheres da SAF.
Igreja em que se casaram	Batista	

Casal 7 (nome)	Carlos	Inês
Idade	48 anos	44 anos
Profissão	Contador	Secretária e contadora (juntamente com o marido)
Escolaridade	2º grau completo (curso técnico)	2º grau completo
Nº filhos/ idade/sexo	2 (22-m. e 18-m.)	
Tempo de casamentto	24 anos	
Tempo de freqüência à igreja	20 anos (incluindo freqüência em igreja presbiteriana em outra cidade) e 17 anos na Presbiteriana em Rib. Preto.	19 anos (incluindo freqüência em outra cidade) e 16 anos na Presbiteriana em Rib. Preto.
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Adventista (o informante não relatou o tempo em que freqüentou a igreja dessa denominação)	Católica
Cargo que ocupa na igreja	Vice-presidente da Junta Diaconal	Secretária da Assembléia Geral da igreja; tesoureira do Lar dos Velhos e sócia da SAF.
Igreja em que se casaram	Presbiteriana	

Casal 8 (nome)	Antônio	Joana
Idade	39 anos	38 anos
Profissão	Pastor	Artesã
Escolaridade	3º grau incompleto	3º grau incompleto
N ° filhos/ idade/sexo	3 (13-f., 10-m. e 6-m.)	
Tempo de casamento	14 anos	
Tempo de frequência à igreja	21 anos de frequência na Assembléia de Deus; 18 anos na Presbiteriana e 3 anos e 6 meses na Presbiteriana de Ribeirão Preto.	38 anos de frequência na Presbiteriana e 3 anos e 4 meses na Presbiteriana de Rib. Preto
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Assembléia de Deus	Presbiteriana
Cargo que ocupa na igreja	Pastor e presidente do Conselho	Professora da classe de jovens na Escola Dominical; Secretária de Missões na SAF.
Igreja em que se casaram	Presbiteriana	

Casal 9 (nome)	Paulo	Fátima
Idade	42 anos	39 anos
Profissão	Engenheiro	Bancária
Escolaridade	3º grau completo	2º grau completo
Nº filhos/ idade/sexo	2 (15-f. e 18-m.)	
Tempo de casamento	20 anos	
Tempo de frequência à igreja	42 anos (incluindo frequência em outra cidade) e 20 anos na Presbiteriana de Rib. Preto.	39 anos (incluindo frequência em outra cidade) e 20 anos na Presbiteriana de Rib. Preto.
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Presbiteriana	Presbiteriana
Cargo que ocupa na igreja	Presbítero e conselheiro da União Presbiteriana de Adolescentes (UPA)	Conselheira da UPA; regente do coral de jovens; vocalista de um grupo musical da igreja
Igreja em que se casaram	Presbiteriana	

Casal 10 (nome)	Silvio	Teresa
Idade	43 anos	44 anos
Profissão	Professor	Bibliotecária
Escolaridade	3º grau completo	3º grau completo
Nº filhos/ idade/sexo	2 (18-f. e 16-m.)	
Tempo de casamento	20 anos	
Tempo de frequência à igreja	14 anos (incluindo frequência em outra cidade) e 11 anos na Presbiteriana de Ribeirão Preto	14 anos (incluindo frequência em outra cidade) e 11 anos na Presbiteriana de Ribeirão Preto
Membro da igreja (sim ou não)	Sim	Sim
Origem religiosa	Católica	Católica
Cargo que ocupa na igreja	Professor assistente da classe de jovens da Escola Dominical	Secretária do Departamento Infantil da Escola Dominical e sócia da SAF
Igreja em que se casaram	Católica	